

# PERDEU MANÉ, NÃO AMOLA

UM 'DICIONÁRIO' DO  
GOVERNO 'BORSONARO'

MARCELO PESSOA

PERDEU MANÉ, NÃO AMOLA MARCELO PESSOA

**PERDEU MANÉ, NÃO AMOLA:  
UM 'DICIONARO' DO GOVERNO  
'BORSONARO'**

Marcelo Pessoa

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP**

**2023**

**Revisão Linguística**

Dr. Marcelo Pessoa

**Direção de Diagramação e Arte**

Equipe Editorial AKEDIA Books & Journal

**Marketing**

Ariane Moraes

**Informata**

Paulo Henrique Pedro

**Capa**

Banco de dados Amazon / KDP

**Responsável pela Editoração**

Prof. Dr. Marcelo Pessoa

**Editor Corporativo**

AKEDIA Books & MPEducacional

**Outros títulos publicados pelo do Grupo SIC, Marcelo Pessoa, AKEDIA Books & MPEducacional**

1. **Nas Gerais da Cultura** – temas e práticas de redação jornalística / Área-Mãe das Letras – Linguística Textual: ISBN 9788590986102, 2009
2. **Linguagens, Sistemas & Sociedade** / Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9788590986119, 2013
3. **Publicações do Grupo de Pesquisa Sociedade, Imagens e Cultura (SIC)** / Área-Mãe da Divulgação Científica: ISBN 9788567463827, 2015
4. **Romance Digital** / Área-Mãe das Letras – Literatura: ISBN 9788590986140, 2017
5. **Divulgação Científica Universitária I** / Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9788590986133, 2017 – 1º semestre
6. **Divulgação Científica Universitária II** / Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9788590986126, 2017 – 2º semestre
7. **Divulgação Científica Universitária III** / Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9788590986157, 2019
8. **A Crônica-Canção de Caetano Veloso** / Área-Mãe das Letras – Crítica Literária: ISBN 9781655813313, 2020
9. **A Crônica-Canção de Chico Buarque** / Área-Mãe das Letras – Crítica Literária: ISBN 978-85-909861-6-4, 2020
10. **Fronteiras em Movimento** – os desafios da ciência na era digital // Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9781656124340, 2020

## **Conselho Consultivo – Selo Editorial Marcelo Pessoa / AKEDIA Books**

**Dr. Carlos Eduardo Falavigna da Rocha** (USP – Universidade do Estado de São Paulo).  
Instituto de Biociências – Depto. de Zoologia, Cidade Universitária  
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0940432323590880>

**Dr. Fábio Akcelrud Durão** (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Depto. Teoria Literária, Cidade Universitária Zeferino Vaz)  
Currículo: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/88713/fabio-akcelrud-durao/>

**Dr. Dionísio Vila Maior** (UAL – Universidade Aberta – Lisboa, Portugal)  
Currículo: <https://www2.uab.pt/departamentos/DH/detaildocente.php?doc=38>

**Dra. Susanna Busato** (UNESP – Universidade Estadual Paulista, Ibilce)  
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6152020642730749>

**Dr. Isaar Soares de Carvalho** (UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal)  
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5170432437971562>

**Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes** (UEL – Universidade Estadual de Londrina)  
Currículo: <https://scholar.google.com.br/citations?user=mxLDTXIAAA&hl=en>

**Dr. Rodrigo Ney Millan** (UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal)  
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4521089561104903>

**Dr. Marcelo Pessoa** (UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal)  
Currículo: <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

**Dr. Jorge Pedro Sousa** (Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal)  
Currículo: <http://jorgepedrosousa.ufp.edu.pt/jorge-pedro-sousa---curriculo>

**Dr. Eder Ângelo Milani** (UFGO – Universidade Federal de Goiás – Campus Samambaia)  
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1420630122459706>

**P 475c CDD B8698 CDU 3 - 331- 49**

**ISBN 9798850114961**

**AKEDIA Books & MPEducacional**

**São José do Rio Preto – SP**

**Selo editorial: Independently published**

**AMAZON, KDP, 2023**

## SUMÁRIO

**Apresentação**

**Formando convicção sobre a existência de uma terra arrasada**

**Quando o sintagma interfere no paradigma**

**Do gabinete do ódio à secretaria do amor**

**Conhecereis a linguagem da política, e ela vos libertará**

**No meio do caminho tinha uma pedra [...] (Carlos Drummond de Andrade)**

**[...] Tinha uma pedra no meio do caminho (Carlos Drummond de Andrade)**

**Uma mentira dita mil vezes vira verdade – Goebbels**

**De tanto levar, frechada do teu olhar – Adoniran Barbosa**

**‘dicionário’ – por um glossário do governo ‘borsonaro’**

**A cicuta nossa de cada dia nos dai hoje**

**Há uma guilhotina para cada um de nós – entre na fila**

**Referências**

## Apresentação

Sobre o título, a expressão que o compõe, “Perdeu, Mané, não Amola”, foi dita, em 15/11/2022, pelo Ministro Luís Roberto Barroso, do STF (Supremo Tribunal Federal), em Nova Iorque – EUA, a um cidadão brasileiro que, no meio da rua, o questionou sobre a sua posição quanto ao Relatório das FFAA – Forças Armadas, feito nas urnas eletrônicas. Já, os vocábulos “Dicionário” & “Borsonaro”, são neologismos criados à moda de Adoniran Barbosa, no que fazemos uma sobreposição do uso das palavras aqui reunidas, como ‘frechas’, visto que o Presidente virou o ‘álvaro’ preferido delas.

Sobre o conteúdo do livro, durante o governo Bolsonaro, tive a oportunidade de atuar como comentarista político, numa Rede de TV, em São José do Rio Preto – SP. A programação gerada ali, era retransmitida pela TV Rio Preto, pela EBC (Empresa Brasileira de Comunicação) e pela Rede Morada do Sol e outras afiliadas pagas.

Foi nesta condição, também que, pautando o programa jornalístico, intitulado “60 Minutos”, pude ter acesso diário e coletar informes sobre os vários cenários da política nacional e internacional. E foi assim, também, que, durante os 04 anos do governo Bolsonaro (2019-2022), reuni um conjunto de ao menos 53 palavras e expressões linguísticas que midiaticamente eram usadas para defini-lo, para se dirigir aos seus familiares, ou a membros de seu governo ou aos seus eleitores. O objetivo essencial aqui, não é outro, senão o de reunir todos os vocábulos que ajudem o leitor na compreensão sociolinguística do que foi o ‘espírito do tempo’ do governo de Bolsonaro.

Estes verbetes e expressões, num total de 374 termos, serão trazidos ao conhecimento público, e reservam em si, a coerência de se reportarem a fenômenos intelectuais que povoaram e que, supõe-se, ainda permanecerão no imaginário do povo brasileiro, por diversas razões que aqui não serão desenvolvidas, senão *en passant*, face ao caráter extenso da argumentação que se exigiria e, portanto, inapropriado ao formato livro.

Uma questão que se levanta, e que justificou o tempo dedicado a escrevê-lo, é a de entendermos, a maneira que, por meio de recursos retóricos, discursivos, imagéticos, linguísticos, o Brasil teria deixado de ser um exemplo para o mundo, no quesito da recuperação econômica no Pós-Pandemia de COVID-19, e habitado por cidadãos patriotas, até o final de 2022 e, de repente, ter se transformado numa terra arrasada, des governada, habitada por terroristas e golpistas, já na primeira semana de 2023.

Para a escritura desta obra, metodologicamente fizemos uma varredura bibliográfica em acervos físicos e digitais, orientada sob o prisma linguístico e sociocultural quanto ao emprego dos léxicos e expressões aqui tratados.

## Formando convicção sobre a existência de uma terra arrasada

Para iniciar a leitura deste livro, é imprescindível darmos ao leitor, uma síntese do contexto social, político e cultural que balizou nossa escrita: o cerne de nossa questão incide sobre a produção e a difusão da informação. Portanto, é inevitável que nesta tratativa se coloquem frontalmente pensamentos divergentes da Linguagem, da Comunicação, da Política, da Economia, da Cultura, da História. Nossa abordagem quanto ao impacto dos efeitos midiáticos na sociedade contemporânea, será tão analítica quanto imparcial, até os limites em que um Cientista da Linguagem e um Conservador nos Costumes se permitirá sê-lo, observando um período que priorizará o mandato de governo presidencial, exercido por Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

Cabe fazer a ressalva de que, o termo ‘Cientista’ encerra por significado, a ideia de que alguém é um Cientista, quando se debruça sobre os fenômenos do mundo, e tenta descrevê-los, determinando, por meio de análises dos fatos, as razões pelas quais as coisas são como são, e não como deveriam ser, segundo os desejos de alguém, de um grupo, de uma empresa, de um governante etc.

Por sua vez, da imensa sabatina que se pode fazer sobre o vocábulo ‘Conservador’, adoto a versão compacta da ideia de Conservadorismo, que trata da adesão a um conjunto de “valores universais e objetivos, requeridos por todas as vidas boas”. Adoto esta premissa, pois vejo que esses valores, “não apenas se apresentam como a base moral de qualquer sociedade civilizada; eles são a condição para a existência de um universo pluralista e das escolhas necessárias que o agente político poderá efetuar” (COUTINHO, 2014, p. 52).

E, como prometi ser sintético sobre os valores do conservadorismo, recorro a Russell Kirk (1918-1994), que os resume assim: “O conservador pensa na política como um meio de preservar a ordem, a justiça e a liberdade. O ideólogo, pelo contrário, pensa na política como um instrumento revolucionário para transformar a sociedade e até mesmo transformar a natureza humana” (adaptado de KIRK, 2021).

Edmund Burke (Dublin, Irlanda: 1729-1797). Pai do Conservadorismo moderno.



Os eventos linguísticos e comunicacionais do momento citado, nos chamaram a atenção, tanto sob o prisma da Ciência, quanto pelo viés do Conservadorismo, na medida em que alguns usos particulares da linguagem em certos contextos e dos meios de comunicação tradicionais e os hospedados em plataformas digitais, nos sugeriram a hipótese de uma eventual manipulação da linguagem, a qual poderia não apenas ser coadjuvante, mas, determinante para a organização e produção dos resultados políticos ao longo da nossa História recente, tais como os ocorridos neste final do ano de 2022 e início de 2023.

Sem irmos muito longe no descritivo do enorme aporte bibliográfico que já se



constituiu sobre o tema da comunicação de massa e da manipulação da linguagem, convém pinçarmos, regido sob o viés do recorte acima proposto, fragmentos da intenção linguística das mensagens deixadas por aquele que foi considerado, ao mesmo tempo, um gênio da comunicação do Século XX e o principal difusor da propaganda de guerra nazista, Paul Joseph Goebbels (1897-1945. Foto ao lado:

Goebbels: [https://s1.static.brasiiescola.uol.com.br/be/e/Josef\\_Goebbels.jpg](https://s1.static.brasiiescola.uol.com.br/be/e/Josef_Goebbels.jpg)).

Ideólogo da comunicação nazista, esteta de um contexto pouco explorado pela academia, o Ministro da Propaganda de Hitler, Goebbels, escreveu, em suas anotações: “Em jornal e rádio, mandarei usar uma linguagem declaradamente revolucionária, sem consideração para com a política interna ou externa” (GOEBBELS, 1978, p. 217). E, o resultado histórico, foi o de que, “Na sua marcha em direção à Utopia, o ideólogo é impiedoso” (adaptado de KIRK, 2021).

Sem inventar pontes que conectem o nazismo de Goebbels ao esquerdismo lulopetista, é inegável que este pressuposto da propaganda nazista nos remete ao caráter ideológico que não apenas orientou o ideário de Goebbels, como também impregna e se ajusta à frase de Lula, dita num evento cultural, em Recife – PE, em 21/07/2022: “Vamos fazer uma revolução cultural neste país”

(<https://jc.ne10.uol.com.br/politica/2022/07/15049049-vamos-fazer-uma-revolucao-cultural-neste-pais-diz-lula-no-recife-em-encontro-com-artistas.html>), frase esta que foi repetida, pelo próprio Lula, durante a posse de sua Ministra da Cultura, Margareth Menezes, em 06/01/2023: “Nessa 1ª nossa reunião, Margareth, se prepare. Vamos ter que fazer revolução cultural nesse país” (<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/lula-avisa-margareth-menezes-vamos-fazer-uma-revolucao-cultural>).

É fácil constatar que, até 27/06/2023, a única força revolucionária a agir de dentro deste Ministério, foi a de elevar ao patamar das alturas, os cachês pagos a artistas que ‘fizeram o L’ durante a campanha eleitoral:

Cultura

## Lei Rouanet: Governo aumenta limite de cachês de artistas e valores de captação para empresas

No caso de 'artista, solista e modelo', cachê foi de até R\$ 3 mil para até R\$ 25 mil; veja todas as mudanças

(Fonte da informação: Portal O GLOBO: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/04/lei-rouanet-governo-aumenta-limite-de-caches-de-artistas-e-valores-de-captacao-para-empresas.ghtml>, 27/06/2023)

E indo ainda mais adiante na visada das proposituras ideológicas de Goebbels: “Aliás, pretendo agora radicalizar particularmente nossa política de propaganda e notícias. Nessa fase da guerra, a melhor linguagem é a linguagem mais dura” (GOEBBELS, 1978, p. 234). Sem dúvida, esta é uma frase ou ideia truculenta.

Do mesmo modo, sou ideologicamente embrutecido, quando o Presidente Bolsonaro, em 11/08/2021, participou de um desfile de carros blindados do Exército, acompanhado de boa parte dos militares de primeiro escalão que compunham o seu *staff*, em plena Praça dos Três Poderes – Brasília – DF. Esta comunicação mais, digamos, ‘rústica’, dura, pode não ter funcionado bem:



(Crédito da Foto: Ed Alves/CB/D.A. Press. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4942946-desfile-de-tanques-provoca-constrangimento-na-esplanada.html>)

No próximo trecho de suas anotações, Paul Joseph, ao revés da diplomacia, parece dar uma receita sobre o 'modo correto' de como agir e se comunicar com o povo: "De um lado, elogia-se particularmente a calma com que consegui fazer o meu discurso; de outro lado, de vez em quando, exige-se que eu fale com mais entusiasmo. Acredito, porém, que a maior parte do povo se deixará convencer atualmente mais pela calma do que pela histeria" (GOEBBELS, 1978, p. 34).

Mas, de que modo Goebbels executou estes e outros fundamentos dessa sua arte comunicativa? Como, por meio do seu famigerado "Ministério do Reich Para Esclarecimento Popular e Propaganda" (1933), ele ganhou o *status* de mestre das comunicações do Século XX?

Primeiramente, é importante frisar, que o dito Ministério se organizava dividido em sete departamentos: administração e jurídico; comícios em massa, saúde pública, juventude e raça; rádio; imprensa nacional e estrangeira; filmes e respectiva censura; arte, música e teatro; e proteção contra a contrapropaganda, tanto nacional como estrangeira.

E, segundo o próprio Goebbels, sua função ministerial era a de mobilizar o espírito alemão e promover o entusiasmo popular. Foi assim que o *Reich* nazista (Reich: palavra alemã para 'reino' ou 'império'), se fez representar pelo seguinte lema: "Ein Volk, ein Reich, ein Führer" ("Um povo, um império, um líder").

Vale aqui, um breve adendo sobre o vocábulo 'nazista'. Esta palavra, oriunda do termo 'Iгна', era, na Alemanha, uma variação do nome próprio que, em português, deu origem aos nomes 'Ignácio', como o temos registrado nomeando um de nossos mais brilhantes escritores, o Ignácio de Loyola Lopes Brandão (nascido em 1936), e como também aparece numa variante gráfica, no nome de batismo do político Luiz Inácio 'Lula' da Silva (nascido em 1945).

Embora o termo 'nazista' tenha alcançado o mundo todo, a partir do advento da II Guerra Mundial (1939-1945), sobretudo com as empreitadas de Adolf Hitler (nascido em 1889, Áustria; morto em 1945, Alemanha), sabe-se que o designativo 'nazi', advém de uma sigla, que se formou desde o surgimento do NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – 1920-1945). Outra coisa que se conhece a tal respeito, é a de que o primeiro uso do termo 'nazista', data de 1926, por intermédio de uma publicação, atribuída a Joseph

Goebbels, chamada “Der Nazi-Sozi” (“O Nazi-Sozi”). No título desta obra de Goebbels, se associam, ao menos, duas palavras alemãs (donde se retiram as duas sílabas em negrito): a primeira, a ‘**Nationalsozialistische**’, de onde teria vindo, portanto, um termo sarcástico, usado para se dizer algo aos ‘nazi’; e, a segunda, a palavra ‘**Sozialist**’ (de onde se teria dado a redução negritada ‘sozi’).

Entretanto, o nazismo ou a designação de nazista, de fato, passou a se referir, não somente aos filiados ao NSDAP (1920), mas, predominantemente, aos integrantes de outro partido, o Partido Nazista, fundado antes, em 1919, e que passou a ser liderado por Hitler, em 1921. Mas, por que os integrantes do Partido Nazista mantiveram o designativo de ‘nazistas’ para se identificarem? Simples.

O termo ‘nazi’ ou ‘nazista’, fruto da sigla em alemão designativa do já citado NSDAP, servia como um hipocorístico identificador das pessoas do povo que ao NSDAP eram filiadas, isto é,

|  |
|--|
| Hipocorístico: diz-se de ou qualquer palavra criada ou prenome modificado (ou qualquer vocábulo de uso antroponímico) com intenção de carinho, para uso no trato familiar ou amoroso (papai, mano, benzinho, Marcão [por Marcos], Fafá [por Fátima], Mariinha [por Maria], Tião [por Sebastião] etc.). |
|--|

dos trabalhadores, e, por extensão, do proletariado alemão. Este modo de tratamento, é o mesmo tipo que ocorre em português, quando empregamos palavras como ‘Tonhão’ (para Antônio), ‘Mozinho’ (para ‘meu amor’), ou ‘Capiiau’ (para ‘caipira’). E foi assim que alguns nazistas, dissidentes do NSDAP, se juntaram aos novos membros do Partido Nazista, por meio de uma identidade natural que enxergaram haver entre o que já eram e o que o novo Partido lhes oferecia, constituindo assim, a base popular do que, mais adiante, iria se tornar o força motriz (o espírito e o entusiasmo) do 3º *Reich* alemão.

Mas, retornando ao Ministro da Propaganda, lembremos que saíam deste Ministério todo tipo de planejamento de comunicação voltado à sociedade nacional e internacional. Dentre as produções artísticas que dali saíram, ou que apoiaram a causa do *Führer*, temos o livro de contos, proibido de circular no mundo inteiro, intitulado *O Cogumelo Venenoso* (1938).

Este, por sua vez, é um suposto livro de ficção que, se valendo da tipologia textual literária ‘Conto’, usa a linguagem metafórica para promover descritivos sobre o povo judeu, fomentando o ódio num grau tão elevado, que não fica difícil a quem quer que seja, entender a razão pela qual esta obra, escrita por Ernst Hiemer (1900-1974), foi banida dos estudos literários e das livrarias: “Os jovens alemães devem aprender a reconhecer o venenoso cogumelo judeu. Devem

aprender que o judeu é perigoso para o Povo Germânico e também para o mundo todo. Devem aprender que a Questão Judaica envolve o destino de todos nós. Os contos que se seguem, contam a verdade sobre os venenosos cogumelos judeus. Mostram as diversas formas que os judeus assumem. Mostram a depravação e a baixez da raça judaica. Mostram o judeu como ele realmente é: o demônio em sua forma humana (HIEMER, 1938, p. 08).



Cartaz de propaganda adverte: cuidado com os 'subumanos do Leste Europeu'. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-propaganda>. Acesso em: 27/06/2023.

Do mesmo Ministério de Goebbels, se originaram célebres peças publicitárias advindas de sua maestria, que se replicaram pelo mundo todo, ainda que muitos as reneguem na certidão de nascimento, omitindo a real paternidade de seu inventor. Uma ou duas delas ao menos nos são bem familiares no Brasil.

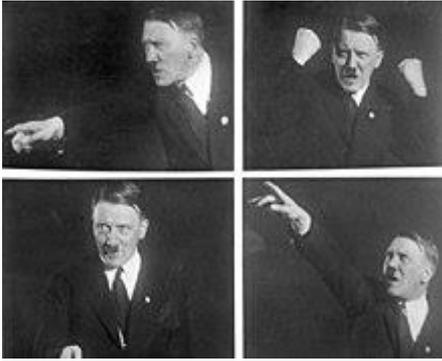
Por exemplo, imaginemos uma cena, em que políticos, candidatos aos mais diversos cargos, apareçam publicamente segurando criancinhas no colo, beijando velhinhos, abraçando mendigos, prometendo melhorias na saúde, educação, transporte, lazer e cultura. Dizendo “Vamos melhorar o mundo e fazer o povo feliz. A esperança voltou e o amor vencerá” etc.

Tenhamos, agora, outro recurso, o da oratória. Quem já não ouviu e não se deixou envolver pela alternância que se faz, entre ‘suavidade’ e ‘impetuosidade’, visíveis, tanto no tom de voz quanto na postura corporal ou gestual de um Pastor, de um Político, de um Ator, de um Professor, quando estão pregando, fazendo campanha, atuando ou lecionando?



Cena do filme *A Terceira Onda*.  
Direção de Dennis Gansel, 2008.

Pois bem, essas estratégias, que hoje nos parecem bastante comuns e até mesmo superadas, foram criadas na Alemanha, por Joseph Goebbels, na década de 1930 e, desde então, reproduzidas por livros teóricos. Inclusive, atribui-se ao mesmo Goebbels, a autoria da frase: “uma mentira dita mil vezes, se transforma em verdade”. E, no presente caso deste livro, isto serve tanto para validar palavras e frases como: “eu sou inocente”, ou, “ele é um genocida”.



Na foto acima: Hitler posando para uma câmera durante um discurso, em 1930. Fonte: Wikipedia.

E, para apenas termos uma noção visual e auditiva do que estamos falando, é recuperável pelo YOUTUBE, mas também está no repositório digital do *site* do Daily Motion, um vídeo, em que o próprio *Führer* (o líder alemão em pauta) se comunica assim com o seu público, nos anos de 1930 e, naquele momento, já sob a orientação daquele que seria o seu Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels. O

título da postagem é “Adolf Hitler – Você disse que eu era um sonhador”.

Vale muito à pena o acesso ao pequeno filme, que compila uma série de imagens reais, em 02min53s, mantendo como som de fundo, a voz do próprio Hitler. Sobre este vídeo, quer seja por mera curiosidade, quer seja por interesse estudantil, o link da película é este (<https://www.dailymotion.com/playlist/x6iw6c>).

Apesar de nele, o idioma original ser o alemão, para a compreensão dos elementos que estamos discutindo aqui, referentes à imitação corporal e de voz, a amostra serve bastante. Há legendas no vídeo e elas nos ajudam nisso.

Outra visualização que também compensa acessar, depois de sabê-la, aqui, é a que temos ao lado. Em destaque, a semelhança da composição ao lado, com as fotografias acima, com o *Führer*, sobrepostas. Esta montagem foi feita pela Revista ISTO É. Disponível no *site* da própria ISTO É, apesar de ainda estar lá, o acesso à imagem, às



vezes, é bloqueado por algum tipo de ferramenta digital, que a recorta pela metade (Link: <https://istoe.com.br/wp-content/uploads/2021/10/65-2.jpg?x89619>).

Também, sob o limite da imparcialidade com que nos propusemos a discutir o tema linguístico e comunicacional neste livro, é bem claro e fácil de afirmar, que o conteúdo da fala de Hitler, no vídeo, tanto pode nos remeter ao contexto do governo de Bolsonaro, quanto nos fazer lembrar eventos ou atos de Lula.

Nos remete a atos de Bolsonaro, por exemplo, quando este se volta à exaltação de valores como Pátria, Tradição. Nas imagens do vídeo, fica explícito à audiência, o forte apelo que a tais elementos se faz, apresentando-se desfiles militares, as construções históricas da Alemanha e a bandeira nacional alemã com a suástica.



É bem audível, também, a consagração da ideia de uma grande e bela Alemanha, abençoada pelo Papa Pio XII (ele aparece nas imagens). Foi assim que se inflamou, no Brasil, durante os últimos 04 anos (2019-2022) do governo Bolsonaro, e. g., a força que teria sido



um país, regido pelo *slogan* “Pátria Amada, Brasil”. Do mesmo modo, que se deu apego às benesses do céu, com outro *slogan* bolsonarista: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” (Imagens disponíveis na internet).

Nos remete a atos de Lula, e. g., quando este último disse em sua campanha, que o pobre voltaria a ser feliz, e quando ajudou a promover, para as eleições de 2022, no *site* oficial do PT (Partido dos Trabalhadores), a adesão dos jovens para realizarem seu primeiro voto (foi um grande apelo à juventude petista).



(Foto: <https://pt.org.br/comites-populares-de-luta-do-pt-lancam-campanha-do-primeiro-voto/>)

Do mesmo modo, a analogia existe. O *Führer* fala em seu discurso, sobre desejar trabalhar pelo fim da pobreza do povo alemão, e se volta apoteoticamente à força, ao futuro e à esperança depositada na juventude hitlerista.

Ainda teoricamente falando, cabe também uma breve menção ao livro *Comunicação Não-violenta*. Nele, se revela ao interessado no assunto aqui descrito, o fato de que, “Ao estudar a questão do que nos afasta de nosso estado natural de compaixão, identifiquei algumas formas específicas de linguagem e comunicação, que acredito contribuirão para nosso comportamento violento em relação aos outros e a nós mesmos. Para designar essas formas de comunicação, utilizo a expressão ‘comunicação alienante da vida’ (ROSENBERG, 2006, p. 42).

(Foto: Juventude Hitlerista: <https://racismoambiental.net.br/2017/04/10/midia-e-manipulacao-das-massas-uma-fatal-combinacao-capaz-de-derrubar-governos-ou-levantar-ditaduras-como-a-nazista/>)

A produção de Goebbels, visto que oriunda de um momento repugnante da História humana (II Guerra Mundial, o Nazismo, o Fascismo e o Antissemitismo), abdicou naturalmente de seu posto de referencial inovador no terreno da comunicação social, passando a ocupar o lugar reservado aos preceitos abjetos e mais abomináveis da humanidade. E não é por causa de fotos graciosas como a que temos ao lado, que poderíamos dizer que o amor venceria a guerra, não é?



Em menor grau, também a obra de Rosenberg (2006), integralmente denominada *Comunicação Não-violenta – técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*, ainda que tratasse de um tipo de comunicação dita ‘passiva’, que surgiu assim, regida que foi pelo pretexto de tentar ‘melhorar’ os atos de interação humana e corporativa, acabou por semear na juventude, o medo de se posicionar, fortalecendo entre os jovens e até mesmo em meio aos adultos, o postulado do politicamente correto dentro da esfera da linguagem, pilares sobre os quais, atualmente, assentam boa parte do perfil sociocultural e comunicativo das Gerações X, Y, Z (BOCK-CÔTÉ, 2021):

**Geração Baby Boomers** (os protagonistas da “explosão do nascimento de bebês, no pós II Guerra Mundial): nascidos entre 1940 e 1960 (atualmente com 60 a 80 anos) **Geração X**: nascidos entre 1960 e 1980 (atualmente com 40 a 60 anos) **Geração Y** (também chamados de Millennials ou de Geração do Milênio): nascidos entre 1980 e 1995 (atualmente com 25 a 40 anos) **Geração Z**: nascidos entre 1995 e 2010 (atualmente com 10 a 25 anos)

(Terminologias geracionais acima, adaptadas de PESSOA, 2016 e da internet)

Evoquemos agora, um tom mais ameno para darmos continuidade ao nosso propósito aqui. Neste sentido, contaminemos nosso livro com menos elementos digressivos teóricos e moralmente pesados, que nos manteria presos a juízos de valor sobre assuntos que não dominamos totalmente ou repudiamos *a priori*.

Por isso, é bem útil, o recurso mediador de um vídeo, produzido pela equipe do Jornal *Gazeta do Povo*, no início do ano de 2023, posto que, com ele, se atenuam as atitudes de Goebbels, de Hiemer e de Rosenberg, estabelecendo entre estes autores, uma espécie de fio condutor mais palatável à leitura.

O vídeo da *Gazeta*, com menor rigor teórico, portanto, trata do uso da linguagem e de parte de seus efeitos na formação da opinião pública. Nesta postagem fílmica, intitulada “Como a manipulação da linguagem distorce a opinião pública” (Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=iwJPt\\_nJnPQ](https://www.youtube.com/watch?v=iwJPt_nJnPQ)), discute-se o modo como a narrativa midiática (como as que teriam sido empregadas por GOEBBELS, 1978), ou mesmo as estratégias de linguagem (nos moldes de ROSENBERG, 2006) e a produção literária (HIEMER, 1938) têm sido, no Brasil, orientadas para construir, distorcer, ou induzir conformações linguísticas enviesadas pelo prisma de uma semântica social, política e cultural que atenda a interesses particulares de uma pessoa, de um grupo, e não de uma Nação.

Embora o vídeo da *Gazeta do Povo* não traga ao presente texto a mesma relevância teórica que a discussão de Goebbels, de Hiemer ou Rosenberg trariam, o fato de o vídeo ter sido produzido nos primeiros dias de 2023 e, por conseguinte, eivado pelos acontecimentos sociais, políticos e culturais que englobam fenômenos linguísticos que antecedem, perduram e aparentemente se perpetuarão após o término do governo de Jair Bolsonaro, o torna relevante.

Estes fenômenos sociolinguísticos, fazem com que tal publicação videofonográfica, para os efeitos de nosso livro, se alinhe com a mesma intimidade e fluidez ao recorte histórico que dentro dela se faz, sobretudo, se ainda mantivermos na visada, o forte contorno de apelo popular que as postagens no YOUTUBE e nas demais redes sociais atualmente suscitam.

E, por último, e não menos importante, trazemos à baila teórica, o livro de Oliviero Toscani (1996), denominado *A Publicidade é um Cadáver que nos Sorri*, priorizando dele, o seu Capítulo 7, intitulado “Cruz, Suástica, Coca-Cola”.

O título do livro, mas, sobretudo, o nome do Capítulo 7, intuitivamente já permitem ao leitor entender a conexão que estes podem ter com os postulados comunicativos de Goebbels, de Hiemer, de Rosenberg e o modo como estes elementos podem ter se tornado mais ou menos evidentes ao grande público durante o governo Bolsonaro e, mais especialmente, após o término de seu mandato que, ao invés de extinguir a polarização política, parece tê-la recriado. Contudo, para não deixarmos nosso qualificado leitor sem uma mínima pista da charada linguística e comunicativa que nos poremos a discutir, leiamos a seguir, um excerto de Toscani, sobre o tema que nos interessa tratar – a comunicação: “As gravuras religiosas, as ilustrações dos livros de catecismo, os quadros nas igrejas eram os primeiros meios de comunicação. Era o único universo de fantasia e de fascínio. Ali descobri o mistério, o sangue, as mulheres iluminadas ou chorosas, a morte, o êxtase, o poder dos símbolos. Compreendi como duas simples linhas cortadas, a cruz, podiam tornar-se um logotipo universal, carregado de uma intensa força promocional e moral” (TOSCANI, 1996, p. 131). No caso brasileiro, já não há tantos mistérios sociolinguísticos assim a serem desvendados. Os sinais estão bem evidentes, lançados à nossa frente, e a nós, basta somente observá-los com algum cuidado. E é isto que esta obra faz.



(Link da imagem: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/lula-divulga-ideos-de-estragos-no-planalto-e-mostra-imagem-de-cristo>)

A foto acima, é de 09/01/2023. Ela fixa um instante em que Lula, nascido Luiz Inácio da Silva (27/10/1945, Caetés – PE), iniciando seu 3º mandato presidencial no Brasil, posta um vídeo em suas redes sociais, em que aparece acariciando uma escultura da figura de Jesus Cristo, na cruz, dizendo para a imagem do homem crucificado: “eu já voltei, agora você vai voltar e, juntos, vamos mudar esse país” (Íntegra do vídeo, disponível em: [https://youtu.be/JCQhT68af\\_w](https://youtu.be/JCQhT68af_w)).

No já mencionado vídeo, intitulado “Adolf Hitler – Você disse que eu era um sonhador”, o mesmo artifício linguístico é enunciado pelo *Führer*: “Eu sempre acreditei em nosso retorno ao poder” (Link: <https://www.dailymotion.com/playlist/x6iw6c,02min07s>). É claro que a semelhança dos dois enunciados não faz de Lula um nazista, ou de Hitler, um petista. Contudo, sob o ponto de vista da linguagem, é patente que, nos dois casos, a persuasão para a promoção da adesão das massas a certas ideias, é o alvo a ser alcançado. E isto, é fato, tanto se ancorarmos isto à mensagem de Toscani ou aos postulados de Goebbels.

É assim, em suma, que Lula se apropria do mito crístico e de toda a simbologia Cristã, com voz e imagem, tomando-a por representação de sua própria imagem, modulando a essência da volta do Salvador à semelhança de seus próprios interesses. Mas, quais seriam estes objetivos? Qual o alvo?



(Link da imagem: <https://chumbogrossomanaus.com.br/wp-content/uploads/2019/07/images-8.jpeg>)

Desse modo, pratica-se uma estratégia de comunicação não violenta, politicamente correta, direcionada para a atração de religiosos, de Conservadores à sua causa (cf. ROSENBERG, 2006)? Provável. Segundo Reinaldo Azevedo, foi “Da maçaroca de esquerdismos não dogmáticos [que] nasceu uma vulgata virulenta: o pensamento politicamente correto” (AZEVEDO, 2008, p. 78). Na linha de comunicação lulopetista, houve a inclusão de “Negros, feministas, homossexuais, índios, sem-terra, sem-teto, sem eira nem beira...”. E, “Todos [que] anseiam que a História seja vivida como culpa”. Enfim, “a desculpa se traduz na concessão de algum privilégio”. E, “Isso, que já é uma ética coletiva, supõe que todos são vítimas de alguém ou de alguma coisa. De quem ou do quê? Ninguém sabe. ‘Da sociedade’, talvez” (AZEVEDO, 2008, *id. ib*).

Igualmente, notamos a cooptação da simbologia religiosa que reverbera o pensamento de Toscani (1996). É patente, nesta conduta de Lula, a inserção de mais um dos postulados da linguagem propagandística de Goebbels: “Para mim, tais profecias astrológicas não têm o menor significado; tenciono utilizá-las numa propaganda para o povo, de modo anônimo e disfarçado, pois, num tempo tão crítico, a maioria das pessoas se agarra a qualquer tábuca de salvação, por mais fraca que seja” (GOEBBELS, 1978, p. 218).



Capa: Revista *Piauí*, agosto, 2017.

Bolsonaro também usou do repertório religioso. Em 19/05/2019, ele publicou um vídeo, em que o “pastor Steve Kunda, nascido no Congo, África, fundador de uma igreja evangélica em Orleans – França, diz que o Presidente brasileira seria um político ‘estabelecido por Deus’ para guiar o País” (<https://exame.com/brasil/bolsonaro-publica-video-de-pastor-dizendo-que-ele-foi-escolhido-por-deus/>).

A foto abaixo, no Muro das Lamentações – em Israel, é de um mês antes desta ‘profecia’ de Kunda: 01/04/2019. Nota-se que ambos os eventos, além de místicos, são midiáticos e vêm do início de seu mandato.



(Link da foto: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/01/bolsonaro-visita-muro-das-lamentacoes-ao-lado-de-netanyahu.ghtml>)

A partir desta proposição midiática de Lula, surge a curiosidade de sabermos a razão pela qual o Brasil precisaria dele, Lula, e de Jesus Cristo para se salvar. Segundo esta curiosa visão nacional lulopetista, um país assim, tão perdido, destruído, política e economicamente acéfalos, e um povo tão desiludido, desamparado e vulnerável só poderiam, mesmo e ironicamente, é contar com a volta do Messias, mas não, é claro, do Jair Messias, mas o próprio Jesus Cristo. Este Messias, o Jair, por sinal, pode não voltar, visto que pode se tornar inegável, após um julgamento que está ainda se realiza no TSE (Tribunal Superior Eleitoral), cujo andamento, apesar de ‘previsível’, ainda se desenrola, no dia 27/06/2023. Alega-se, neste julgamento, que Bolsonaro não poderia ter se reunido com Embaixadores, como o fez, em julho de 2022. O Jair só escapará dessa condenação, se houver algum tipo de ‘falha processual’, não havendo, a sentença é previsível.

Recorrer à métrica poética da salvação, inclusive, já foi artimanha vitimizante de Lula, detectada em matéria jornalística do Jornal *EL PAÍS*, de 14/07/2017: “Para juristas e especialistas em *marketing* político, entrevistados pelo *EL PAÍS*, Lula precisa emplacar a versão de que sofre perseguição política, porque esse é o único caminho para manter seu eleitorado fiel” (HAIDAR, 2017).

Mas, será mesmo que Lula faz isso? Ademais, se faz isso, seria esta uma tentativa de imunização política, registrada pelo *EL PAÍS*? À época, ainda em

2017, Haidar, o repórter, falava a respeito de um conjunto de acontecimentos, tidos como líquidos e certos, recheados de fatos jurídicos consumados.

Amplamente divulgados pela grande mídia brasileira, o *EL PAÍS* se amparava em tantas e sobradas evidências, tais como as que vemos em vídeo, de 25/01/2018 (*Estadão*: “Estadão às 5H: Lula se compara a Jesus Cristo e garante briga por candidatura”, que fica incompreensível ver que elas sumiram, perderam ‘validade’, caíram no logo do tempo. Disponível em: <https://youtu.be/e0wzyJwzi6Q>).

Nesta matéria do *Estadão*, fala-se de corrupção petista, de incitação à violência civil e de despeito ao ordenamento político e jurídico brasileiro. Nos parece familiar este roteiro, se, ao invés de colocarmos nele, o Lula de 2017, no centro da conduta, e inserirmos, a versão de protagonista desta mesma narrativa, criada pelo lulopetismo, o Bolsonaro de 2022?

A segunda questão sobre a qual este livro pretende apontar um facho de luz, é a de entendermos, a maneira que, por meio dos mesmos recursos retóricos, discursivos, imagéticos, linguísticos, a biografia lulopetista, foi lentamente se transformando numa narrativa de inocência, ao mesmo tempo em que a biografia bolsonarista foi sendo maculada. No *site* oficial do PT, encontramos 23 matérias publicadas, desde o ano de 2021, reafirmando mensagens sobre a inocência de Lula em todos os processos que respondia (<https://pt.org.br/tag/lula-inocente/>, 27/06/2023).

The screenshot shows a news article on the PT website. The article is categorized under 'JUSTIÇA' and has a main headline: 'Imprensa estrangeira aponta o fim da maior mentira contada em 500 anos'. The sub-headline reads: 'Agências de notícias de todo o mundo repercutem decisão do STF que inocentou Lula e recuperou seus direitos políticos'. It includes a publication date of 16/04/2021 and a photo of Luiz Inácio Lula da Silva. To the right of the article is a red registration form for the PT newsletter, with fields for Name, Email, and WhatsApp, and a 'CADASTRAR' button. Below the form is a search bar and a section for 'MATÉRIAS ESPECIAIS' with a link to a special site about the CPML of the 2016 coup.

(Link da foto: <https://pt.org.br/imprensa-estrangeira-aponta-o-fim-da-maior-mentira-contada-em-500-anos/>)

De um lado, temos que a gênese da lavagem de reputação lulista, começou via questionamento das decisões dos 10 juízes e das três instâncias que o condenaram. Depois, isto foi transformado e oferecido, para os eleitores petistas e para toda a sociedade, com a roupagem de dúvida moral. Em seguida, a investida migrou para um contexto da ‘falha processual’, do ‘erro de CEP’, que teria sido cometido, quando da imposição do Processo contra Lula, em Curitiba – PR, o qual, segundo o Ministro Fachin, do STF (Supremo Tribunal Federal), julgou que deveria ter sido impetrado em Brasília – DF. Isto fez culminar na anulação de suas condenações pelo STF, tornando-o novamente elegível.



A partir daí, permitiu-se que Lula, pessoalmente, conduzisse uma campanha eleitoral repleta de batalhas judiciais e de questionamentos de várias ordens quanto aos sistemas de organização, de apuração e de acompanhamento institucional do pleito (muita gente foi

e ainda está sendo presa por causa dessas ‘dúvidas’).

Desse modo, ele, Lula, se tornou novamente Presidente do Brasil (2023-2026) e assumiu o protagonismo comunicacional anteriormente aludido, se transformando no regente da orquestra midiática que, ao longo dos anos de 2017 a 2022, se construiu ao seu redor, com o intuito de disseminar os acordos e acórdãos de uma inocência auto-proclamada e de criar meios e mensagens para o convencimento popular sobre a necessidade de nossa salvação e de aceitarmos pacificamente tudo isso que estamos experimentando.

Por outro lado, enquanto vimos tudo isto acontecer, Jair Messias Bolsonaro foi sendo moldado pelas narrativas como genocida, fascista, misógino, homofóbico, acuado pelos próprios feitos e inegáveis rastros de seus vexames biográficos e vendido pela velha imprensa ao grande público, como sendo a face escancarada de um mal que precisaria urgentemente ser extirpado da sociedade. Bolsonaro encarnou, ele próprio, a versão brasileira de um ‘cogumelo venenoso’.

Por isso, o Consórcio de Mídia, o STF, o TSE e parte da sociedade fingiram que não viram, fizeram vista grossa, “passaram um pano limpinho”, chamando de

“manifestação artística crítica”, de peça publicitária, o momento em que a cabeça de Bolsonaro, foi transformada numa bola de futebol: vamos chutar o cogumelo! Segundo reportagem do site PODER 360, de 23/09/2020, uma série de vídeos, de uma campanha, intitulada Freedom Kick (chute para a liberdade), produzidos pelo ‘Coletivo Indecline’, apresentam homens, mulheres e crianças chutando a reprodução da cabeça do Presidente, em uma quadra de futsal, em São Paulo:



(Foto: <https://static.poder360.com.br/2020/09/cabeca-bolsonaor-768x566.jpg>)

Sem o menor pudor, sem o repúdio veemente do STF, sem editoriais da ex-mídia, sem rechaço das organizações de Direitos Humanos, e de ninguém do Consórcio de Veículos de Comunicação, formado em 2020 no Brasil, sem cartas da OAB ou da FIESP ou do Largo São Francisco, defendendo a democracia, ideias repugnantes como esta, a da cabeça-bola-de-futebol, ou a da imagem abaixo, foram sendo produzidas, replicadas e mantidas ativas nas redes sociais de comunicação até o momento de revisão deste livro, em janeiro de 2023.

No *link* da imagem seguinte (<https://www.diario24horas.com.br/noticia/55770--bolsonaroday-e-destaque-nas-redes-no-dia-da-mentira-confira-as-piadas-de-1-de-abril>), há, além desta, outras postagens do mesmo tipo:



No já mencionado livro banido, de Ernst Hiemer, *O Cogumelo Venenoso* (1938), se descreve o momento em que, numa sala de aula para crianças, fala-se aos jovens, assim sobre os judeus: “Um judeu comum pode ser reconhecido pelo seu nariz, que é torto no final. Se parece com o número “6” e, por isso, é chamado de “o 6 judeu” (p. 10).

Há ou não há semelhança entre uma linguagem e a outra? O que vocês acham?

Mas, isto aqui poderia se alongar em demasia, tornando a leitura enviesada e enfadonha ao leitor. Neste sentido, vemos que já temos elementos suficientes para passarmos à fase seguinte do livro.

Agora, já é hora de apresentar ao leitor, um conjunto de vocábulos, frases, e de expressões de comunicação que, ao lado de imagens e ditames midiáticos ou teóricos, tais como os que até aqui expusemos, contribuiriam, sob nosso entendimento, para a formação do imaginário social, econômico, cultural e político que nos tem cercado, no início deste ano de 2023.

## Quando o sintagma interfere no paradigma

No ambiente dos estudos da linguagem, é preceito corriqueiro, o de se compreender que todo o conteúdo de que somos capazes de expressar, residem, antes de mais nada, em nossa mente. Já, como eles foram parar lá, daí, já e outra história.

É desse lugar misterioso, a mente, que retiramos as emoções, os sentimentos, os desejos, mas, também, as palavras e frases que escrevemos, dizemos ou simplesmente, pensamos.

Por ser este 'terreno', um gigantesco e quase desconhecido repositório de informações, adotamos para designá-lo, sob o modelo do paradigma. Por sua vez, quando executamos ações de comunicação, utilizando os elementos 'guardados' em nosso paradigma, realizamos o sintagma.

Teoricamente, isso remonta aos estudos de Ferdinand de Saussure (Suíça, 1857-1913). Encontramos estas questões em sua obra póstuma, *Curso de Linguística Geral*, como um todo, publicada em 1916. Porém, mais especificamente falando, o tema que nos interessa, se lê nos Capítulos V e VI, respectivamente intitulados: 'Linguística da Língua e Linguística da Fala'; e, 'Representação da Língua pela Escrita' (nas Referências: SAUSSURE, 2006).

Saussure cuida de definir o conceito de paradigma, como sendo o conjunto de elementos similares que se associam em nossa memória, para que, em dada circunstância, forme conjuntos ou enunciados de comunicação. O encadeamento desses elementos, por sua vez, ele designa por sintagma. Portanto, há de se observar que há uma primazia, uma anterioridade natural latente na nossa mente, que antecede a tudo o que viermos a falar ou escrever.

Neste sentido, há um certo consenso em se acreditar que é mais comum que os itens do paradigma moldem os itens no sintagma, do que o contrário. Pensar nisso, seria mais ou menos o que aceitarmos a ideia de que é razoável ou recorrente que um rabo abane o cachorro.

Portanto, o que apresentaremos a partir daqui, é exatamente um pouco do exemplo dessa possibilidade de contrassenso. Palavras, imagens, expressões linguísticas das mais diversas ordens podem, de algum modo, ter invertido o

trajeto semântico esperado (paradigma → sintagma), construindo significados mentais, a partir da trajetória inversa, isto é, sintagma → paradigma.

Por exemplo, vejamos uma lista dos 50 nomes considerados como os mais ‘estranhos’, ‘engraçados’, arcaicos, retirados do site da Associação dos Notários e Registradores do Brasil. No link a seguir, há um texto, intitulado “Mega Curioso – 50 nomes mais estranhos registrados nos cartórios do Brasil”

(<https://www.anoreg.org.br/site/mega-curioso-50-nomes-mais-estranhos-registrados-nos-cartorios-do-brasil/>):

1. Aeronauta Barata
2. Agrícola Beterraba Areia
3. Agrícola da Terra Fonseca
4. Alce Barbuda
5. Amado Amoroso
6. Amável Pinto
7. Amazonas Rio do Brasil Pimpão
8. América do Sul Brasil de Santana
9. Amin Amou Amado
10. Antonio Manso Pacífico de Oliveira Sossegado
11. Antônio Morrendo das Dores
12. Aricléia Café Chá
13. Ava Gina
14. Asteróide Silverio
15. Bandeirante do Brasil Paulistano
16. Barrigudinha Seleida
17. Bispo de Paris
18. Bizarro Assada
19. Céu Azul do Sol Poente
20. Chevrolet da Silva Ford
21. Colápsio Cardíaco da Silva
22. Disney Chaplin Milhomem da Silva
23. Dezêncio Feverêncio de Oitenta e Cinco
24. Dolores Fuertes de Barriga
25. Esparadrapo Clemente de Sá
26. Homem Bom da Cunha Souto Maior
27. Ilegível Inilegível
28. Inocêncio Coitadinho
29. Janeiro Fevereiro de Março Abril
30. Lança Perfume Rodometálico de Andrade
31. Marciano Verdinho das Antenas Longas
32. Maria Privada de Jesus
33. Maria Tributina Prostituta Cataerva
34. Maria-você-me-mata
35. Mimaré Índio Brasileiro de Campos
36. Napoleão Sem Medo e Sem Mácula
37. Natal Carnaval
38. Necrotério Pereira da Silva

39. Oceano Atlântico Linhares
40. Otávio Bundasseca
41. Pacífico Armando Guerra
42. Padre Filho do Espírito Santo Amém
43. Plácido e Seus Companheiros
44. Remédio Amargo
45. Renato Pordeus Furtado
46. Restos Mortais de Catarina
47. Rocambole Simionato
48. Universo Cândido
49. Vicente Mais ou Menos de Souza
50. Zélia Tocafundo Pinto

Sob o ponto de vista que orienta nossa escrita, é de se supor que facilmente a mera existência de nomes como estes, possa ter feito com que outras pessoas se sentissem mais à vontade para nomear seus filhos e filhas, com vocábulos semelhantes. Daí, temos um sentido de comunicação que não segue o roteiro paradigma → sintagma, mas, o seu sentido contrário: sintagma → paradigma.

Até mesmo sob o ponto de vista da teoria da comunicação, este fenômeno é assim compreendido. No livro *A manipulação do público – política e poder econômico no uso da mídia*, lemos: “The mass media serve as a system for communicating messages and symbols to the general populace. It is their function to amuse, entertain, and inform, and to inculcate individuals with the values, beliefs, and codes of behavior that will integrate them into the institutional structures of the larger Society” (CHOMSKY & HERMAN, 2008, p. 61). Em tradução livre: “Os meios de comunicação de massa servem como um sistema de comunicação de mensagens e símbolos para a população em geral. É sua função divertir, entreter, informar e inculcar nos indivíduos os valores, crenças e códigos de comportamento que os integrarão nas estruturas institucionais da sociedade maior”.

Neste sentido, é emblemático, o famoso caso da cidade de Recife – PE. Lá, um Pai de três crianças que, de tanto esbarrar em burocracia, papelada e carimbos, se viu tentado em nomear sua prole com os termos Xerox, Autenticada e Fotocópia. Respectivamente, fez assim: a primeira a nascer, ficou como Xerox Miguel Porfírio; depois veio a Autenticada Miguel Porfírio; e, por fim, a Fotocópia Miguel Porfírio (<https://sampi.net.br/bauru/noticias/2448528/nacional/2011/03/autenticada--xerox-e-fotocopia---todos-sao-filhos-do-seu-moscou>). Acesso em: 27/01/2023, às 17h06min).

Outra ocorrência sociocultural intrigante, neste mesmo segmento de expressão comunicativa invertida, aconteceu com o Hino Nacional Brasileiro. Sua melodia foi composta por Francisco Manuel da Silva, em 1831, na época da abdicação de D. Pedro I. Por sua vez, a letra (devidamente atualizada, abaixo), foi escrita por Joaquim Osório Duque-Estrada, em 1909, vencedora que foi de um concurso sobre o tema. Vejamos a íntegra da letra, a seguir:



**Presidência da República**  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos

**HINO NACIONAL**

Parte I

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante,  
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,  
Brilhou no céu da pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó liberdade,  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!  
Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

Parte II

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra, mais garrida,  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
"Nossos bosques têm mais vida",  
"Nossa vida" no teu seio "mais amores."

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro dessa flâmula  
- "Paz no futuro e glória no passado."

Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!  
Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

**Letra:** Joaquim Osório Duque Estrada  
**Música:** Francisco Manuel da Silva

Atualizado ortograficamente em conformidade com [Lei nº 5.765 de 1971](#), e com art.3º da Convenção Ortográfica celebrada entre Brasil e Portugal, em 29.12.1943.

(Link para o Hino: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/hino.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm))

Sucedem que, em tempos de internet, de redes sociais, de máxima liberdade de expressão e o conluio de outras virtudes da democracia brasileira, operou-se uma desconfiguração da letra do Hino, transformando-a num ícone do consumo, num alvo de piadas e num motivo adicional para o desprezo de um dos maiores símbolos nacionais.

O artifício linguístico e imagético que se segue, pode não ser o responsável pelo descaso que o brasileiro costuma ter para com os seus símbolos nacionais, mas, sem dúvida, é parte do problema. Vale lembrar que, pela Lei Brasileira, Nº 5.700, de 01 de setembro de 1971, são símbolos protegidos: a Bandeira Nacional, Hino Nacional, Selo Nacional e as Armas Nacionais ou o Brasão Nacional. Esta versão, digamos, mais ‘comercial’ do Hino Nacional, foi retirada de um site de cultura Nerd, que se chama Insoonia. Consultamos o acesso, em 27/01/2023, às 20h06min, e a postagem ainda estava disponível, pela URL – <https://www.insoonia.com/hino-nacional-de-um-jeito-diferente/>.

**Hino nacional de um jeito diferente!**

Num posto da **Ipiranga**, às margens plácidas.  
 De um **VOLVO** heróico **BRAHMA** retumbante  
 da liberdade em **rider** fulgido  
 Brilhou no **Shell** da pátria nesse instante  
 Se o **Knorr** dessa igualdade  
 Conseguimos conquistar com braço **Ford**  
 Em teu **SEIKO**, ó liberdade  
 Desafio nosso peito à **Microsoft**  
 O **parmalat**, **MasterCard**, Salve a **SHARP**  
**Amil** um sonho intenso, um rádio **PHILIPS**  
 De amor e **Lufthansa** a terra **desce**  
**intel** formoso céu risonho **OLYMPIKUS**  
 A imagem do **Bradesco** resplandesce  
**Gillette** pela própria natureza  
 És belo **impávido colosso**  
 E o teu futuro espelha essa **Grendene**  
**CERPA** gelada!  
 Entre outras mil é **Savinil**, **COMPAQ** amada.  
 Do **Philco** deste solo és mãe **doril**  
**Coca-Cola** **BOM BRIL** !!!  
 www.insoonia.com

Encontramos esta versão midiática e propagandística do Hino, em muitos outros sítios da internet. Utilizamos aqui uma das mais antigas postagens a que tivemos acesso. A do site Insoonia, é de 29/11/2011. Há, inclusive, algumas apropriações bem curiosas desta versão. O site de uma escola da Prefeitura de Santos – SP,

a utilizou, em julho de 2020, como texto de apoio para uma prova de Geografia ([file:///D:/Marcelo/Downloads/roteiro\\_9o\\_ano\\_geografia - capri\\_17.07\\_a\\_31.07.pdf](file:///D:/Marcelo/Downloads/roteiro_9o_ano_geografia_-_capri_17.07_a_31.07.pdf)).

Pela ótica conservadora, o que temos, é que a integridade de um dos elementos mais tradicionais da política, da cultura e do patrimônio histórico brasileiro foi violado, teve seus valores manchados pelas tintas do escárnio e do desprezo.

Pela ótica literária, há neste tipo de manifestação linguística, um elevado viés de criatividade, de sobreposições metonímicas e, ainda que a tentativa de métrica poética sugerida pelas rimas e pelos logotipos não deem conta da missão que lhes foi confiada, à proximidade da intenção com o resultado alcançado é digna de algum mérito.

Pela ótica científica, vemos que neste tipo de expressão, também, ocorre a inversão comunicacional que impõe ao paradigma elementos sintagmáticos estranhos (cf. SAUSSURE, 2006, e discussão anteriormente aludida).

O resultado imediato, é que isso contribui para que os sujeitos interlocutores, por intermédio das repetidas visualizações da mensagem, e da disseminação disso via redes sociais, não só passem a concorrer para o descrédito do Hino. Ao assumir este comportamento, cria-se na sociedade uma falsa equivalência em que o teor descompromissado das mensagens circulantes nas redes se confunde com a seriedade dos símbolos nacionais. Assim, invertem-se os valores, dando às mensagens risíveis um tom de sobriedade que não possuem, ao mesmo tempo em que se depreciam os símbolos nacionais injustamente, posto que figuram lado a lado, num contexto de piada que não lhes cabe.

Face à opacidade das redes, transgredir os símbolos nacionais, a intimidade das pessoas, violar a privacidade alheia ou emitir juízos de valor sobre tudo tem o mesmo peso moral e temporal que o laivo durativo e anônimo de um clique.

### **Do gabinete do ódio à secretaria do amor**

Durante o governo Bolsonaro, falou-se muito sobre a suposta existência de um tal “Gabinete do Ódio”. Esta estrutura apócrifa, segundo os analistas e antagonistas ao governo, funcionaria no Palácio do Planalto, e contaria, inclusive,

com um time de especialistas em comunicação e em redes sociais, hipoteticamente comandados por um dos filhos do Presidente, o Carlos Bolsonaro (também conhecido por 'Carluxo'), no centro da foto abaixo:



(Link da imagem: <https://istoe.com.br/o-cancelamento-do-gabinete-do-odio/>)

Este tal "Gabinete do Ódio" seria o responsável por criar e disparar mensagens em massa via redes sociais, buscando atingir os mais diversos alvos. Os conteúdos ali gerados, reais ou falsos, poderiam se destinar tanto para alavancar e promover o governo, seus aliados, quanto para difamar inimigos políticos.

Por sua vez, o novo governo de Lula, que tomou posse em 01/01/2023, rapidamente cuidou de criar, já no dia 04/01/2023, dentro da AGU (Advocacia Geral da União), a Procuradoria Nacional da União de Defesa da Democracia.

Segundo a própria AGU, não há, por parte deles, qualquer intenção de cercear as opiniões e as liberdades de informação e de expressão. Enfatizam os dirigentes do novo órgão, que a ideia é a de atuar em casos de flagrantes mentiras, que tenham clara intenção dolosa, e que possam causar danos à sociedade (adaptado de: <https://www.jota.info/justica/governo-cria-procuradoria-de-defesa-da-democracia-para-atuar-contra-desinformacao-04012023>).

A pergunta que se faz, em primeiro plano, é a seguinte: quem dirá o que é verdade ou mentira? O STF (Supremo Tribunal Federal)? A Rede Globo, a CNN? As agências de checagem da informação (dentre elas, a @agencialupa; a

@afpcheamos; a @comprova; a @estadãoverifica; a @fatooufake; a @uolconfere; a @aosfatos; a @boatosorg; a @efarsas; e, dos sleeping giants)?

No Brasil recente, em qual instituição ou empresa desta natureza dá pra confiar 100%? E nas demais estruturas de governo – quem acredita?

Dúvidas à parte, a realidade é que a existência deste “Gabinete do Ódio” nunca foi provada, e jamais passou das fronteiras midiáticas da retórica, da narrativa de oposição e das expressões de rancor de parlamentares preteridos. Mas, ainda assim, mesmo sem ter materialidade atestada, o tal Gabinete foi rechaçado, tanto pelo viés de sua suposta existência, quanto pela hipótese de que nele, se criariam e se faria a dispersão de mensagens falsas ou ofensivas.

Já, por sua vez, a nova Procuradoria de Defesa da Democracia, criada pelo novo Governo Lula, é órgão que tem sua existência comprovada, endereço e Diretor empossado. Foi apelidado pela nova frente de oposição, de “Gabinete do Amor”, talvez por conta de uma postagem de 24/08/2022, feita por André Janones (Deputado Federal, por Minas Gerais, eleito pela sigla partidária AVANTE):



André Janones  
@AndreJanonesAdv

...

O Twitter não está conseguindo entregar todo material que temos pra nossa militância. Por isso, vamos inaugurar hoje o gabinete do amor, por enquanto só no Telegram. Entrem lá no “Andre Janones Telegram” AGORA, pois é de lá que vamos definir estratégias e munir a tropa! 🇧🇷❤️

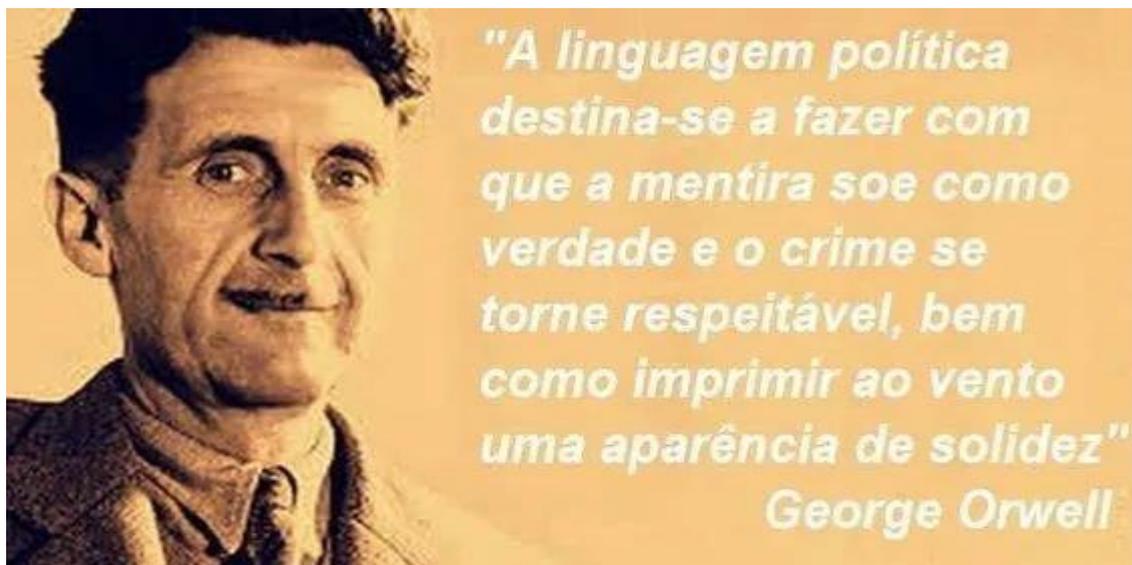


7:29 AM - 24 de ago de 2022

(Link da postagem: <https://twitter.com/andrejanonesadv/status/1562386642085756928>)

Ou talvez, o designativo de “Gabinete do Amor” funcione como uma ironia, face às dúvidas que se ergueram quanto ao viés ideológico e de verdade a ser adotado pelo órgão (mencionadas pouco antes), bem como sobre o teor da

repressão à oposição que do órgão sairá. Logo, é inevitável que isso faça pairar sobre a AGU e a nova Procuradoria, uma aura de desconfiança e de apreensão.



Contudo, como nosso objetivo aqui não é o de delimitar o escopo de atuação dos órgãos de governo, deste ou daquele espectro político, mas, sim, o de proporcionar ao leitor um contexto mais ampliado sobre a natureza da produção dos conteúdos de comunicação, damos por suficiente o que até aqui expusemos.

## **Conhecereis a linguagem da política, e ela vos libertará**

Para os analistas políticos, parte dos grandes problemas do governo Bolsonaro (2019-2022), sem dúvida, incidem na esfera da interação social e na da comunicação. Em razão disso, tem sido amplamente considerada a hipótese de que o insucesso na campanha à reeleição do Presidente Jair Messias, se deva muito a fragilidades incidentes neste contexto.

Teriam responsabilidade nisso, por ação ou por omissão, tanto o Presidente, de um lado, quanto a insipiências no tocante à interação humana e até política, quanto à sua equipe, por outro lado, na elaboração de nem tão bons conteúdos relativos aos mais elevados níveis de interlocução social e política.

Fala-se que todos os atores deste script, cometeram vários erros de estratégia durante a produção e a difusão daquilo que seriam as realizações relacionadas ao período de governo bolsonarista (2019-2022), sobretudo quanto aos fatos e feitos positivos da gestão e às suas conquistas duradouras para a Nação.

Neste sentido, inclusive, muito da descompostura pessoal do Presidente Bolsonaro no trato com jornalistas, com colegas parlamentares, principalmente ao longo dos 28 anos em que viveu dentro do Congresso Nacional, e grande parte deste tempo de serviço, prioritariamente dedicados à Câmara dos Deputados, em Brasília – DF, de um lado, pôde ser reputada a um certo grau de truculência militar remanescente em sua personalidade, uma vez que Bolsonaro é oriundo das fileiras da AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras).

Sem adentrarmos aqui aos aspectos que envolvem a formação dos combatentes das FFAA (Forças Armadas), bem como, sem nos aprofundarmos nos bastidores dos cenários políticos, eleitorais, jurídicos, econômicos e sociais que dão ou não azo a estes acontecimentos, cabe frisar ao leitor que não é totalmente justa a alegação da correlação da suposta má conduta comunicativa ou da patente falta de approach interpessoal de Bolsonaro ao fato de ser militar formado pela AMAN.

Especialmente isto não se confirma, se levarmos esta analogia à literalidade do ferro e fogo, o que permitiria pressupor, que todo egresso da AMAN ou de outras forças militares, e mesmo que militares de outros países, necessariamente

teriam sido em suas trajetórias políticas truculentos, ou que não saberiam conversar com os eleitores, ou governar os cidadãos com liberdade, quando viessem a ocupar funções públicas, e por aí vai.

Probatório disto, isto é, do oposto desta primeira impressão, é donde vemos que, dentre os maiores estadistas da História mais próxima de nós, figuram personalidades militares:



(Linka da imagem: <https://pbs.twimg.com/media/DOsMZSrX4AAXmXE.jpg:large>)

Ao largo disso, muitas palavras que saíram da boca de Bolsonaro, durante sua vida pública, ganharam maior destaque na mídia somente em razão de seu mandato presidencial.

Desde então, viu-se que elas (suas palavras) vieram a público como piadas, como memes de internet ou mesmo como alvo de descaso. E isto abriu as portas da comunicação digital, para que nela, Bolsonaro adentrasse e ocupasse lugar de destaque, encenando uma espécie de ‘bobo da corte bizarro e nonsense’:



(Capa da Revista ISTO É: novembro de 2020)

Vieram, ainda, mensagens entremeadas de duplos-sentidos, eivadas de desvios face à norma padrão da língua (com ‘erros de português’) ou, intencionalmente embaladas para a compreensão do seu eleitor. E, nisso, é inegável que Bolsonaro foi quase um mestre da arte, a qual ele e seu filho 02 (Carlos Bolsonaro), cultivaram nos meios de comunicação digital (FELLETT, 2019, p. 01).

Destas mensagens, palavras e expressões, ditas à imprensa, aos eleitores, aos seguidores de suas redes sociais, registradas em suas lives, às quintas-feiras, ou mesmo as mencionadas nas famosas entrevistas e pequenos discursos feitos no cercadinho, defronte à residência presidencial, selecionamos um montante de 53 expressões, a saber:

“Ainda tem muita gente pra prender e muita multa pra aplicar; Antidemocrático; Assassino; Blogueiro; Bolsonarista; Bozo; Burro; Cancelamento; Caneladas; Canibal; Cloroquina; Conservador; Consórcio de Mídia; Demônio, Ditador; Fascista; Gabinete do Ódio; Gado; Genocida; Golpista; Gripezinha; Homem de Bem; Homofóbico; Ideologia de Gênero; Incubadoras de Terroristas; Insensível; Isso Daí; Kit Gay; Lacração; Liberal; Machista; Miliciano; Misógino; Motociata; Negacionista; Olavista; Ovo da Serpente; Pária; Patriota; Patriotários; Patriotismo; Perdeu Mané, não Amola; Posto Ipiranga; Quatro Linhas; Racista; Selvagem; Tá OK; Teoria da Conspiração; Terraplanista; Tiozão; Verde Amarelista; Usuário de Bandeira; Vírus Chinês”.

Este grupo de léxicos foram amplamente ditos por membros da sociedade, por políticos de oposição, divulgados pela grande mídia, enunciados por autoridades e, algumas delas, até mesmo pelo próprio Bolsonaro.

O acervo de designativos linguísticos pode se alongar praticamente ao volume do infinito, a depender dos filtros que balizarem as buscas de nossos leitores, em repositórios físicos e digitais de conteúdos jornalísticos, acadêmicos e culturais. Foi maior o esforço de cortar vocábulos e expressões da lista acima, do que o de as encontrar.

Convém destacar que, na seleção dos itens lexicais para compor os 53 elementos já dispostos, deixamos de lado as expressões tipicamente digitais, tais como a #elenão.

Do mesmo modo, descartamos aqueles termos evidentemente de baixo calão, embora seja de conhecimento público a existência de referências digitais e fisicamente grotescas destinadas a Bolsonaro, a membros de seu governo, aos eleitores e aos seus familiares, como a aberração que se lê abaixo:



(Link da imagem: <https://telequiado.com/wp-content/uploads/2022/10/FfROlyHWAAA4Mnj.jpg>)

Inclusive, é possível colocar em tela, que é crível que tenha advindo do movimento #elenão, de 2018, a primeira manifestação de comunicação contrária a Jair Bolsonaro, difundida via *Big Techs*.



(Link da imagem: [https://theintercept.imgix.net/wp-content/uploads/sites/1/2018/09/42586354\\_2175198752762164\\_8215807618707357696\\_o-1538157916.jpg?auto=compress%2Cformat&q=90](https://theintercept.imgix.net/wp-content/uploads/sites/1/2018/09/42586354_2175198752762164_8215807618707357696_o-1538157916.jpg?auto=compress%2Cformat&q=90))

Assim, pela mídia streaming e por demais operadores da comunicação social, a *hashtag* acima foi se reconfigurando ao longo do tempo, ao mesmo compasso em que alcançou as grandes massas, agregando significados outros ao lado do anti-bolsonarismo (PINHEIRO-MACHADO & BURIGO, 2018).

Mas, convém lembrar que, se procurarmos com mais calma e com outros filtros, veremos que ainda existem manifestações escritas, em que seus textos não apenas beiram à ideia de um movimento social (como foi o #metoo [EUA, 2017], e o #elenão [Brasil, 2018]) como também e ao mesmo tempo tangenciam o terreno da discriminação, visto que sugerem, em certos posts, que membros da comunidade LGBTQIAPN+, de modo algum, poderiam comungar de pensamentos de um espectro ideológico que não fosse o da Esquerda:

← Tweet



José de Abreu  
@zehdeabreu

...

Não consigo entender gay de direita. Parece um contrasenso.

[Translate Tweet](#)

(Link da imagem: [https://twitter.com/zehdeabreu/status/1609626418857517056?ref\\_src=twsrc%5Etfw](https://twitter.com/zehdeabreu/status/1609626418857517056?ref_src=twsrc%5Etfw))

Navegando pelas redes sociais, na internet como um todo, via Google, e. g., filtrando-se a busca pelo viés de “palavras ou expressões que podem caracterizar Bolsonaro, seu governo, os membros de seu governo, seus familiares, seus eleitores ou simpatizantes da Direita, do Conservadorismo” etc., não é difícil ter bom êxito na tarefa de encontrar ainda mais exemplares destas expressões desqualificadoras ou de ideias contrárias ao bolsonarismo.

Fiz isto como mero treino, em 08/01/2023, no início da revisão desta obra para o devido envio à Editora, enquanto testava os links que indico no livro e de validar esta afirmação que faço, e o resultado obtido, foi o de que, nesta data, havia ainda quase 30.000 sites contendo a informação que procuro (imagem abaixo):

The screenshot shows a Google search interface with the following elements:

- Search bar: "palavras ou expressões que podem caracterizar Bolsonaro, seu governo, os membros de seu governo, seus familiares, seus eleitores ou simpatizantes da Direita, do Conservadorismo"
- Search results: Approximately 27,700 results in 0.43 seconds. The top result is from BBC News Brasil, titled "O que é ser bolsonarista? - BBC News Brasil", dated 11 de ago. de 2022. The second result is from Observador da Imprensa, titled "216 palavras para a imprensa definir com precisão Bolsonaro ...", dated 11 de ago. de 2022.
- Calendar: A calendar for January 2023 is visible on the right side, showing the date 8 de janeiro de 2023.
- Time: 14:58:53

(Print de tela de acervo do próprio autor)

Para isso, supomos que melhor se prestariam a este fim, palavras ou frases que expressassem fenômenos intelectuais, políticos, econômicos, comunicacionais e até morais que povoaram a mente ou que ainda possam permanecer no imaginário do povo brasileiro, no contexto histórico de um pós-governo de Jair Messias.

## No meio do caminho tinha uma pedra [...] (Carlos Drummond de Andrade)

Foi sob esta premissa, então, que, no exercício de depuração desta informação, nos deparamos com uma postagem no TWITTER, de Luis Nassif, de 31/07/2019, fazendo referência a uma tal lista de 216 palavras ou expressões que, segundo alega o responsável pela mensagem desta rede social, podem ajudar a “definir com precisão”, o período Bolsonaro:



(Link da postagem: <https://twitter.com/luisnassif/status/1156508015748628481>)

Investigando a postagem acima, de Nassif, que é de 31/07/2019 e, portanto, praticamente dentro do semestre inicial do mandato de Bolsonaro, vê-se que ele, Nassif, se reporta a um *link*, de bem pouco tempo antes.

É de se supor, ainda, que o site do *link* sugerido por Nassif seja a ponta de origem da dispersão desta ideia da compilação das 216 palavras. Trata-se, o *link*, do endereço do Portal do Jornal GGN (<https://jornalggm.com.br/artigos/216-palavras-para-a-imprensa-definir-com-precisao-bolsonaro-e-seu-governo-por-luiz-claudio-cunha/>), em que se encontra um texto escrito e ou assinado por um Sr., chamado Luiz Cláudio Cunha.

Seguindo o caminho dado pelo novo *link*, chegamos a outra página, em que, no rodapé do *site*, é atribuída a titularidade ao mesmo Luiz Cláudio Cunha, em que

ele se descreve assim: Cartunista, poeta, publicitário reformado, fundador da Academia Paranaense de Letras, nefelibata, taquifágico, soníloquo e taxidermista nas horas de folga (<https://cartunistasolda.com.br/216-palavras-para-a-imprensa-definir-com-precisao-bolsonaro-e-seu-governo/>).

Para facilitar o trabalho de informação do leitor, retiramos do site, a listagem de 216 palavras, veiculada por Luiz Cláudio Cunha, na íntegra, e as colocamos a seguir. Por hora, informamos que abrimos as URLs, e vimos que elas continuam navegáveis, ainda neste início do ano de 2023 (veja o meio de acesso, em: CUNHA, 2019). São estas, então, as 216 palavras:

Ignorante, burro, idiota, imbecil, retardado, analfabeto, boçal, bronco, estúpido, iletrado, ignaro, ilegível, obscuro, sombrio, onagro, atrasado, inculto, obsoleto, retrógado, beócio, rude. Besta, animal, cavalgada, quadrúpede, tolo, alarve, grosseiro, jalofo, lorpa, desajeitado, peco, tapado, teimoso, chucro, intratável, desalumiado, escuro, asnático, brutal, bruto, bugre. Desaforado, descortês, duro, estólido, inepto, lambão, obtuso, palerma, sandeu, selvagem, toupeira, cavo, incapaz, insensato, incompetente, imperito, impróprio, inapto, inábil, insuficiente. Abagualado, bárbaro, labrusco, sáfaro, insciente, inepto, insipiente, imprudente, leigo, alheio, estranho, profano, estulto, fátuo, mentecapto, pateta, toleirão, irritado, vão, oco, chocho. Frívolo, fútil, vazio, definhado, enfezado, frustrado, abeutilhado, agreste, áspero, chambão, cavalgar, desabrido, difícil, escabroso, fragoso, incivil, inclemente, indelicado, inóspito, pesado. Rebofo, ríspido, rombudo, severo, silvestre, tacanho, tosco, covarde, poltrão, safado, baldado, infundado, mentido, nugativo, supervacâneo, curto, bordão, asinário, bordalengo, calino. Indouto, sinistro, arrogante, desinformado, alvar, atoleimado, estúpido, boçal, bronco, animal, disparatado, rude, azêmola, desajeitado, lanzudo, brutal, asselvajado, bestial, protervo. Selvagem, truculento, violento, chulo, irracional, javardo, malcriado, desaforado, atrevido, insolente, descortês, inconveniente, indelicado, intratável, confragoso, cru, cruel, despiadado. Difícil, implacável, penoso, tirano, triste, estólido, estouvado, néscio, abarroado, abrutalhado, achamboado, achavascado, bárbaro, chaboqueiro, crasso, desabrido, grosso, labrego. Maleducado, reles, rugoso, rústico, soez, tarimbeiro, abestalhado, aluado, babão, bobalhão, bobo, bocó, demente, descerebrado, desequilibrado, desmiolado, lerdaço, paspalhão, pastranho. Sendeiro, toupeira, vão, bestialógico, insociável, mal-humorado, ranzinza, soberbo, panema, embotado, escabroso, inclemente, carniceiro, safado, entupido, obducto, boto, agro, balordo (Extraído de: CUNHA, Luiz Cláudio. 216 palavras para a imprensa definir com precisão Bolsonaro e seu governo, por Luiz Cláudio Cunha. O Jornal de Todos os Brasis – GGN, Redação, 31/07/2019, às 06h56min. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/artigos/216-palavras-para-a-imprensa-definir-com-precisao-bolsonaro-e-seu-governo-por-luiz-claudio-cunha/>. Acesso em: 08/01/2023, às 15h17min).

Estes adjetivos, convém rememorar, que seus criadores consideram que tais palavras são “definidoras” do que é Bolsonaro e do que ainda poderia ser o seu governo, mesmo que ainda no começo de mandato, em 2019. Jair Bolsonaro e Hamilton Mourão, tomaram posse como 38º Presidente do Brasil e como 25º vice-presidente brasileiro, respectivamente, no dia 1º de janeiro de 2019.

Há diversas reproduções da existência desta lista de 216 palavras na internet. Não as conferimos para verificar se elas apenas preservam entre si a coincidência do número 216, ou se nelas também se replicam as mesmas palavras do primeiro *post* a que temos acesso (o de CUNHA, 2019).

Vale dizer, que uma destas repostagens da lista de 216 palavras, é bem mais recente, de 26/11/2022, veiculada bem no auge do calor das eleições de 2022, e vem subscrita pelo mesmo autor que assina a já feita pelo Portal GGN, ou seja, o Sr. Luiz Cláudio Cunha, mensagem já citada por Nassif, também em 2019.

Nesta postagem mais atual, Luiz Cláudio Cunha, que já se identificou como “Cartunista, poeta, publicitário reformado, fundador da Academia Paranaense de Letraset, nefelibata, taquifágico, soníloquo e taxidermista nas horas de folga”, agora se denomina como o Cartunista Solda, ou algo parecido. Ele usa em seu site, uma tipografia confusa, quase ilegível – além de se qualificar como portador de outras ocupações, conforme já dissemos (extrato da capa de seu site abaixo):



← Post anterior

No Panteão Simonal →

Busca

**Para não esquecer**

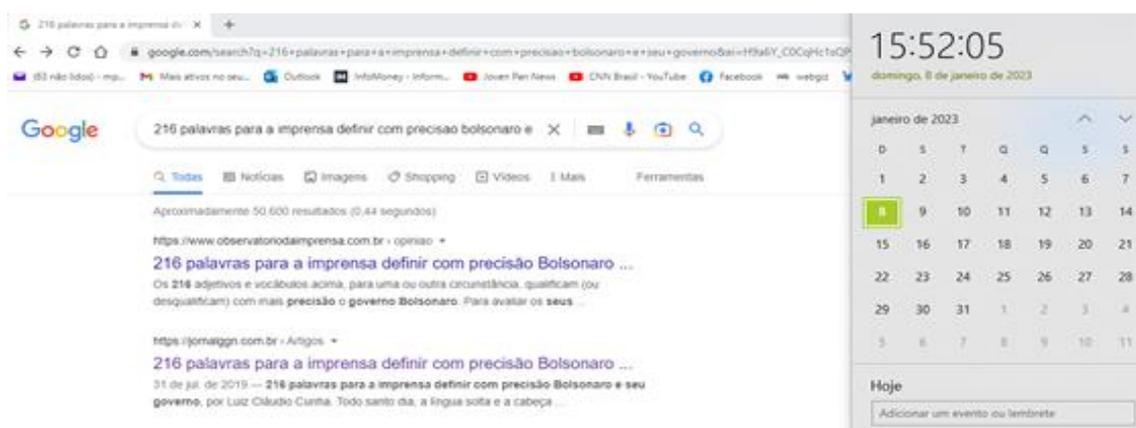
Publicado em 26 de novembro de 2022 por Solda

Meta

(Capa do site do Cartunista Solda: <https://cartunistasolda.com.br/216-palavras-para-a-imprensa-definir-com-precisao-bolsonaro-e-seu-governo/>)

Novamente, reiteramos que não conferimos as palavras da primeira postagem dele com a sua segunda publicação. Mas, vale dizer que, numa breve visada, observamos que predominantemente se tratam dos mesmos adjetivos, sugerindo xingamentos, ofensas e juízos de valor verborrágico.

Sobre esta lista, vimos mais uma republicação deste mesmo tema, a que aparece veiculada pelo site do Observatório da Imprensa (print de tela acima), ou, pelo menos, aparecia (<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/opiniaio/216-palavras-para-a-imprensa-definir-com-precisao-bolsonaro-e-seu-governo/>). A URL apresentada pelo Observatório não está mais habilitada para a navegação, ainda que seja possível encontrar tal referência a ela no Google, conforme print de tela, obtido pelo navegador do próprio autor, abaixo:



A última menção encontrada sobre a lista, foi feita pela Jornalista Márcia Martins, em sua coluna, no *site* COLETIVA.NET (<https://coletiva.net/colunas/festival-de-besteiras-que-assola-o-bolsonaro,318168.jhtml>). Em sua matéria, escreve:

“No Festival de Besteiras que Assola o Bolsonaro (Febeabo) cada dia é uma novidade, uma patetice maior, uma estupidez sem precedentes e uma burrice que faria corar o mais ignorante dos animais irracionais. Segundo o jornalista Luiz Cláudio Cunha, em artigo publicado no Observatório da Imprensa, no dia 8 de agosto, "todo dia, a imprensa e os jornalistas fazem um esforço hercúleo para qualificar o governo do capitão Jair Messias Bolsonaro, permanentemente assediado pelas sandices do que diz e pelos absurdos do que faz na cadeira de presidente da República". E ele lista 216 palavras que a imprensa utiliza para definir com precisão Bolsonaro e seu governo, nenhuma delas muito elogiável”.

Ao que se vê, ela também redigiu e publicou seu texto, apenas fazendo nota à existência desta lista de 216 palavras, sem descrevê-la, em agosto de 2019. Noutros termos, ela gostou do texto da pregação que leu, e rapidamente se transformou em fiel fervorosa da ‘seita da mesmice’ anti-bolsonarista, servido de prova viva de como o sintagma pode influenciar o paradigma.

## **[...] Tinha uma pedra no meio do caminho (Carlos Drummond de Andrade)**

Outra contingência que nos chamou a atenção sobre a lista de 216 itens, diz respeito a uma eventual conexão de simbologia mística relacionada ao uso do número 216.

Como o provável primeiro autor da lista fala em ter recorrido ao Dicionário para reunir as palavras que apartou (CUNHA, 2019), e Dicionários são publicações que elencam vocábulos em ordem alfabética, e Luiz Cláudio Cunha, no site, não seguiu esta ordem durante a publicação e nem na republicação de sua compilação, dá-se a impressão de que ele percorreu o Dicionário, de início ao fim, várias vezes, selecionando itens lexicais, até que o número de 216 palavras fosse alcançado.

Por isso, pode-se conectar a lista a outras variáveis conceituais, como à da ideia da existência de certa intenção de transcendentalidade, uma vez que se fala, nos meios exotéricos, sobre a identidade de um Anjo, que se faria representar pelo número 216. Dizem que, dentre outras façanhas, este Anjo 216 seria o responsável pela concepção do amor, do fomento à esperança e pela promoção da cura. Será?



(Link da imagem: [https://sp-ao.shortpixel.ai/client/q\\_glossy.ret\\_img.w\\_818.h\\_512/https://numerologiaangelical10.com/wp-content/uploads/2019/08/Significado-del-n%C3%BAmero-216.jpg](https://sp-ao.shortpixel.ai/client/q_glossy.ret_img.w_818.h_512/https://numerologiaangelical10.com/wp-content/uploads/2019/08/Significado-del-n%C3%BAmero-216.jpg)).

Nisso, não é leviano supor se não teria sido esta a razão, ou parte dela, pela qual, inclusive, um dos “slogans” muito recitado pela esquerda lulopetista, e



também por aqueles que fizeram o “L” (gesto manual de adesão a Lula) durante a campanha presidencial de 2022, tenha sido a frase: “o amor venceu”, ao lado de variantes como “a esperança voltou” e “o povo será novamente feliz”?

Igualmente, não é totalmente tresloucada, a ideia de se conectar esta expressão de comunicação com as massas, à postagem sobre a inauguração do ‘Gabinete do Amor’, feita por André Janones, anteriormente mencionada, na qual ele se dirige aos eleitores e seguidores de suas redes sociais.

Cogitamos isto, uma vez que o imaginário popular opera em estratos invisíveis à percepção crítica e mais cética. A consciência humana, em suma, pode, não intencionalmente, ser dominada por um viés de discurso tão imperceptível quanto ideologicamente conduzido. Estes falares nos acalentam exatamente no bojo das nossas carências mais pujantes, reforçam as nossas emoções mais nobres, e avivam em nosso íntimo convicções que nem julgávamos ter.



(Link da imagem: <https://i0.wp.com/www.eismeagui.com.br/wp-content/uploads/2021/03/%E2%80%9CA-Verdade%E2%80%9D-vai-vir-a-tona-ainda-hoje-Freixotopia-fantasia.jpeg?fit=810%2C546&ssl=1&is-pending-load=1>)

É apelando para a mobilização destes elementos que muitos profissionais da cultura, da linguagem, da sociologia, tais como os semioticistas, e que os linguístas, os antropólogos, os psicólogos e os comunicólogos que trabalham

nas campanhas eleitorais atuam. O viés de seu discurso não é evidente, é subentendido, não é liminar, é subliminar – leva tempo, mas se instaura. Ou, como vemos, no pensamento de Ortega y Gasset: “A linguagem é o meio de que nos servimos necessariamente para manifestar nossos pensamentos, porém, para além dessa crença na comunicação, podem haver funestos resultados” (ASSUMÇÃO, 2012, p. 75).

Dentre nós, há aqueles que ainda acreditam na primazia da escrita prevalecendo sobre a força esmagadora das imagens. A era digital acelerou o tempo e diluiu as fronteiras entre o real e o imaginário. Ao mesmo tempo em que reposicionou o status de tudo o que se conhecia sobre comunicação e linguagem, a internet escancarou a índole das paixões humanas, tornando os aspectos mais pujantes do ser humano a sua principal ferramenta de manipulação.

E é contando com isso, com um grandioso volume de resistência e de aparente consciência nossa em relação aos fatos do mundo, que a linguagem de massas contemporânea nos captura, nos subverte, nos entorpece, nos alicia, deixando-nos cada vez mais convictos de nossas próprias crenças. É assim que uma ideia falsa, uma mensagem não de todo verdadeira, que reiteradamente nos seja oferecida como couvert, lentamente se transformará em nosso prato principal:



Mantenhamos o momento semiótico e místico de nossa varredura, em modo stand by. E, indo um pouco mais em direção à raiz desta ideia da divulgação de uma lista de 216 palavras, a fim de ver se encontrávamos a

origem desta compilação vocabular de dicionário, o que mais há nesse rol simbólico em que se conectam elementos da realidade imediata aos liames da imaginação?

Acima: Capa do Disco *Secos e Molhados*, 1973.

## Uma mentira dita mil vezes vira verdade – Goebbels

(Link da imagem abaixo: [https://3.bp.blogspot.com/-IYj3mJOkbZ4/V-6eB6Mo-tI/AAAAAAAAARSQ/89bzO\\_HvO6IORd\\_HZDSXQ14Vz5psM-3kQCLcB/s1600/c5b1a2c0-7410-11e5-8523-3705385c05e6\\_16-10-2015.jpg](https://3.bp.blogspot.com/-IYj3mJOkbZ4/V-6eB6Mo-tI/AAAAAAAAARSQ/89bzO_HvO6IORd_HZDSXQ14Vz5psM-3kQCLcB/s1600/c5b1a2c0-7410-11e5-8523-3705385c05e6_16-10-2015.jpg))



Para quem chegou até aqui, já é possível ter mais clara a impressão, de que as tais 53 + 216 palavras se vinculam facilmente, tanto a um suposto lado negativo de Bolsonaro e dos seus, quanto a um pretenso e autoproclamado lado positivo de Lula e de sua militância. No campo de domínio do grupo da

lista das 216 palavras, vimos que nela há algo que mediado pela efetividade mística ou pela mera coincidência algorítmica da recorrência do número 216.

Seguindo nossa digressão simbólica, vemos que a charge acima se refere a um depoimento de Lula, que ocorreu na data de 20/01/2016 (<https://fernandomelis.blogspot.com/2016/10/a-alma-viva-mais-honesta-do-brasil-posa.html>). Notem que, decompondo os números desta data, sobram, ao retirarmos o número zero, o número 2, o 1 e o 6 = 216.

Na charge, como relatamos, ilustra-se o momento de um depoimento de Lula, ainda antes de ser preso (ele foi levado à cadeia, em abril de 2018). Naquela data do depoimento ilustrado pelo desenho do Cartunista Alpina (do YAHOO Brasil), Lula fez a afirmação que viria a se tornar, se não motivo de riso eterno, ao menos de desconfiança generalizada (assim como certas falas de seu futuro opositor, o Bolsonaro).

E isto, se sua frase não viesse a ser tida como ‘verdadeira’, anos depois, sacralizada que foi, pelo apresentador do Jornal Nacional, da Rede Globo, William Bonner (25/08/2022), dia em que a grande mídia declarou a inocência de Lula. Na ocasião, Bonner disse, durante entrevista, do então candidato Lula, para o pleito de 2022: “O Sr. não deve nada à Justiça”.

O enunciado desta frase pode ter tido no imaginário popular, o mesmo impacto que a simbologia do Anjo 216 pode ter ativado. Ou seja, tanto o veredicto jornalístico dado ao candidato, quanto a mensagem angelical, mais a sobreposição da data do depoimento, em que Lula se diz o mais probo do país, se encaixam na contramão linguística do postulado saussureano.

Claramente, vê-se que estas mensagens saem do sintagma (da realização social, cultural), e se afundam em nossa mente, contaminando todo o paradigma semântico aprendido sobre política, sobre Lula, sobre o seu status jurídico.

Por isso, é possível afirmar, que a frase de Bonner pode ter contribuído para que, depois desta declaração do jornalista, muita gente pelas ruas, a militância do PT (Partido dos Trabalhadores), além do próprio Lula e de outros tantos setores da sociedade, passassem a repetir para si mesmos e a acreditarem como verdadeiros os enunciados dúbios que



momento de nomear a sua criação, o boneco Pinóquio. Esse episódio, remonta ao ano de 1883, quando o italiano, Carlo Collodi, escreveu sua obra, *As Aventuras de Pinóquio*. De inspiração nesta obra, o meme acima viralizou e ganhou várias versões inscritas dentro de seu balãozinho branco. De todas elas, selecionamos duas. Uma, a que está acima, e a

Link da imagem: <https://m.facebook.com/senadorhumberto/photos/a.174225786080302/1813607085475489/>

outra, à esquerda, divulgada pelo Senador petista, Humberto Costa, em suas redes sociais. De qualquer maneira, as duas são úteis para o modelo comunicativo discutido neste livro, visto que envolvem Jornalismo, Lulopetismo e Bolsonarismo.

E, por mais calunioso que socialmente isso pudesse ser no mundo real, ou ainda que moralmente condenável, inconsciente e imediatamente, todos os adeptos e, mais lentamente, parte dos demais membros da sociedade, passaram a disseminar a falsa informação de que o petista teria sido, de fato, inocentado.

Vale lembrar, que isto é social e moralmente calunioso, por que a absolvição não aconteceu, visto que ele, Lula, foi “descondenado”, teve seus processos anulados por um alegado “erro” de CEP, e, desde então, não poderia mais ser julgado, por que os crimes prescreveram, o que é bem diferente de ser inocente.

Foi pensando nestas entrelinhas, nesta busca pelas palavras que formam o paradigma linguístico e cultural do brasileiro quanto às fagulhas da recente fogueira política brasileira, que nos deparamos com o que seria improvável. Vimos materializar-se bem diante da gente, um site, o ROTEIRICES, com mais uma conexão comunicativa de massa que margeia o surreal.

Nele, no tal site, se inscreve a seguinte designação funcional de capa: “Podcast de entrevistas, do jornalista Carlos Alberto Jr., sobre temas da atualidade” (<https://anchor.fm/carlos-alberto-jr/episodes/216--A-aliana-da-extrema-direita-catlica-com-o-governo-Bolsonaro--com-Romero-Venncio-e1pf14l>).

Mas, quem, além de Jornalista, é Carlos Alberto Jr.? Bom, no site da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SECEC), de Brasília – DF, ele figura como Secretário Executivo, numa consulta feita ao site, em 08/01/23, às 16h52min (<https://www.cultura.df.gov.br/fale-com-a-secretaria/>).

Carlos Alberto Jr., é também o mesmo que aparece, em texto publicado pela Fundação Astrojildo Pereira (<https://www.fundacaoastrojildo.org.br/tag/lei-rouanet/>), e este seu texto no site da Fundação, ao que tudo indica, foi tratado por um designer de sites e não por um Jornalista, chamado João Vitor.

João Vitor, por sua vez, escreve ou apenas publica o texto no sítio, referenciando a produção ali postada à Revista Política Democrática online (45ª edição: julho/2022), em que Carlos Alberto Jr., que teria sido o último ouvidor do Ministério da Cultura, aparece dizendo frases como: “Bolsonaro investe na desinformação”; e, ainda discorrendo sobre o assunto do texto, que trata da Lei Rouanet, continua Carlos Alberto: “Quem deve incentivar isso? O governo federal, mas temos um governo federal que não incentiva nem a tomar vacina. Então, não vai incentivar a cultura também” (VITOR, 2022).

Bom, a partir do conhecimento do breve currículo de Carlos Alberto Jr. e de seu posicionamento diante do governo Bolsonaro, podemos retornar ao seu site, o ROTEIRICES. Mas, e o que tem lá que justifica esse nosso retorno a ele? O que nele nos pode servir de item de conexão sobre as tais 216 palavras? Com o Anjo 216 e com o dia do depoimento de Lula. Vejamos atentamente print, a seguir:



Vemos, neste *print* de tela acima, produzido pelo próprio autor deste livro, que o Podcast que aparece nele associado, pelo motor de busca Google, reporta o internauta ao *Podcast* de número 216, o que nos remete, novamente à lista das 216 palavras e aos demais itens, sobre a qual solicitamos pesquisa ao Google.

O Podcast supra se refere, no título, ao governo Bolsonaro, ao catolicismo, e é intitulado de: “A aliança da extrema-direita católica com o governo Bolsonaro, com Romero Venâncio” (<https://anchor.fm/carlos-alberto-jr/episodes/216--A-alianca-da-extrema-direita-catolica-com-o-governo-bolsonaro-com-romero-venancio-e1pf14>). No áudio, ouve-se uma entrevista feita pelo Jornalista, de nome Romero Venâncio (o *link* é acessível à audição). E, o que há no áudio?

Na sonora ali registrada, trata-se de vincular a conduta de fiéis de uma Paróquia Católica, que, durante uma missa, questionaram o Padre celebrante do culto, que supostamente teria feito, em sua pregação, apologia a ideias como o aborto, a defesa da ideologia de gênero entre outros itens, os quais, como se ouve no *Podcast*, desagradaram profundamente parte dos fiéis que ali comungavam.

Não queremos, com isto, dizer que tenha existido uma conspiração dos algoritmos do Google para conduzir a todos nós para esta direção real ou simbólica que envolve a precoce caracterização negativa de Bolsonaro (cf. lemos nos 216 vocábulos da lista), dos integrantes de seu governo, de seus familiares, eleitores e seguidores, já desde o início do mandato, em 2019.

Tampouco podemos afirmar que a existência desta lista de 216 palavras, bem como a construção de outra (a de 53 itens, anteriormente por nós aqui apresentada), paralela à primeira, contenham a melhor escolha de palavras para

se tentar definir o que foi o governo Bolsonaro e a natureza de seu legado na cultura e no imaginário social, político, econômico e cultural contemporâneo.

Mas, independentemente de nosso juízo de valor, estas palavras existem e têm contexto, local de enunciação e adesão a elas, por parte de certos grupos de usuários da língua. Por isso, nossa obra se justifica, uma vez que seu conteúdo preenche a lacuna que há entre as premissas vocabulares reais e ou simbólicas das 216 palavras, passando pela construção paulatina de outro repertório (as 53 palavras e expressões linguísticas), instituídos como verdadeiros e impostos como absolutos durante a vigência de todo o mandato bolsonarista.

E este viés de confirmação sobre as próprias convicções quanto a um anti-bolsonarismo, foi muito além do que os itens de uma lista de 53 ou 216 palavras poderiam chegar.

Viu-se que nossa busca rompeu as fronteiras angelicais, nela incorporou o dia do depoimento de Lula e abraçou as hipóteses que levantamos sobre o conteúdo do ROTEIRICES.

E foi imbuído deste espírito investigativo que, no final do mandato de Bolsonaro (encerrado em 31/12/2022), encontramos, na internet, menções a um certo *Manual Anti-Bolsonaro*. Sem autor, sem assinatura, o texto digital descreve ao leitor, uma espécie de receita para que, por meio dela, se salve o Brasil do legado bolsonarista, intitulado “O Jair perdeu. Pequeno manual para salvar o Brasil do caos bolsonarista”:

[Início](#) Todo mundo já reconheceu



Canal de telegram

# O Jair perdeu.

## Pequeno manual para salvar o Brasil do caos bolsonarista

(Capa da página na internet. Link para a imagem: <https://www.ojairperdeu.com/>)

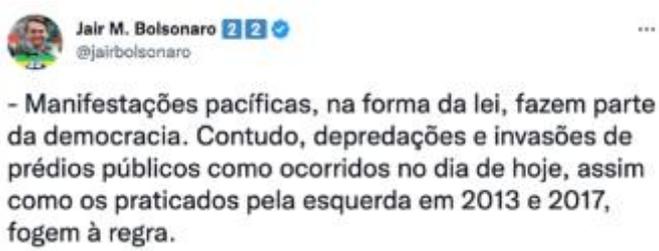
No site, se sugere, inclusive à militância, aos visitantes da página, condutas como: “Sua missão não é ir pra rua furar os bloqueios com as próprias mãos. Esse é o papel das polícias e cabe aos tribunais determinar o que deve ser feito.

Sua missão é ajudar a retratar essa galera (os fatos abaixo, no 08/01/2023) como extremistas radicais que estão prejudicando o povo” (<https://www.ojairperdeu.com/>).



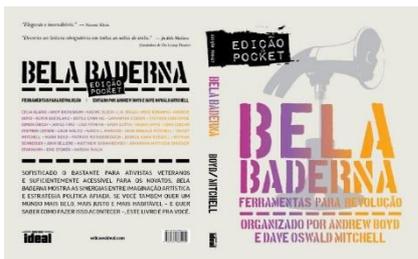
Ou seja, tentar desfazer a reputação de movimentos pró-governo, fazê-los cair em descrédito e acentuar o caráter bipolar do “nós contra eles” – eis o alvo das mensagens inscritas no dito Manual.

A existência de infiltrados num e noutro movimento de Esquerda, de Direita, é parte da narrativa corrente durante as manifestações. O problema ganha maior volume, quando, as agências de checagem da veracidade da informação, tais como: @agencialupa; a @afpcheamos; a @comprova; a @estadãoverifica; a @fatooufake; a @uolconfere; a @aosfatos; a @boatosorg; a @efarsas; e, os sleeping giants, dizem que a hipótese de haver infiltrados nos movimentos de Direita, é falsa. E fazem isso, ao mesmo tempo em que unanimemente tentam culpabilizar, o já ex-Presidente, Jair Bolsonaro, pelos atos de vandalismo, ocorridos em Brasília – DF, no dia 08/01/2023, ainda que ele estivesse fora do Brasil, em férias, nos EUA, e que, de lá, tenha feito esta postagem ao



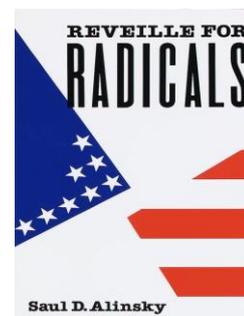
lado, às 09h17min, do dia 08/01/2023, repudiando a violência e o vandalismo do atos: (Íntegra da matéria em: <https://www.poder360.com.br/brasilia/bolsonaro-demorou-6-horas-para-se-manifestar-sobre-atos-no-df/>). Em quem confiar, se o que está escrito não vale nada, e se os checadores adotam duplos-padrões?

O modo com que este Manual se apresenta e o comportamento que ensina, meio que replica o cabedal subversivo sugerido pelo livro de Andrew Boyd & Dave Oswald Mitchell (*Bela Baderna – ferramentas para revolução*, 2012 – [Disponível no site da Escola de Ativismo: <https://medium.com/@EAtivismo/bela-baderna-ferramentas-para-revolu%C3%A7%C3%A3o-f5b266d4d559>]), sobre o qual fizemos um análise e a publicamos na Revista AKEDIA, no 1º semestre de 2022 ([https://www.revistaakedia.com.br/\\_files/ugd/314365\\_b8f166545f954581a16a457ba64e78b6.pdf](https://www.revistaakedia.com.br/_files/ugd/314365_b8f166545f954581a16a457ba64e78b6.pdf)).



A correlação entre a linguagem impressa no Manual Anti-Bolsonaro com a linguagem subversiva do livro Bela Baderna é tão estreita quanto assustadora. Esta é a linguagem de um tipo de política que ao invés de libertar, aprisiona.

Ao que pudemos constatar, há mais hastes desse tipo de grade, dispersas pela produção político-literária disponibilizada aos leitores. Outra destas publicações, ao nosso ver, paradoxalmente cerceadores das liberdades, portanto, exatamente contrárias ao que elas mesmas aparentemente propõem, é a obra de Saul Alinsky, intitulada *Regras para Radicais*, lançada em 1946 (citação completa nas das Referências).



## De tanto levar, frechada do teu olhar – Adoniran Barbosa

Dentro dos estudos da linguagem e da literatura, existe o expediente teórico de uma Estilística como Desvio da Norma. É um tipo de argumento técnico, por meio do qual se justificam ou se autorizariam a utilização, veiculação e difusão de mensagens, enunciados linguísticos, publicações impressas ou digitais, contendo ‘erros de português’. Uma espécie de licença poética generalizada para se empreender um ‘passapanismo’ na reputação comunicativa de alguém.

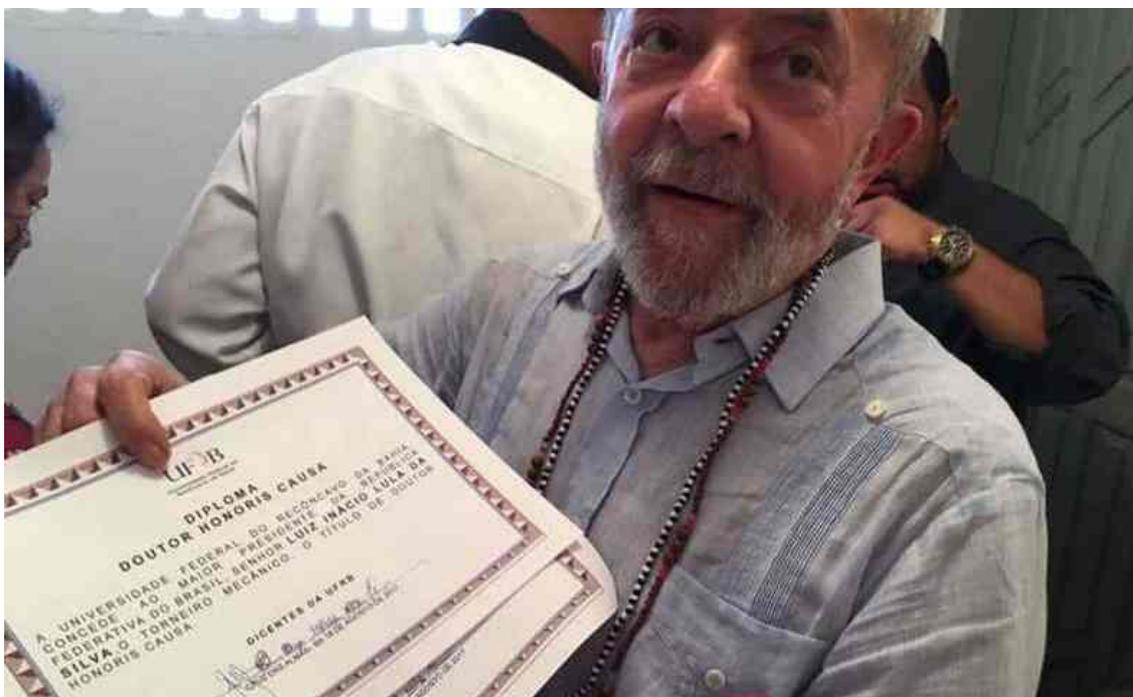
Neste sentido, bem que se poderia ter dado a Bolsonaro, o mesmo alcance da licença poética que foi dada ao escritor João Antônio, para que ele publicasse a sua memorável obra, intitulada *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963). Do mesmo modo, que se desse ao truculento e antissocial Capitão Jair, o mesmo amparo legal para o cometimento de ‘erros de português’, que foi oferecido ao excepcional e talentoso artista, e também descendente de italianos (assim como é Bolsonaro), o José Rubinato, cidadão mais conhecido como Adoniran Barbosa (1910-1982).



Quem não se lembra de canções de Adoniran (na foto ao lado), que elevaram o Desvio da Norma a um patamar indiscutível e genial de estilo, como: “Saudosa Maloca” (1951); “Abrigo de Vagabundos” (1959); “Despejo na Favela” (1969) (FREITAS, 2017, p. 01).

Igualmente, e sem nos alongarmos demais nessa digressão de exemplos sobre a lesa-pátria linguística, ainda que legalizada, vemos que se poderia ter dado ao Presidente da República Jair Messias, a mesma moeda de compreensão e de tolerância que foi ofertada a outro Presidente da República brasileira, em 2017.

A foto na sequência, vem do TWITTER, rede social, do Sociólogo Emir Sader. Nela, Lula exibe um diploma de Doutor Honoris Causa, comenda supostamente emitida pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).



(Crédito da foto: retirada de RONAN, 2017)

A UFRB teria sido inaugurada pelo próprio Lula, em 2006. Entretanto, em nota à imprensa, a UFRB nega a entrega do título e da emissão de sua representação em papel, acima na tela. No documento exposto por Lula, há, dois incríveis erros gramaticais e uma desconformidade legal: por isso, resgatamos esse fato aqui.

O primeiro dos erros, é o da separação entre o sujeito e o predicado, por vírgulas: “A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, concede ao maior presidente da República Federativa do Brasil, senhor Luiz Inácio Lula da Silva, o torneiro mecânico, o título de doutor honoris causa”. O segundo, na assinatura, na qual se lê “dicentes da UFRB”, em vez de “discentes” (RONAN, 2017, p. 01):

O ponto aqui é que, se, para o Lula, o Desvio das Normas foi aceitável, em diversas circunstâncias além desta, para o Messias, algumas “caneladas” também poderiam ser, ou não? Claro que não. Nem para um, nem para outro.

Mas, deixando a ironia de lado, fato é que isso (a conduta social, comunicativa de Bolsonaro), lado a lado de sua reconhecida beligerância parlamentar, visivelmente não ajudou em nada a melhorar o perfil de político *outsider* que se

construiu ao seu redor, e de um governante que, por ser militar e meio antissocial, poderia mesmo vir a adotar uma linha ditatorial no seu governo.



(Link da imagem: <https://pbs.twimg.com/media/EzifHY2XEakVYXO.jpg:large>)

Tais hipóteses, associadas a um modo de falar mais simples, direto e, às vezes, ríspido e mal-educado, fez com que Lula, ainda como candidato à Presidência (para o mandato de 2023-2026), pusesse ainda mais lenha nessa fogueira comunicativa de semântica inversa, e dissesse, em 22/09/2022, que Bolsonaro é um sujeito 'ignorantão', 'meio chucro' e 'capial' (SOARES, 2022, p. 01).

Do mesmo modo, essa dificuldade de Bolsonaro com a interação social e com os meios de comunicação, ou mesmo devido a certo despreparo emocional para o enfrentamento de algumas situações novas no mundo político de dentro do qual emergiu, desenhou o molde da luva sociocultural dentro da qual ele entrou.

Levou consigo para o interior desta luva, com justeza e quase sem ressalvas, a pecha de “burro”, de “despreparado”, e até de “portador de sérias dificuldades cognitivas”, alcunhas muito atribuídas a ele e aos seus correligionários, sintetizadas pelo designativo genérico de “gado bolsonarista”.

Ao que tudo indica, o uso desta expressão teve seu ápice de acessos, quando conferidas ao Presidente Bolsonaro, pelo historiador e YOUTUBER, Marco Antonio Villa (Título da postagem da TV Cultura: “MARCO ANTONIO VILLA

CHAMA BOLSONARO DE 'BURRO', NO JORNAL DA CULTURA DEZ/2021. Link para o vídeo: [https://youtu.be/BYXX\\_dogxKU](https://youtu.be/BYXX_dogxKU). VILLA, 2021).

E, agora, em compasso de retomada neste ponto do texto, vemos que o governo Bolsonaro, assim, aprioristicamente formatado por seus mais inusitados detratores, já desde a candidatura e, pode-se afirmar, durante o mandato inteiro, foi se consolidando como repulsivo, tanto como narrativa midiática quanto no imaginário popular.

Seu governo foi sendo recepcionado por parte da sociedade, como que capitaneado por uma espécie híbrida de déspota provável e néscio contumaz. O ativismo judicial emitiu seu pensamento sobre esta suspeita sociocultural, mesmo que fora dos Autos de um Processo, assim: “Tudo isso eu acho que mais revela limitações cognitivas e baixa civilidade do que propriamente um risco real” (Luís Roberto Barroso, Ministro do STF – Supremo Tribunal Federal e Presidente do TSE – Tribunal Superior Eleitoral, fevereiro de 2022. Leia mais sobre, em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/2/13/barroso-sobre-atos-de-bolsonaro-limitaes-cognitivas-baixa-civilidade-110059.html>).

E isto, sem sombra de dúvidas, parece nos permitir supor que, de uma legislatura assim, em termos de comunicação, de linguagem, de cultura, é que não sairia nada mais além do que vocábulos pejorativos de todos os lados, de produção irrelevante de conteúdos, de dispersão de mensagens sem nexos, e condução de atos social, política e economicamente desprezíveis e sem legado algum.

Por isso, apesar da premissa inicial de nosso texto, isto é, a de que Bolsonaro e seus auxiliares teriam falhado na condução da interação pessoal e da comunicação social, respectivamente (e isto até pode ser fato), o objetivo central de nosso livro, é o de dar a leitor, além das 53 e das 216 palavras e expressões que recheiam a narrativa explicativa do período bolsonarista no Planalto, outro volume bem maior e mais robusto de verbetes, conceitos e expressões que, ao lado destas (53+216) sempre estiveram, mas que, devido à polarização política, ficaram, ao longo dos últimos quatro anos, escondidas por detrás de um Véu de Maya midiático, desigual e desveladamente parcial.

E nisso, não há algo de exatamente novo e nem de demérito, visto que a qual parte do espectro político haveria de interessar a disseminação deste tipo de (des)informação, se não o notoriamente de oposição ao governo que estava

posto? No espectro da Direita haveria, talvez, de se fazer o mesmo, num contexto de plena democracia, até aí, tudo tranquilo.

Entretanto, isso é parcialmente verdadeiro, tanto sob o viés da relação linguística que inverte o vetor semântico paradigma → sintagma (cf. já dissemos, in: SAUSSURE, 2006), quanto sob o viés do movimento natural da democracia. Em termos de atos democráticos oriundos de uma oposição política, por exemplo, vemos que durante o governo de Bolsonaro, o balanço de atos protocolados contrários ao seu mandato, até 11/01/2023, são estes:



**OS PEDIDOS  
DE IMPEACHMENT ✓  
DE BOLSONARO**

**Ao todo, mais de 1550 pessoas e mais de 550 organizações assinaram pedidos de impeachment do presidente Jair Bolsonaro. Foram enviados 153 documentos ao presidente da Câmara dos Deputados, sendo 97 pedidos originais, 7 aditamentos e 47 pedidos duplicados. Até agora, apenas 7 pedidos foram arquivados ou desconsiderados. Os outros 144 aguardam análise.**

(Fonte da imagem: <https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/>)

A este respeito, cabe frisar, que três dos primeiros pedidos de Impeachment contra Bolsonaro, foram escritos à mão livre. É possível ter acesso a todos, no site APUBLICA.ORG (<https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/>).

Dois destes, redigidos pelos detentos João Pedro Bória e Lauro Chamma. Um terceiro (cópia das três páginas do pedido, mais à frente), assinado pelo cidadão Antônio Jocélio da Rocha, que deu entrada na Câmara, em 01/02/2019, ou seja, menos de 30 dias depois da posse de Bolsonaro, o documento já tramitava.

No pedido, Antônio Jocélio da Rocha se identifica como eventual candidato à Presidência que, sem vínculo político partidário com organizações criminosas da

esquerda, centro ou de direita, teve sua candidatura indeferida, segundo ele, pelo criminoso TSE.

E, enquanto que a primeira legenda política (o PDT – Partido Democrático Trabalhista) a fazer coro com os detentos pelo Impeachment, só protocolou o seu pedido, em 20 de março de 2020, em maio do mesmo ano, novas siglas políticas de esquerda fizeram igual: PT, PCdoB, PSOL, PSTU, PCB, PCO e UP. Em 06/10/2022, já próximo das eleições, o cenário da divisão política era esse:



(Link da imagem: <https://www.tribunadaimpressadigital.com.br/noticia/16-partidos-apoiam-lula-6-partidos-apoiam-bolsonaro-10-partidos-neutros>)

Saindo da esfera política, registra-se que alguns artistas e celebridades se juntaram ao cortejo democrático dos contrários ao governo: o rapper Emicida, o cantor e escritor Chico Buarque, o cineasta Fernando Meirelles, a atriz Dira Paes, o comentarista Walter Casagrande, e o religioso Frei Betto.

A seguir, devido ao interesse sociolinguístico que esta redação pode suscitar, vemos a íntegra das três páginas do pedido de *Impeachment* contra Bolsonaro, redigido e assinado por Antônio Jocélio da Rocha, em 01/02/2019:

AO MINISTERIO PÚBLICO FEDERAL

PR-DF-8491/19

A CAMARA DOS DEPUTADOS  
AO PROXIMO PRESIDENTE DA ATUAL LEGISLATURA  
A QUINTA DP - REF. B.O 8221/2016-5

Recebido no Cartório/PRDF  
Em 01/02/19 às 17:57  
Por: Diego Freitas  
Matrícula: 243747

NESTA

Antônio José da Rocha, portador de  
CPF [REDACTED], residente em  
[REDACTED]

Secretaria-Geral da Mesa SEFRO 05/Fev/2019 14:40  
4553  
Antonio  
Dr. Ivan

[REDACTED] (p/membro), e-mail: [REDACTED]  
vem me  
respeitosamente apresentar a presente denúncia  
de crimes de responsabilidade (Lei 1079/50) e  
omissão (Art 5 XLIII e XLIV CF/88) em desfavor  
do Presidente da República Sr. Jair Messias  
Bolsonaro e dos demais líderes dos 2 poderes  
da União da República do Brasil, de todos os  
arguís perante a Lei (Art 5 CF/88), pelos  
atos e fundamentos transcritos logo abaixo:

FATOS E FUNDAMENTOS:

Omissão é crime hediondo, inafiançável e imprescritível, que responde os atuais líderes dos 3 poderes e daqueles que participaram de legislaturas passadas.

É crime contra a lei e a ordem (Art 142 CF/88) manter o FOGO brasileiro referendo dívida pública brasileira 100% criminosa, usurária e anetocista, nunca auditada, conforme prescreve a lei.

Omissão na prática de usura e anetocismo pelos bancos e demais instituições financeiras que não cumprem o Decreto 22626/33 e o

Secretaria-Geral da Mesa SEFRO 05/Fev/2019 14:40  
4553  
Antonio  
Dr. Ivan

RESIDENCIA DA CD. 01/FEV/2019 18:17

Art 5 XXXVII.

Nenhum Simulaculo Vinculante pode proteger juiz ou tribunal de exceção, não pode transformar o Estado em escravo de dívidas públicas criminosas.

O Estado é ateu (Art 3 IV), democrático (Art 1) e socialista (Art 6); não é laico-tolerante (Art 5) com crimes hediondos de ódio, racismo, sionismos, perseguições, preconceitos, discriminações e ideologias de fantasma e de fúria, enquanto milhares de crianças morrem de fome todos os dias no mundo por culpa do oligarquizado roubado por políticos e religiosos corruptos.

Metade do Meta Fiscal do Brasil é roubado em usura e anatocismo dos direitos sociais de todos os iguais perante a lei.

Em 12 anos mais de R\$ 15 trilhões se transformaram em crimes hediondos de emissões do Estado, escravidão de organizações criminosas (Lei 12850/13) e terroristas (Lei 13260/16) políticos e religiosos da esquerda centro e direita que não honram a lei e a ordem (Art 142 CF/88) e o juramento do Art 78 CF/88.

Compete ao CMN limitar taxas de juros e não roubar ou ser omissivo:

sem nada mais se fazer e sem a necessidade de produzir qualquer outro projeto senão citar a lei e a ordem (Art 142 CF/88) e

juramento do Art 78, e guarda o depoimento  
desta DENÚNCIA a ser protocolada em  
outros órgãos do Estado e ser o de crimes  
zonas criminosas do Executivo, legislativo  
e judiciário.

Felícia armada é sinal de um Estado  
omisso, criminoso e escuro de dívidas e  
corrupções.

Atenciosamente,

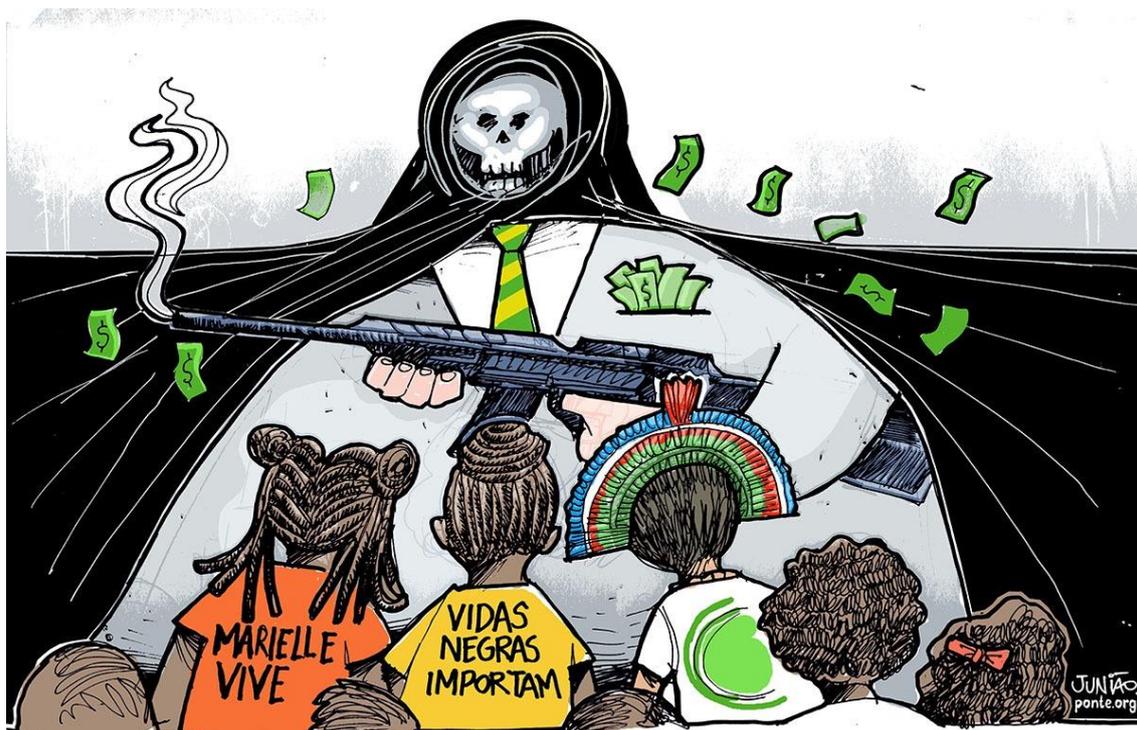
Brasília, 01 de Fevereiro de 2019.

Antônio Jcelino da Rocha  
Candidato à Presidência, sem  
vínculo político partidário  
com organizações criminosas  
da esquerda, centro e direita  
independente pelo criminoso TSE  
que não cumpre as leis e a ordem  
Art 5 XX e Fato de São José da  
Costa Rica

PÁGINA 3

## 'Dicionário' – por um glossário do governo 'borsonaro'

O que chama a atenção, no que até aqui se expôs, é a precocidade, a diversidade de origens e o volume de atos contestatórios e ou de termos linguísticos, imagéticos, desqualificadores e vexatórios, tão precocemente dedicados ao mandatário nacional. Além do que já apresentamos, vejamos a imagem confeccionada para ilustrar uma matéria / artigo, sobre assuntos que envolvem o conceito de 'necropolítica', publicada em 25/09/2019:



(Link da imagem: <https://ponte.org/o-que-e-necropolitica-e-como-se-aplica-a-seguranca-publica-no-brasil/>)

Já, neste *post*, o Presidente Bolsonaro, estilizado pela charge, com gravata verde-amarela, arma na mão, e 'portando muito dinheiro', meio que reina soberano sobre certos fatos sociais, tais como a morte da política Marielle Franco (morta em 14/03/2018), ou mesmo sobre eventos ligados ao #blacklivesmatter, aos indígenas, crianças.

Sobre a arma na mão, o caricaturista, o responsável pelo site e quem assina o texto, provavelmente tenham sido movidos pelo pensamento já cristalizado sobre o conceito disseminado de desarmamento da população. Mas, sem adentrarmos em controvérsias descabidas aqui, gostaríamos de ofertar ao leitor, um contraponto sobre o tema, vindo da memória de um episódio histórico,

lembrado pelo escritor Bene Barbosa, em seu livro *Sobre Armas, Leis e Loucos*, de 2020. Conta-se nela, que: “Em junho de 1927, Lampião aprenderia sua mais dura lição. Não pelas mãos da polícia, do Exército ou de qualquer outra força regular do Estado [...]. A lição aprendida por Lampião, foi enfrentar uma cidade toda armada e disposta a não se entregar” (BARBOSA, 2020, p. 35).

Rodolfo Fernandes era o Prefeito, da cidade, Mossoró – RN. O político ordenou a desocupação da cidade pelos velhos, mulheres e crianças, mantendo-se nela, somente os que quisessem lutar contra os cangaceiros. Deu-lhes armas, treinamento e táticas de luta. E, quando os bandidos invadiram a cidade, festeiros e cantando, diante da certeza que tinham de nunca encontrarem reação alguma às suas investidas, foram recebidos por uma inesperada e volumosa saraivada de balas, que os fizeram fugir dali, para nunca mais retornar.

O curioso, lembra Bene Barbosa, é que, em 01/09/2011, na mesma heroica exemplar Mossoró, seria a lançada a Campanha de Desarmamento, numa espécie de vingança do passado sobre o tempo presente, fatos tão alheios a Bolsonaro quanto aos tempos de governo de Lula, mas que demonstram o quanto de tempo se leva para que narrativas como a da violência pelas armas de fogo, a do aumento da criminalidade possam se transformar em consenso e se instaurar na sociedade como um fato consumado e irreversível.

Na charge pouco acima, vemos uma referência ao Black Lives Matter. Este movimento tem genealogia nas mais diversas fontes. Teria tido início, em 13 de dezembro de 2015, com a invasão de apoiadores do movimento, da sede da Prefeitura de Minneapolis – EUA. Isto aconteceu, depois da morte, pela polícia, de Jamar Clark, em 15/11/2015, em Minneapolis – EUA (TAYLOR, 2018).

Contudo, o Black Lives ganhou maior notoriedade midiática, depois da morte de George Floyd, também em Minneapolis – EUA, em 25/05/2020, momento que coincidiu, tanto com o final do governo Trump, nos EUA, e com o segundo ano de mandato de Bolsonaro, no Brasil.

A imagem em destaque, foi retirada de uma postagem, feita pelo site Ponte.Org, de um texto, intitulado “O que é necropolítica. E como se aplica à segurança pública no Brasil”, de 25/06/2019 (Disponível em: <https://ponte.org/o-que-e-necropolitica-e-como-se-aplica-a-seguranca-publica-no-brasil/>). Assinado por

Mariana Ferrari, o que, além do termo “necropolítica”, nos chama mais a atenção?

Nesta postagem do Ponte.Org, o impacto e a intenção maldosa das associações que se tenta fazer, colocam, no mesmo momento histórico, ocorrências que não coincidem com o mandato de Bolsonaro. E isso não se atenua, pelo fato de que tais eventos sejam fatos morais e socialmente muito ruins. O que é condenável, é a tentativa de se tentar alinhar estes fenômenos, com a pessoa ou com atos do governo de Bolsonaro.

E isso é gritante, principalmente, se for levada em consideração, que, na ocasião da publicação da imagem acima (setembro de 2019), George Floyd ainda estava vivo (morreria somente quase um ano depois, em maio de 2020). Do mesmo modo, se sugere que o assassinato de Marielle Franco, ocorrido em 2018, portanto, um ano antes da posse de Bolsonaro, de algum modo, seja de responsabilidade do novo governante, empossado em 2019.

Ou seja, a má intenção da matéria de Ferrari fica escancarada, visto que ela tenta conectar, por meio de texto e imagem, a relevante luta histórica do #blacklivesmatter, que começou em 2015, e a lamentável morte de Marielle, de 2018, com a pessoa e com os atos de um governo, que só teve início em 2019.

Outro dado interessante de se notar, é que aqueles que se ocuparam desse afazer e de outros comportamentos detratores aqui dispostos, são militantes de espectro esquerdista e, mais curioso ainda, até onde eu sei, ninguém de Esquerda, de Centro ou mesmo de Direita, se dispôs, até agora, a estabelecer um contraditório, como este que fazemos neste livro.

A tais expressões linguísticas, se atribuiu unilateralmente, uma alta carga de suposta “precisão” descritiva que, obviamente, pelos resultados do governo que saiu, não se confirmaram. Não houve golpe militar, não houve desrespeito às Leis, não houve censura à imprensa, reformas importantes para o país foram aprovadas, o país vivia uma situação de praticamente pleno emprego – bom, estas são outras considerações a serem desenvolvidas noutro livro.

O que nos interessa, neste instante, é oferecer a leitor um contraponto linguístico e cultural, quanto ao montante de 53, de 216 palavras e ou expressões, e até mesmo ao *Manual Anti-Bolsonaro*, que, apesar de terem ocorrido



Mas, nisso, haverão de se perguntar nossos leitores: como isso foi possível, como tal ocorrência se deu em tão grande volume, e nós, ainda assim, nem conhecíamos a existência delas no repertório cultural e midiático contemporâneo? A resposta pode ser tão simples quanto chocante.

Uma mentira dita mil vezes, se transforma em verdade (cf. GOEBBELS). Já, as verdades relevantes, precisam ser escondidas da população. Dizê-las, uma ou duas vezes, é o suficiente para que a mídia não seja condenada por omissão. E é igualmente suficiente, para que se promova o rápido esquecimento sobre elas.

E agora, sem mais delongas, vejamos, além das já citadas 53+216 palavras e expressões, outras 105, que também ajudam na concepção semântica do que foi o período do governo Bolsonaro, em termos de cultura e comunicação de massa. São 105 vocábulos ou expressões, contando-se somente os verbetes de entrada dos parágrafos. Se contássemos, também, as ocorrências que aparecem dentro dos períodos descritivos dos próprios verbetes apresentados (que destacamos em negrito), este número seria elevado a um triplo disso, no mínimo.

Logo, são estes os termos:

**#blacklivesmatter**: Tal expressão se refere a um movimento ativista internacional, com origem na comunidade afro-americana, que faz campanha contra a violência direcionada às pessoas negras. No corpo deste livro, há mais informações sobre este assunto, no Capítulo 'DICIONÁRIO' – POR UM GLOSSÁRIO DO GOVERNO 'BORSONARO'.

**#gamergate** ou **GAMERGATE**: Nome dado ao movimento, à luz do caso Watergate). Começou, quando o jogo de Zoe Quinn, intitulado "Depression Quest" (jogo de ficção interativa, que lida com o tema da depressão, lançado em 14/02/2013). Após acusações de um ex-namorado de Quinn, que garantia que ela só havia conseguido tamanha repercussão de seu jogo depois de dormir com membros da crítica especializada, uma verdadeira multidão de jornalistas, sites e pessoas que não tinham nada a ver com a história passou a explorar a controvérsia de quão vendida estaria a indústria dos jogos. O **#GamerGate**, por sua vez, acabou deixando suas origens para trás, se desenvolvendo nos fóruns da internet e tornando-se um movimento que contraria a liberdade de expressão feminina dentro do mundo dos jogos eletrônicos (Adaptado de: <https://tecnoblog.net/174053/o-que-e-gamergate-estudio-pax-east/>, 2021).

**#me too**: A cultura do **Cancelamento** começou com o movimento **#metoo**, nos EUA. Iniciado ainda em 1996, a partir da condução da ativista Tarana Burke, o movimento alçou voo mesmo, em 2017, quando passou a incentivar a denúncia de abusadores sexuais. O fenômeno ganhou as redes sociais e hoje atinge a esfera de cancelamentos de anúncios publicitários, de contratos de trabalho, de

linchamento de reputação e de censura prévia de opiniões contrárias ao que quer que seja. Em desdobramentos mais amplos, esse cancelamento vira censura compulsória, ou seja, em 2023 virou algo bem diferente de 1996.

**350.org:** O 350.org é uma organização ambiental internacional que trata da crise climática. Seu objetivo declarado é acabar com o uso de combustíveis fósseis e fazer a transição para a energia renovável, construindo um movimento global de base.

**AGENDA 2030 DA ONU:** Conhecida, também, pela sigla ODS (objetivos de desenvolvimento sustentável), a Agenda 2030 é um plano global de um mundo melhor para todos os povos e nações. A Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada em Nova York (setembro de 2015), teve a participação da totalidade de seus 193 Estados-Membros, e estabeleceu 17 objetivos de desenvolvimento sustentáveis para serem alcançados até o ano de 2030.

**AGENDA-SETTING** ou **TEORIA DO AGENDAMENTO:** Alocam-se estes termos, no campo dos estudos dos efeitos cognitivos da comunicação de massa. Assim, a Agenda-setting postula que a função dos meios de comunicação é a de influenciar a agenda pública, pautando as conversas entre os cidadãos. A **Hipótese do Agendamento** ou **Agenda – theory**, no original, em inglês –, foi formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw, na década de 1970. Essa hipótese propõe a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados com maior destaque na cobertura jornalística.

**AWAKE GIANTS BRASIL** (<https://fbrasil.org/awake-giants-brasil>): É um Projeto que se oporia aos procedimentos e ou efeitos causados pela **Sleeping Giants** Brasil. Neste sentido, visam à União e Luta de Consumidores a favor da liberdade de expressão, contra a censura, contra a disseminação do discurso de ódio, lacrações, cancelamentos e **fake news**. Têm o objetivo de questionar marcas e empresas que se submetem às chantagens de perfis anônimos e que praticam ilícitos com perseguição ideológica.

**BILDERBERG:** Nome dado à Conferência de Bilderberg. Estas Reuniões de Bilderberg formaram o **Clube de Bilderberg**, cujos membros, anualmente reunidos e em modo privado, estabelecem, desde 1954, a partir do consenso de cerca de 150 especialistas, os destinos da indústria, das finanças, da educação e dos meios de comunicação, fazendo parte da elite política e econômica da Europa e da América anglo-saxônica.

**BARRIGADA:** A barrigada, no Jornalismo, ocorre quando um veículo divulga uma informação equivocada. Fora do Jornalismo profissional, isso é o mesmo que hoje se tem chamado de **Fake News**.

**BODY LANGUAGE:** Dizem que o corpo fala. O rosto, os olhos, mais ainda. Neste sentido, é que uma ideia de leitura da ‘linguagem corporal’ passou a ser explorada pela mídia e a ser adotada pela população como expressão de verdade as reportagens que adotaram deste expediente em suas matérias. Sobre o assunto, é bom ver os estudos de Noam Chomsky, ou o livro de Tom Wolfe, intitulado *The Kingdom of Speech*.

**BOLSONARISMO X LULOPETISMO:** Segundo o ex-presidente dos EUA, Barack Obama (em entrevista dada ao Pedro Bial (Rede GLOBO), em 16 de novembro de 2020 – ver link: <https://horadopovo.com.br/barack-obama-critica-bolsonaro-e-compara-lula-a-chefoes->

[do-tammany-hall](#)), Bolsonaro se assemelha a Trump, e Lula, a membros do **'Tammany Hall'** (sociedade política, formada por membros do Partido Democrata dos Estados Unidos, que dominou o governo municipal da cidade de Nova Iorque, entre 1854 e 1934. De certo modo, este binômio, assim delimitado por Obama, ajudou na formatação do que veio, no Brasil, a se conformar como uma polarização política.

**CAPITALISMO PIRATA:** Esta expressão tem servido para contestar os postulados do livro *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, de 1936, de John Maynard Keynes. Para saber mais, ver livro *Economia do indivíduo: O legado da escola austríaca*, de Rodrigo Constantino; e o livro *Capitalismo e Liberdade*, de Milton Friedman.

**PATOTA DO SELO AZUL:** Ao lado de expressões como **Censura Velada**, **Chapéu de Alumínio** e **Cancelamento Seletivo**, aparece esta, a da Patota do Selo Azul. Na mídia, isto se refere ao fato de que, quando uma conta é censurada, no TWITTER, por exemplo, ela recebe um “selo azul” de advertência, mostrando aos usuários daquela rede social, que certo membro da comunidade não “obedeceu” às políticas da comunidade e, por isso, está sendo censurado, podendo, inclusive, até ser ‘banido’ para sempre da rede, como aconteceu com o Ex-Presidente dos EUA, Donald Trump.

**CHERRY PICKING:** Ao pé da letra, quer dizer ‘apanhar cerejas’. Metaforicamente, esta expressão equivale a ato de se fazer uma seleção enviesada de fatos que atendam a certos interesses. Intencionalmente, certo tipo de jornalismo pode, ‘sem querer’, realizar uma matéria por meio de uma “evidência suprimida”. Neste caso, esta expressão indica também, que a narrativa que dela se utiliza, à semelhança da **Falácia do Espantalho**, da **Petição de Premissa**, apresenta uma evidência suprimida, uma supressão de evidências ou relata uma evidência incompleta sobre um fato. Portanto, o Cherry Picking é um modo de falácia discursiva que consiste em citar casos ou dados individuais que parecem confirmar uma determinada posição do orador, mas que, ao mesmo tempo, ignora uma porção significativa de casos ou dados relacionados que possam contradizer aquela posição que ele aparentemente fundamenta ou defende.

**CHURCH CLARITY:** A Church Clarity é uma ONG, fundada pelo ex-Pastor George Meekhan, que atua como uma espécie de **fact-checking** da religião. Criada para fiscalizar as igrejas quanto à sua “clareza” nas políticas de ‘tolerância’ para com tudo da esfera da moral, acabou por se concentrar nas pautas das questões de gênero, fazendo com que grande parte de seu trabalho se desse em constranger igrejas e comunidades religiosas a aderirem às políticas da agenda **LGBTQIAPN+**.

**CLICKBAIT:** O termo em inglês significa ‘isca de cliques’, também traduzido como ‘caça-cliques’. É uma tática usada na Internet para gerar tráfego online, por meio de conteúdos enganosos ou sensacionalistas. Esse termo refere-se também à quebra de expectativa por parte do usuário que foi ‘fisgado’ por essa isca de cliques. Clickbait, portanto, é uma estratégia de divulgação online que usa títulos sensacionalistas para gerar mais cliques num dado conteúdo. É, também, um termo pejorativo que se refere a conteúdo criado para gerar receita de publicidade online.

**CLUBE DE ROMA:** O Clube de Roma é hoje uma organização não governamental (ONG), que teve início, em abril de 1968, como um pequeno grupo de 30 profissionais liberais, empresários, diplomatas, cientistas, educadores, humanistas, economistas e altos funcionários governamentais de dez países diversos, que se reuniram para tratar de assuntos relacionados ao uso indiscriminado dos recursos naturais, do meio ambiente, em termos mundiais. Pelo fato desta primeira reunião ter acontecido na *Academia dei Lincei*, em Roma, na Itália, o nome sugerido foi o de 'Clube de Roma'. Modelam-se neste Clube, as consequências do crescimento rápido da população mundial, vista sob o prisma do consumo dos recursos naturais.

**CONATUS:** Este, é um termo ou conceito usado, na Filosofia, para se referir a uma inclinação inata de uma coisa para continuar a existir e se aprimorar. Esta 'coisa' pode ser a mente, a matéria ou uma combinação de ambos. Daí, então, que Conatus se aproxima da ideia de um corpo e de uma mente que, apesar de conectados, se expressam ao mesmo tempo como atributos diferentes. Sobre o assunto, ver livro *Ética*, "parte III, proposição 6", de Spinoza. Procure, também, pela correlação com o termo 'Empoderamento'. Assim, veja o livro *Empoderamento*, de Joice Berth. Finalmente, busque pelo livro *Tratado da Natureza Humana*, de David Hume.

**COMPELLED SPEECH:** Traduzido como 'fala forçada', é conceito que foi introduzido no Brasil, via Canadá, que, em certa medida, se opõe ao conceito jurídico relacionado à **liberdade de expressão**.

**CONTROLE POPULACIONAL:** Por conta da vacinação contra COVID-19, a ideia de um controle populacional ganhou páginas na mídia, ora vinculada a teorias mirabolantes, que implicam desde a inserção de nanopartículas nas vacinas, a mecanismos de alterações do DNA humano. A expressão ganhou força, diante da suspeita de interesses obtusos por parte dos financiadores da produção comercial de gigantesca quantidade de vacinas e de insumos hospitalares, que colocaram num mesmo balaió, Bill Gates, a China, médicos e grandes laboratórios farmacêuticos, as chamadas Big Pharma.

**COPY AND PASTE:** Conhecido por escolares, como o processo de cortar, copiar e colar, isto virou procedimento 'profissional', que se compõe pela transferência de conteúdo de uma origem para outro destino. No Jornalismo ou na gestão de órgãos governamentais ou empresariais, isso se denomina Autofagia. Na escrita ou na produção artística, Plágio, na produção industrial – Pirataria. Na informática, isto é simplesmente designado pela expressão **CTRLC+CTRLV**. Fato é que, independentemente do nome, isso contribuiu para a desconfiguração e deslegitimação da sociedade, e, no âmbito do Jornalismo e mesmo da Academia, para uma uniformidade das informações na Mídia, fato que já vinha sendo sentido desde a década de 1970, por meio da republicação de matérias. O ápice atual desta ideia, se instituiu, com a criação do **ChatGPT**, criado no final de 2022. O GPT, por meio de tecnologia de Inteligência Artificial, é capaz de criar textos científicos, jornalísticos, para blogs, literários, com aspecto de originalidade, para quaisquer usuários que os acessem.

**CRISTOFOBIA:** Este termo foi utilizado por Bolsonaro, na Assembleia da ONU 2020. Por isso e muito mais, 2020 foi um ano de muitas divergências (política, vacinas, economia, saúde e comportamento social). Assim, um dos mais assombrosos cenários que ganhou repercussão na mídia, foi o que tratou da

insurgência de ações cristofóbicas. A violência religiosa passou a contaminar os noticiários desde 2019. Contudo, foi em 2020, em função do contexto pandêmico, que elas ganharam corpus de maior repúdio à intolerância.

**DEEP STATE:** Ao pé da letra, '**Estado Profundo**', esta expressão passou pela mídia e pelas redes sociais, quase sempre vinculada a uma ideia de Estado Paralelo. Este conceito também se conecta com o estatuto do '**Imperium in Imperio**', que se define pela existência de '**Uma Estado dentro do Estado**' e, por conseguinte, '**Estado Paralelo**'. Sobre o tema, veja o livro *Mexifornia: A State of Becoming*, de Victor Davis Hanson. Ver, também, o livro de Olavo de Carvalho, *O Jardim das Aflições*. Há, ainda, a obra de Vladimir Petrilák, chamada *1964: o elo perdido: o Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista*, 2017.

**DEEPFAKE:** Deepfake e também seu correlato, o **Deepvoice**, ao que tudo indica, surgiram a partir de suportes tecnológicos gerados pelo BuzzFeed, empresa norte-americana de mídia de notícias, fundada por Jonah Peretti & John Seward Johnson III, em 2006, na cidade de Nova Iorque – EUA. Criado como recurso mais voltado ao entretenimento, virou fenômeno sociocultural e ou jornalístico, a partir de que os Deeps em pauta ganharam o noticiário internacional, gerando um cenário de confusões na internet, fazendo com que celebridades, políticos, pessoas comuns, chefes de Estado, começassem a aparecer na rede, aparentemente dizendo ou fazendo coisas que nunca disseram ou realizaram. A prática ameaça a se tornar coisa muito séria, quando, em vídeos como o criado pelo cineasta Jordan Peele, apresenta, o ex-Presidente dos EUA, Barak Obama, falando textos que nunca disse, ou, ainda, o Presidente da Ucrânia, num contexto de Guerra entre seu país e a Rússia, dizendo ou gesticulando postulados que nunca emitiu.

**DEEP WEB:** Na rede mundial de computadores, temos, basicamente, dois sistemas de buscas: A Deep web e o **Surface web**. Estes dois ambientes virtuais se conformam, cada um segundo o conteúdo que veiculam. Assim, o conteúdo da rede mundial de computadores no sistema Surface web, sob o ponto de vista de sua indexação (rastreabilidade), é feito sujeito ao 'olhar' dos mecanismos de busca padrão. De outro modo, sob o mesmo ponto de vista de rastreabilidade de conteúdos (a indexação), a Deep web corresponde à zona não indexada da rede, dificultando as aferições dos mecanismos tradicionais de busca.

**DEMOCRACIA DE FACHADA:** Esta, é uma expressão que tem sido utilizada para denunciar países que, na aparência, respeitam os direitos dos cidadãos e adotam boas práticas de comércio e de diplomacia, mas que, na realidade, agem exatamente na contramão do dizem. Sobre o assunto, ver a "**Bill of Rights – Declaração de Direitos**", de 1689. Veja o livro de Joshua Wong (maior ativista contra o regime chinês), intitulado *Democracia ameaçada: a liberdade de expressão em risco e por que precisamos agir, agora*. Também, o livro *O Multiculturalismo Como Religião Política*, de Mathieu Bock-Côté.

**DEMOCRACIA MILITANTE** ou **DEMOCRACIA DEFENSIVA:** Exposta por Karl Loewenstein (1891-1973), em texto de 1937, essa tese defende que o sistema democrático tenha mecanismos restritivos para a defesa e garantia de sua própria sobrevivência. Entre tais limitações, há a restrição de direitos políticos de pessoas que atentem contra a democracia e a repressão a atividades que façam o mesmo. Por trás da ideia, criada no contexto da ascensão do **Nazismo** e do **Fascismo**, na Europa, está o entendimento de que a própria democracia, por

excesso de tolerância, viabiliza a chegada ao poder de líderes que acabam por miná-la. Esta teoria de Loewenstein, já foi citada explicitamente pelos atuais ministros do STF, Edson Fachin e Gilmar Mendes. Não se tem notícia de que o ministro Alexandre de Moraes, conhecedor da obra do alemão, tenha citado ou tenha praticado os atos do modo como os executa, à luz destes postulados.

**DEUS DAS LACUNAS:** Este é recurso falacioso de construção e dispersão de narrativas, a partir do qual se pretende responder questões ainda sem solução científica, com explicações, muitas vezes, sobrenaturais. E, sendo sobrenaturais as respostas, não podem ser verificadas, o que, nesse tipo de falácia, ignora-se a realidade e apela-se para uma explicação irracional.

**DISTOPIA:** Lugar ou estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão, desespero ou privação; anti-utopia. Daí, que a esse termo, tem se unido a expressão '**Distopia Totalitária**', para se fazer referência a países em que o império das Leis já tenha sucumbido e que os direitos e garantias individuais e coletivas estejam correndo algum tipo de perigo.

**EFEITO DUNNING-KRUGER:** Também chamado de 'Efeito de Superioridade Ilusória', é expressão empregada para designar a ignorância, a incapacidade, a inconsciência ou falta de habilidade das pessoas em reconhecer a própria incompetência e seus erros, bem como em estimar a dificuldade de tarefas e atividades nas quais estão envolvidas. Este fenômeno trata de uma síndrome estudada por dois psicólogos, da Universidade de Cornell, chamados Justin Kruger e David Dunning, que descreveram o fenômeno em um artigo, publicado no final dos anos 90, sob o título de "Unskilled and Unware of it: How difficulties in recognizing one's own incompetence lead to inflated self-assessments" (Sem talento e sem noção: como as dificuldades no reconhecimento da própria incompetência levam a autoavaliações inflacionadas, e perceberam neste estudo que a "ignorância, com mais frequência do que o conhecimento gera confiança").

**ESG:** Sigla oriunda do idioma inglês, Environmental, Social, and corporate Governance, que, em suma, se traduz, publicamente, por meio de uma abordagem avaliativa, para se verificar até em que ponto uma corporação trabalha em prol de objetivos sociais que vão além da mera maximização dos lucros. Esta ideia surgiu, em Nova York, 24/04/2004, durante o evento anual da ONU (Organização das Nações Unidas), denominado The Global Compact – Leaders Summit. As premissas do ESG estabelecem ações preventivas contra a corrupção, sobre como elas cuidam do meio ambiente, como as corporações tratam seus funcionários e ou regulam as dinâmicas de contratação de pessoal face à diversidade e inclusão, como as empresas reciclam seus recursos etc. Estatuídas neste evento, foram implementadas, a partir de 2005, e hoje, se fazem presentes em quase todo o mundo, sendo reconhecida, também, pela expressão **GREENWASHING**.

**ESQUEMA PONZI:** Esta é uma operação fraudulenta sofisticada de **pirâmide financeira**, criado por Charles Ponzi, nos anos de 1920. Embora se trate de um crime, isto ganhou o noticiário recente, quando Guilherme Boulos disse acreditar que seria possível 'salvar a Previdência' no Brasil, se valendo de um destes formatos de pirâmide.

**ÉTICA DA LACRAÇÃO:** Expressão que se atrelou ao comportamento de banimento de pessoas e de empresas das redes sociais, visto que os

‘canceladores’ consideram que o que não estiver ao alcance dos argumentos de consenso construídos em torno do que eles mesmos acreditam como válido, precisa ser imediatamente ‘cancelado’, ‘banido’, ‘eliminado’.

**FABIANISMO:** Vindo da ‘**Sociedade Fabiana**’, fundada em 1884, no Reino Unido, esta expressão, de um modo geral, identifica todos aqueles que professam o ideário fabianista, que, em tese, é progressista, democrata, no espectro político localizado mais à esquerda, posto que se difunde por meio de uma narrativa que cria uma câmara de eco de vitimismo nas pessoas, postulado tipicamente de Esquerda. Isto é, o Fabianismo fala ao seu público diretamente naquilo que as confirma, nas suas fraquezas, prometendo satisfazê-las com benemerências, paternalismos que, em última análise, acaba por constituir um enorme contingente de audiência de passiva e de fácil condução, em que os protagonistas têm somente o trabalho de pregar para convertidos, o que, sem sombra de dúvida, facilita bastante o caminho de dominação. Já, em sua vertente Liberal, o Fabianismo se preocupa com a cultura política, se voltando menos aos fatos da luta de classes e mais atento para com a construção de um bem-estar social, por meio da geração de empregos e de uma legislação que apoie os trabalhadores, da emancipação política das mulheres e das estatizações, fatos que, por si só, deram norte à esquerda contemporânea.

**FACHISMO:** Neologismo jocoso, para o vocábulo “**Fascismo**”, que passou a frequentar o noticiário, sobretudo nos veiculados pelas mídias digitais. Daí é que esta expressão passou a se referir, também, a itens correlatos, como o **Comunismo** e o **Nazismo**. Portanto, para se aprofundar sobre estas correlações temáticas, ver o livro *Esquerda caviar: a hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo*, de Rodrigo Constantino. Veja, também, o livro de Ludwig von Mises, denominado *A Teoria da Exploração do Socialismo-Comunismo*. Há, também, o livro de Alain Besançon, *A infelicidade do século: sobre o comunismo, o nazismo e unicidade da Shoah*. Outra obra: *Viagens aos confins do comunismo*, de Theodore Dalrymple. Nessa mesma tônica, ver um dos fundamentos ideológicos do Comunismo Russo, o **Jdanovismo** (Nos países da antiga União Soviética – notavelmente a Rússia, a Bielorrússia e a Ucrânia – o estilo do realismo socialista é tomado como sinônimo de Jdanovismo, a estética oficial do sistema, que foi assim batizada, em referência a Andrei Jdanov, comissário de Stalin, responsável pela produção cultural e propaganda). Do mesmo quilate de **Andrei Jdanov**, temos o personagem **Joseph Goebbels** (Ministro da Propaganda Nazista). Outro agente deste tema, é **Mao Tsé-Tung** (o pensamento deste é a alma da República Popular da China).

**FACT-CHECKING:** Termo traduzido como ‘A verificação de fatos’, é usado como nome genérico dado aos organismos que checas informações já difundidas pela mídia. Isto ficou mais popular, com o desdobramento desta ideia, via criação de diversas **Agências de Checagem**, tais como: a @agencialupa; a @afpcheamos; a @comprova; a @estadãoverifica; a @fatooufake; a @uolconfere; a @aosfatos; a @boatosorg; a @efarsas; os sleeping giants; e o seu correlato oposto, os @awake giants. Mais sobre o tema, veja o livro *Fake Brazil*, de Guilherme Fiuza; e, o livro de Michel Desmurget, intitulado *A Fábrica de Cretinos Digitais*.

**FAKE-CHECKING:** Expressão usada para identificar falsas checagens de origem das informações.

**FALÁCIA DO ESPANTALHO:** A Falácia do Espantalho é um formato retórico, de semelhante estrutura na Lógica, denominada de '**Petição de Premissa**', que se aproxima da ideia do '**Cherry Picking**'. Ocorre, quando uma pessoa pega um argumento do seu oponente em uma discussão, e o manipula para que ele pareça menos crível. Em suma, a 'Falácia do Espantalho' consiste em substituir um argumento válido do oponente por outro que se pareça com ele, mas que esteja errado. Desse modo, é mais simples rebater a pessoa fazendo-a perder a credibilidade do que apresentar outro argumento. Geralmente, isso é feito para defender ideologias políticas, religiosas e sociais.

**FAMILY FRIENDLY:** Traduzido como "Amigável para toda a família", esta é uma expressão que o YOUTUBE utiliza para definir / censurar suas políticas de seleção de palavras, títulos, conteúdos. Este é um viés mercadológico do 'Politicamente Correto', por meio do qual, as **Big Techs** doutrina ou ajustam seus usuários e ou consumidores, formatando indiretamente a 'liberdade de expressão', a qual, assim delimitada, padroniza condutas, falas, pensamentos, delimitando o que é ou não 'permitido', segundo os seus critérios de 'amigável para toda a família'.

**FARMS IN HERE, FOREST IN THERE:** Em meio a todas as discussões e discursos ambientalistas, esta expressão, que pode ser lida como "Fazendas aqui, florestas, lá", dá bem a tônica de como, países como os EUA ou a França, por exemplo, entendem a questão ambientalista como um todo.

**FIVE EYES:** Tal verbete nasceu, por meio de um acordo, em que se formalizou, a partir da assinatura da "Carta do Atlântico", em 1941, antes da entrada americana na 2ª Guerra Mundial, para a decodificação de mensagens alemãs e japonesas e para a partilha de informações secretas entre os Estados Unidos e o Reino Unido. Restrito inicialmente aos dois países, o sistema posteriormente agregou Canadá, Austrália e Nova Zelândia – formando, assim, os Cinco Olhos ou o Five Eyes unidos pela língua inglesa e pelo objetivo de antecipar os movimentos dos inimigos. As organizações de cada país que participam do sistema, agem sob o comando da **NSA**, dos EUA, e englobam outras agências como o **GCHQ** (Government Communications Headquarters), do Reino Unido, o **CSEC** (Communications Security Establishment Canada), do Canadá, o **ASD** (Australian Signals Directorate), da Austrália, e o **GCSB** (Government Communications Security Bureau), da Nova Zelândia. Juntos, eles criaram o **Echelon**, uma rede de vigilância global e de espionagem.

**FORECASTS NEWS:** Segmento jornalístico voltado ao contexto das previsões climáticas, podendo, inclusive, alcançar esquemas de previsibilidade econômica, política e social.

**GARANTISMO:** Muito em pauta em função da polarização política gerada, também, a partir de dentro ativismo jurídico do **STF** (Supremo Tribunal Federal), o termo nos remete ao garantismo italiano que, em essência, visava proteger, lá, os membros da **Brigada Vermelha**, organização paramilitar de guerrilha comunista italiana, formada no ano de 1970.

**GASLIGHTING** ou **GAS-LIGHTING:** Forma de abuso psicológico, no qual informações são distorcidas, seletivamente omitidas, para favorecer o abusador ou simplesmente inventadas, com a intenção de fazer a vítima duvidar de sua própria memória, percepção e sanidade.

**GATE KEEPING:** O Gate Keeping praticamente se opõe ao Cherry Picking. O Gate Keeping, por sua vez, consiste na tradicional prática de construir a pauta, de se selecionar a matéria que vai ou não ser publicada. Neste sentido, seus agentes atuam como uma espécie de ‘guardiões dos portões’ ou ‘porteiros’. É possível traçar um paralelo entre isso, o Gate Keeping, e o **Newsmaking**. Na Teoria do Newsmaking, o jornalista é um sujeito que constrói a realidade, porque tendo incorporado os critérios universais de seleção daquilo que distingue, ele conseqüentemente vai selecionar aquilo que é de acordo com a seleção já determinada pelas agências ou indústrias de notícias, assim, também tal postura se aproxima dos postulados do Cherry Picking.

**GLOBALISMO:** Sobre este assunto, busque as obras: “STEGER, Manfred B. *The Rise of the Global Imaginary: Political Ideologies from the French Revolution to the Global War on Terror*. Oxford: Oxford University Press, 2008 – [Na obra, Steger distingue os diferentes globalismos, tais como o globalismo da justiça, o globalismo da jihad e o globalismo do mercado. O globalismo de mercado inclui a ideologia do neoliberalismo etc.]. Ver, também, a obra: PENN, Lee. *Falsa Aurora*. [Neste livro, o autor demonstra como a criação de uma religião mundial também faz parte da investida rumo à unificação global e ao aparelhamento do pensamento e da forma de agir de um ‘cidadão global/ ideal’]. Por isso, é importante ler aqui, os vocábulos: **Great Reset; Nova Ordem Mundial; Pacto de Xangai e Projeto Blue Beam**.

**GREAT RESET:** Lido como sendo uma espécie de um ‘Grande Recomeço’, a expressão The Great Reset, também se tem feito sobrepôr, à ideia de **Globalismo**, a de **Nova Ordem Mundial**, aos pressupostos do **Pacto de Xangai**, e ao ideário controverso do **Projeto Blue Beam**. Sabe-se, então, que este grande reset, é uma proposta de reestruturação econômica, social, política, que propõe abertamente aproveitar-se de emergências globais, tal como foi a Pandemia de COVID-19, para tentar modificar profundamente o mundo. Sob o comando da elite do **Fórum Econômico Mundial**, e de instituições como o **Global Shapers Community**. Esta Shapers, é uma iniciativa do Fórum Econômico Mundial, composta por uma rede de hubs, desenvolvidos e liderados por jovens, entre 20 e 30 anos de idade. O Global Shapers foi fundado pelo presidente executivo do Fórum Econômico Mundial, o Professor Klaus Schwab, no ano de 2011, junto a outros financistas e intelectuais mundiais. Pretendia-se, à época da criação, acabar com as religiões, com as Nações e com a propriedade privada e, para alcançar esse alvo, seria necessário o estabelecimento, ainda que reais ou inventados, de ‘causas globais’, como a da solidariedade entre os homens, da alimentação saudável, do fim à desigualdade social, das mudanças climáticas. O reset, assim, assume ter como inspiração, o modelo de ‘capitalismo chinês’, baseado em parcerias feitas entre as elites econômicas, que detém o controle político sobre a sociedade, seguindo a mesma inspiração dos regimes fascista e nazista, responsáveis pelos maiores genocídios da história, no século XX. E, neste sentido, ideias como a da supressão de liberdades e a intensificação do controle estatal, ressurgem, colocando, lado a lado, um suposto grande avanço (via reset), e um imenso retrocesso (via valorização de posturas ditatoriais). Outras ideias se associam ao The Great Reset, que combinam, numa pauta ambientalista, a ‘desapropriação’ ou a ‘perca de soberania’ de grandes florestas e mananciais, bem como, preconizam ideias como a da abstenção da ingesta de carne e o

consequente desmantelamento do parque produtivo pecuarista mundial, colocando, em seu lugar, itens como a **dieta macrobiótica**, o **veganismo**, ou a chamada “**carne de laboratório**” (alimento feito a partir de plantas + células bovinas, que mantém o gosto, a aparência, a textura, o cheiro e o sabor da que vem do abate animal – [Ver texto: Alexander, P., Brown, C., Arneith, A., Dias, C., Finnigan, J., Moran, D., & Rounsevell, M. D. A. (2017). Could consumption of insects, cultured meat or imitation meat reduce global agricultural land use? {O consumo de insetos, carne cultivada ou carne de imitação pode reduzir uso global da terra agrícola?}. *Global Food Security*, 15(March), 22–32. <https://doi.org/10.1016/j.gfs.2017.04.001>), e a **entomofagia** (alimentação humana baseada na obtenção de proteínas oriundas de insetos) Ver texto: ROMEIRO, E. T. OLIVEIRA, I. D. CARVALHO, E. F. Insetos como alternativa alimentar: artigo de revisão. *Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade*, vol. 4, n. 1, São Paulo, 2015). Além disso, por detrás de uma ideia de **Open Government** (A expressão, literalmente, significa ‘Governo Aberto’, estimulam-se atitudes que preferiram projetos e ações que visem à promoção da transparência, da luta contra a corrupção, do incremento da participação social e do desenvolvimento de novas tecnologias, de modo a tornar os governos mais abertos, efetivos e responsáveis. O Great Reset embute seus fundamentos socioeconômicos e disseminam seus interesses particulares, disfarçando-os de estratégias de interesse global. Isso acontece, por exemplo, uma vez que, em nome de uma ‘transparência na governança’, Nações como o Brasil, são “convidadas” a entregar, para a realização de “estudos”, parte de seu patrimônio biológico nacional, além de fornecer informações políticas estratégicas e militares, relacionadas à segurança, para uma rede de entidades que inclui fundações biopolíticas aliadas ao sistema financeiro mundial, que mantém movimentos extremistas em todo o mundo, cujo propósito, em última análise, é o de empobrecer os países em desenvolvimento, tornando-os dependentes eternos de seus parques industriais. Enquanto isso, os financistas globais desse processo, são vistos como seres dotados de fantásticos poderes premonitórios, por terem previsto emergências climáticas, descompassos políticos globais ou locais, e emergências sanitárias, enquanto que, na prática, tais financistas advogam pela supressão de direitos básicos, fazendo com que a simples denúncia desse fato, seja simplesmente considerada uma fake new, lançando este evento ao escopo do descrédito e escondendo os interesses inescrupulosos atrás da cortina de fumaça das ‘teorias conspiratórias’. A crise provocada pela COVID-19, nos mostrou que nossos sistemas antigos não são mais adequados para o século XXI, afirmou, certa vez, Klaus Schwab. E, advertiu: “Em resumo, precisamos de um grande reset”. Afinal de contas, a Pandemia representa uma rara e estreita janela de oportunidade para refletir, reimaginar e redefinir tudo, e criar um futuro mais saudável, mais equitativo e mais próspero. A proposta infla ainda mais o seu lado assustador, por coincidir com os planos da extrema esquerda mundial, que atua em aliança financeira e estratégica junto à elite capitalista. Como foi admitido pelo influente filósofo marxista, Slavoj Žižek, a Pandemia de COVID-19 representa uma oportunidade para reinventar o Comunismo. Inclusive, foi Stálin quem disse que, face ao surgimento do Partido Comunista, nos EUA (fundado em 1919, por Charles Emil Ruthenberg): “abandonem, esqueçam o proletariado, nós precisamos ganhar os milionários e os formadores de opinião”. Foi assim, então, que parte dessa reinvenção do Comunismo, passou a ocorrer mais fortemente, desde os anos 60, momento em

que se difundem as ideias da **Escola de Frankfurt** e, sobretudo, o pensamento de **Gramsci**, condição em que se abandonou a tradicional ideia matricial comunista, a de '**Revolução do Proletariado**' (A revolução proletária se voltaria, à época, a dois eixos essenciais – um, o da luta contra o imperialismo; o outro, o da luta contra a burguesia proprietária dos meios de produção). Atual e paradoxalmente, o que vemos, é que, após o esquecimento dessas duas pautas típicas da Esquerda política, o proletariado só passou a ter representação garantida de suas necessidades, por meio de ações da Direita capitalista, que é a vertente que gera riquezas e implementa estratégias de transfusão de renda para os mais vulneráveis. Ou seja, exatamente os que dependem daqueles, os quais pensavam em derrotar, é que passam, de fato, a abraçar a '**Revolução dos Negros, dos Gays, dos Drogados, das Mulheres, das Feministas, da Ecologia**' e outras tantas insatisfações subjetivas, tornando o Comunismo, paradoxalmente contrário à sua origem. Hoje, o Comunismo se tornou um instrumento do grande capital internacional, uma vez que as suas pautas, para serem implementadas, precisam, dependem e servem à irrigação financeira do grande capital. No livro *Pandemia: Covid 19 e a reinvenção do comunismo*, Zizek propõe a mesma coisa que o grande reset. A semelhança é assustadora: “Quando governos austeros, reconhecidos por cortes implacáveis nos gastos públicos, decidem subitamente gerar trilhões, Žižek demonstra como uma nova forma de comunismo pode ser a única maneira de evitar uma descida à barbárie global”. O grande arquiteto dessa teoria, portanto, é Slavoj Zizek (ver livro acima indicado). Ao lado dele, temos Klaus Martin Schwab, com o livro: *COVID-19 – The Great Reset*, de 2020. Ambos defensores, portanto, da ideia de uma nova revolução econômica, que remodelará a economia do mundo, nos moldes chineses, para anular soberanias nacionais, impondo uma agenda global, cujo discurso de inovação e de alinhamento com os planos da elite financeira mundial se faz representar pelo Fórum Econômico Mundial, associados aos grandes grupos de comunicação e capitaneados, hoje, pelas Big Techs, sobretudo via redes sociais, como o Facebook, Twitter, o Telegram etc. Em suma, a ideia do grande reset representa uma reedição dos planos de construção de uma nova ordem global, a qual surgiria, a partir do controle totalitário da economia e da política, submetendo soberanias nacionais e a população, a fim de neutralizar o conceito de nações independentes, ao mesmo tempo em que suprimindo-se as liberdades e garantias individuais, substituindo-se o império da Lei, pela Lei do Império.

**GREEN NEW DEAL:** Esta é uma proposta que tem sido imensamente protagonizada pela AOC (sigla para 'Appellation d'Origine Contrôlée' – 'Denominação de Origem Controlada'). Trata-se de uma terminologia que garante a origem e a qualidade dos produtos agrícolas. Mas, o que seria isso? Do modo como foi o **New Deal** original, a nova resolução também se propõe a ser uma reforma econômica e cultural, mas agora, somadas aos esforços ambientais.

**GREENWASHING:** É um anglicismo, que dá a ideia de um 'banho verde'. Isto é, empresas e pessoas 'praticantes' ou 'adeptas' desta conduta, acreditam que a injustificada apropriação de virtudes ambientalistas, mediante o uso de técnicas de marketing e relações públicas, possa, de algum modo, lhes conferir melhores padrões de visibilidade perante à opinião pública. Uma das estratégias mais conhecidas e contemporâneas desta postura, é o **ESG**.

**HACKTIVISMO:** Termo oriundo da junção de ‘hack’ e ‘ativismo’, e que se vincula, de certo modo, às condutas típicas de um hacker. Contudo, tem ganhado autonomia semântica, na medida em que é normalmente entendido como sendo a prática de escrever código fonte, ou até mesmo se referindo ao ato de manipular bits, para impulsionar ideologia política, promovendo expressão política, liberdade de expressão, direitos humanos, ou informação ética.

**IDEOLOGIA DE GÊNERO:** Esta expressão incorpora várias tratativas quanto à diversidade sexual, tais como aquelas integradas pelo eixo da sigla **LGBTQIAPN+**, alcançando, também, outros termos, como o Sexismo, a Masculinidade Tóxica, o Machismo, o Feminismo. A ‘perspectiva de gênero’ é um tipo de doutrina que tem defendido ideias como a da instalação de banheiros coletivos, abertos tanto a transexuais quanto a crianças, educação sexual nas escolas baseada na tese da não existência de homem e mulher, abolição do modelo tradicional de família (homem, mulher e sua prole) e até na defesa da abolição do gênero em palavras e pronomes dos idiomas. Assim, tem sido possível se instalar em nossa sociedade, um processo de emasculação, que transforma homens masculinos em seres afeminados, e mulheres femininas em pessoas com vaginas, todos se relacionando socialmente engajados no combate à heteronormatividade e se comunicando por meio de um suporte linguístico denominado de ‘linguagem neutra’. Para saber mais sobre o assunto, veja os livros de Alfred Kinsey & de Wardell Pomeroy et al., *Sexual Behavior in the Human Male* (1948); e, *Sexual Behavior in the Human Female* (1953). Ver, também, o livro *O Outro Lado do Feminismo*, de Phyllis Schlafly.

**IMPERATIVO CATEGÓRICO versus INSTINTO:** Enquanto o primeiro é o pensamento organizado, o segundo, se contrapõe a ele.

**IMPrensa DE TORCIDA:** Este comportamento midiático tomou conta do país, especialmente a partir da criação do **Consórcio de Veículos de Imprensa**, em 2020. Desde então, o Brasil passou a ter uma espécie de ‘**Jornalismo amestrado**’ (esta expressão é atribuída ao Jornalista Políbio Braga). Logo, se origina desse contexto, uma ideia de imprensa distorcida, que se contrapõe à ideia de que o Jornalista é um agente de transformação, não podendo atuar diretamente para que ela aconteça. Ele é um observador qualificado a emitir suas análises, mas não um protagonista dos fatos: não pode e não deve tomar partido. Foi assim que, a partir de 2016, a imprensa assumiu de vez, seu viés de militância e que, a partir de 2018, ela própria, a imprensa, que tanto lutou pela redemocratização e pela liberdade de expressão, começou a aceitar e mesmo a praticar censura e autocensura de seus jornalistas, coibindo o exercício da liberdade de opinião, até mesmo nas redes sociais. Assim, a censura e a desqualificação de conteúdos viraram pautas das Big Techs e a grande mídia se transformou em “puxadinhos” de Partidos Políticos de oposição, transformando o expectador em militante de suas ideias.

**INTELOCRATA:** Como a competição no meio profissional não é propícia ao desenvolvimento da Filosofia, faz-se com que o decisivo nela não sejam as qualidades que fazem um filósofo, e sim as que fazem dele um hábil manejador social. Dois jornalistas que fizeram um estudo a respeito do meio acadêmico e editorial parisiense, disseram que a organização moderna da vida intelectual criou um novo tipo de intelectual, o intelocrata. É o sujeito que tem poder ou influência sobre o meio acadêmico, a imprensa cultural, a indústria editorial, e que funciona como um guarda de trânsito, abrindo ou fechando o caminho às

novas ambições. O intelocrata pode ser também um intelectual de valor, mas isto não é necessário para o exercício da função, que é de natureza política sobretudo. Este indivíduo, atuando nesse meio, seria uma espécie de lobista da inteligência. Em tal ambiente, os melhores saem quase sempre perdendo, pois dedicam suas energias à filosofia em detrimento da carreira. Para ver mais sobre o tema, veja: CARVALHO, Olavo. Curso de Filosofia – Primeira Aula. Casa de Cultura Laura Alvim: Rio de Janeiro, 15 de março de 1994 (Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/pensamento-e-Atualidade-de-aristoteles-parte-iv/>).

**ISENTÃO:** Expressão que se refere a um tipo de sujeito que vive em cima de um muro sociocultural de neutralidade. Comumente, o isentão é neutro. Em qualquer tipo de assunto que pode gerar controvérsia, o “isentão” típico se esconde atrás de uma retórica vazia, emite uma opinião que diz coisa alguma, não adula e nem fere ninguém. Contudo, este cidadão genérico, apático e anônimo ganhou feições, redes sociais, CPF e até cargos públicos, a partir do contexto de polarização política vivido no Brasil, entre 2019 e 2022. Isso foi assim, por que, no momento em que os ‘isentões’ resolviam descer da proteção quentinha do seu pequeno Muro de Berlim, caíam do lado esquerdo da fronteira ideológica que, até então, não assumiam ter traçado ou até mesmo renegavam a existência.

**JANELA DE OVERTON:** Também chamada de “**Janela do Discurso**”, descreve o teor ou o conjunto de ideias que a população tolera. É o grau de aceitabilidade de uma opinião na sociedade. Ela registra como a maioria das pessoas pensam em um certo momento, sobre um determinado assunto. Os assuntos podem se deslocar entre um extremo, absolutamente contrário, para outro, absolutamente favorável. A janela é a faixa que concentra o que a maioria aceita: “A aceitabilidade da opinião pública determina a viabilidade política de um fato”. Emitir opiniões fora da janela social considerada aceitável pode significar ser rejeitado. Opinar sobre o que está além do pensamento da janela pode ser um desastre para a popularidade de um candidato político. As etapas da ‘Janela de Overton’ são: a) Inaceitável; b) Verossímil (talvez pense nisso); c) Neutralidade (sem opinião formada); d) Provável (é possível concordar); e, e) Inevitável (ou aceitável).

**JORNALISMO NÃO É ARQUIBANCADA:** Jornalista não é torcedor, audiência não é plateia e notícia não é ingresso de show. Quando o Jornalismo, o jornalista ou a mídia se apodera do contexto, do fato, fazendo dele seu objeto de louvor, abandona a essência do Jornalismo e adentra ao cenário das relações públicas, passando a fazer assessoria de imprensa favorável ao seu objeto de louvação.

**JORNALISMO OPEN SOURCE** ou **JORNALISMO DE CÓDIGO FONTE ABERTO:** Também chamado de Jornalismo Cidadão, é ainda conhecido como ‘Jornalismo Colaborativo’ ou ‘Jornalismo Democrático’, uma vez que neles se privilegiam a participação da audiência na produção de conteúdo.

**LOCKDOWN:** Tipo de confinamento que se refere a um contexto de restrições de locomoção humana. Contudo, o que vimos durante a Pandemia de COVID-19, foi uma tentativa de “**Lockdown do Espírito Humano**”, conforme disse o então, o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Ernesto Araújo, CDH-ONU (22/02/2021).

**JURISTOCRACIA:** Sistema de governo, normalmente não democrático, baseado em decisões de juízes, magistrados, desembargadores etc. Neste suposto sistema de governo, qualquer juiz de qualquer instância pode decretar o que bem entender, se utilizando de mecanismos judiciais casuísticos para impor à sociedade, à um indivíduo ou instituição, a linha de sua percepção pessoal, ainda que servindo a uma ideologia ou grupo político, em prejuízo da Ética, da Legalidade Moral ou dos anseios populares.

**MEMES:** Vocábulo oriundo da palavra grega **mimema** – aquilo ou que é imitado. Logo, um ‘meme’ é qualquer unidade de cultura que se espalhe para além do alcance de seu criador. Podem ser chavões e frases de efeito, melodias que pegam, tendências de moda, ideias, rituais, imagens icônicas, e assim por diante. Diz-se que este termo foi cunhado pelo biólogo evolucionista, Richard Dawkins, em seu livro *O Gene Egoísta*, de 1976. Depois, foi relacionado a estratégias de mudança social, pela primeira vez, por Kalle Lasn, da Revista Adbusters.

**MOTIVATION ASSIMETRY BIAS:** Expressão que quer dizer ‘assimetria de atribuição de motivos’, se consolida na sociedade, como sendo um postulado teórico, donde se sustenta a crença de um grupo de que seus rivais são motivados por emoções opostas às suas (Ver verbete **SELF-SERVING BIAS**).

**METACAPITALISTAS:** Palavra que diz respeito a pessoas ou empresas que ficaram imensamente ricas e, a partir dos anos 60, enxergaram que podiam mandar em tudo dentro da estrutura social vigente. Talvez tal conduta se fundamente em argumentos da **Escola de Frankfurt**, a partir dos quais viram uma oportunidade de se tornarem donos do movimento revolucionário mundial. Ver David Baszucki, conhecido como **Builderman** (Temática disponível em: [https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=es&u=https://es.wikipedia.org/wiki/David\\_Baszucki&prev=search&pto=aue](https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=es&u=https://es.wikipedia.org/wiki/David_Baszucki&prev=search&pto=aue)).

**MIND SET** ou **MINDSET:** Expressão que diz respeito a uma espécie de modelo de configuração mental. Isto se manifesta, por meio de uma mentalidade, que compreende um conjunto pré-concebido de atitudes, de valores sociais, de conceitos culturais, quer pertencentes a um grupo ou a uma corporação. Individualmente, o mindset se revela por intermédio da ‘filosofia’ ou dos ‘valores’ que uma pessoa adota para si.

**NECROPOLÍTICA:** Achille Mbembe, Professor Universitário em Camarões, na África, desenvolveu este conceito, num Ensaio, publicado em 2016 (Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>), depois, em livro, em 2018. A ideia da palavra, faz referência ao uso do poder social e político, tais como o das forças de segurança pública, ou os agentes controladores dos mercados globais, ou ainda, os organismos internacionais multilaterais, para se decretar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer. Para mais sobre o assunto, consulte: <https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/>, ou <https://ponte.org/o-que-e-necropolitica-e-como-se-aplica-a-seguranca-publica-no-brasil/>.

**NEGACIONISMO:** Dentre as várias faces do que isso possa ser, o tema se espalhou pela mídia, normalmente associado às posturas do governo Bolsonaro, aparentemente voltadas a ‘não enxergar’ a realidade da pandemia de COVID-19, ao propor um não fechamento total da economia, além de dizer que ela, a COVID-19, se tratava de uma leve gripe e que o tratamento poderia ser iniciado com **cloroquina**.

**NIÓBIO:** O termo Nióbio ganhou a mídia, quando Bolsonaro, ainda durante a campanha presidencial, passou a citá-lo em seus discursos. Depois, já eleito, em lives semanais, entrevistas, o Presidente sempre se referia ao metal, como estratégico para o Brasil. Como elemento químico, o Nióbio tem propriedades de resistência à oxidação e à corrosão e é excelente supercondutor. Descoberto, em 1801, pelo químico inglês, Charles Hatchett, viu-se que a maior reserva desse metal se encontra no Brasil, de detém 98,2% da soma mundial do metal. É utilizado para fortalecer ligas metálicas aplicadas a tubos condutores de fluidos, peças aerodinâmicas e automotivas. Na medicina é utilizado em diagnósticos de imagem.

**NOMOFOBIA:** No CID (Classificação Internacional de Doenças), este termo figura como sendo o CID 10. Os sintomas podem ser ansiedade, sintoma de quando a pessoa se pensa incomunicável. Pode surgir suor, ter taquicardia, e até sentir tremores. E, a esse medo de ficar incomunicável, ligado principalmente à ideia de faltar o celular, e todas as sensações que ele causa, se dá o nome de nomofobia.

**NOVA ORDEM MUNDIAL:** A criação da expressão ‘Nova Ordem Mundial’, atribui-se à obra: WELLS, H. G. *A Nova Ordem Mundial: se for possível, como pode ser alcançado, e como deverá ser um mundo pacífico?*, de 1940. Desde então, esse é um dos livros mais importantes do mundo sobre o assunto, visto que trouxe propostas para a época da II Guerra Mundial, que visavam a uma nova geopolítica global, inspirando, inclusive, a criação da ONU e da União Europeia. Não se pode compreender bem o **BREXIT** (a saída do Reino Unido da União Europeia, em 31/01/2020), sem a leitura H. G. Wells. Este livro deu o formato atual à **Social-Democracia** do partido de Obama e Joe Biden. É, em suma, um pensamento que, hoje, se explica melhor, pela associação que se faz a outros vocábulos, como o **Globalismo**, e que também se aproxima da ideia do **Great Reset**, do **Pacto de Xangai**, e do **Projeto Blue Beam**. Para saber mais, veja [Olavo de Carvalho] ([https://www.youtube.com/watch?v=6niDa27EV\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=6niDa27EV_s)). Ver também o vídeo “O Brasil perante a nova ordem mundial” (Youtube).

**OPEN SOCIETY FOUNDATION (OSF):** Polêmica organização mantida pelo controverso húngaro-estadunidense, **George Soros**. Trata-se de uma instituição que angaria fama, tanto pelo volume da filantropia positiva à qual se vincula, quanto pelas suspeitas negativas e ou conspiratórias às quais são associados os seus ‘investimentos’. Dentre seus empenhos de recursos, estariam o financiamento do extremista brasileiro, **Jean Wyllys**, pago para estudar ‘fake news’, em Harvard; o financiamento da ONG Asuntos Del Sur, responsável, na Argentina, pela ‘Academia de Innovación Política’, entidade coordenada pela extremista Antonella Perini. Participação no financiamento da **ONG Anis Bioética**, cuja principal integrante, é a ultrafeminista e opositora feroz de Bolsonaro, **Débora Diniz** (ela é uma das mais conhecidas ativistas e defensoras da morte de nascituros). A OSF também patrocina o **Fundo Marielle Franco**, que se dedica a ações de doutrinação para as novas lideranças políticas de extrema esquerda. Contribui com o funcionamento do **fact-checking**, organismo atuante no Brasil, responsável pela censura e perseguição de certas ideias na internet. Sob a batuta financeira de Soros, estão também a **ONG Avaaz.org**, por meio da qual, **Alessandra Orofino**, fundou a **Purpose NY** (entidade ligada ao ativista **Jeremy Heimans**), alimentando por aqui, atos que representam o esforço de adesão de grandes fortunas globais para a mudança social sutil, por

meio de permanente propaganda de ideias globalistas e de incentivo ao ativismo digital.

**OPERAÇÃO DE BANDEIRA FALSA** ou **FALSE FLAG**: Operação de bandeira falsa são operações conduzidas por governos, corporações, indivíduos ou outras organizações, que aparentam ser realizadas pelo inimigo, de modo a tirar partido das consequências resultantes. O nome é retirado do conceito militar de utilizar bandeiras do inimigo. Na mídia brasileira, isto aparece subentendido, quando se tem tentado correlacionar os movimentos da Direita Conservadora com atos terroristas, os quais, algumas vezes, podem ter recebido ‘infiltrados’ em seu meio e, assim, a false flag se consolida.

**PAC**: Nome dado ao Programa de Aceleração do Crescimento, durante o governo **Dilma**, no Brasil. Mas, em última análise, pode-se dizer, também, que esta sigla, curiosamente faz uma referência, até certo ponto ‘implícita’, ao PAC – **Proletários Armados pelo Comunismo**, que foi uma organização extraparlamentar armada, de extrema-esquerda, criada em 1976, na região da Lombardia, Itália, e que foi dissolvida, três anos depois, durante os ‘anos de chumbo’ italiano.

**PACTO DE XANGAI**: O Pacto de Solidariedade de Xangai, também conhecido como o agrupamento dos ‘Cinco de Xangai’, criado em 26 de abril de 1996, com a assinatura do Tratado de Aprofundamento da Confiança Militar nas regiões de fronteira, em Xangai, pelos chefes de Estado do Cazaquistão, China, Quirguistão, Rússia e Tajiquistão. Inicialmente, foi um bloco político, econômico e de segurança, liderado pela China e, mais recentemente, tem-se voltado à composição de estratégias geopolíticas de dominação mundial. Ver Great Reset, Globalismo, Projeto Blue Beam, Nova Ordem Mundial.

**PANDEMINIONS & CORONALOVERS**: Expressando uma face oculta do ‘negacionismo’, estes termos se difundiram, ao se referirem àqueles que dão a entender que a Pandemia de COVID-19 teria sido um ‘Presente de Deus’ para a esquerda, por exemplo, ou aos que desenvolveram uma espécie de ‘apego’ ao vírus, como se ele, o vírus, é que fosse um redentor, capaz de nos redimir do velho normal, o que justificaria o Great Reset ou a criação de um ‘**novo normal**’.

**PAS DE NULLITÉ SANS GRIEF**: Princípio, segundo o qual, não se declara a nulidade de um ato sem que seja provado o prejuízo causado por ele. Ou seja, este ‘juridiquês’ veio à tona, em função de que a defesa de Lula o evocou, alegando plena nulidade de todos os processos sofridos por seu cliente, em função de que, em todos, ao menos ‘em tese’, o juízo teria sido tendencioso. Contudo, como este princípio reina soberano no ordenamento jurídico brasileiro, a CF/88 (**Constituição Federal**) exige que o que se alega sobre isso, de fato, seja fato que se comprove, e não que sejam meros frutos de cogitação, de hipóteses.

**PETIÇÃO DE PREMISSA**: Esta expressão derivada do latim – *petitio principii* (‘petição de princípio’), que, em última análise, é uma estratégia da **Lógica**, que se aparenta à ‘Falácia do Espantalho’ e ao ‘Cherry Picking’, oriunda da **Retórica**. O orador afirma uma tese, a qual pretende demonstrar como verdadeira, já partindo do princípio de que a premissa (que no começo do argumento é apenas uma hipótese), será tida como verdadeira, quando fizer sua conclusão.

**PLAYFOBIA:** Em 09/11/2022, esse termo ainda não se vinculava a uma doença em si, catalogada no CID (Classificação Internacional de Doenças). Contudo, o vocábulo, ao figurar em campanha publicitária do **Portal Brasil Paralelo**, a fim de divulgar os seus produtos, chamou a atenção dos usuários das redes sociais. Enfim, diferentemente do que já é possível afirmar sobre a **Nomofobia** (enquadrada no CID 10), a Playfobia ainda nos parece uma ‘especulação’, ainda que os supostos sintomas, dados a saber aos usuários, pelo Portal, sejam bastante comuns, tais como: sentir medo de apertar o play e perder tempo com um filme ruim, ou um que fira seus valores e os de sua família; saber como é se deparar com mensagens duvidosas ou cenas inapropriadas em frente aos seus filhos; não conseguir ficar tranquilos e aproveitar uma sessão de filmes em casa; ou até mesmo ficar indeciso em meio a tantas opções de programação.

**PRINCÍPIO DA PLAUSIBILIDADE EXTREMA:** Também denominado de ‘Plausibilidade do Paraquedas’. Aplica-se tal princípio, quando nos deparamos com eventos, cuja testagem não foi feita, se foi feita, pode ter sido insuficiente, ou, ainda assim, se foi feita, pode não ser totalmente confiável. No contexto mundial recente, quando se falou muito de Ciência e de falta de sustentação científica sobre vacinas, máscaras, distanciamento social, inevitavelmente se frequentou o território da retórica por meio deste artifício. Por exemplo, na vigência de uma plausibilidade extrema, devemos acreditar no fenômeno ou adotar uma conduta adversa a ele, independentemente de demonstração científica sobre a eficácia ou da não eficácia. Diante de uma situação de morte iminente, generalizada, não havia tempo, em alguns casos, para a realização de uma ampla testagem de medicamentos e de procedimentos, nem para a verificação dos efeitos colaterais ou de cura. Por isso, que esta ideia só é admissível na esfera do discurso, da retórica, visto que o que os argumentos a favor do uso de condutas baseados somente numa ‘possibilidade’, apenas consideram haver alguma plausibilidade quanto ao êxito, mas não o fato de ter validade para todos, em todas as situações. O exemplo clássico desta artimanha linguística, se dá pela alegoria do uso do paraquedas. Por exemplo, ao pular de um avião usando o equipamento, isso não necessariamente representa uma conduta utilizada para reduzir a mortalidade das pessoas. A proteção é somente uma possibilidade. Neste caso, ela é tão plausível (estamos, agora, diante de uma situação típica de ‘plausibilidade extrema’) que o paraquedas possa prevenir a morte, que não se realizou um ensaio clínico randomizado sobre a validade ou não da eficácia do uso do paraquedas no presente salto do avião. Agora, se ele vai mesmo funcionar, neste caso, ou em casos futuros e para todos, continuará sempre sendo uma incógnita. Foi assim, que o uso dos procedimentos técnicos e de insumos médicos, durante a fase mais crítica da Pandemia de COVID-19, foi muito mais pautada pelo ‘Princípio da Plausibilidade Extrema’, do que, necessariamente, pelas certezas científicas do que estava sendo proposto à humanidade. E, assim, pela evidente falta de comprovação de tudo o que estava sendo proposto, é que uma avalanche de críticas foi tecida, e ainda são, em boa parte da mídia que se considera séria.

**PRINCÍPIO DA SUBSIDIARIEDADE:** O princípio da subsidiariedade busca limitar o Estado intervencionista, defendendo um ‘Estado Subsidiário’, regulador e fiscalizador da economia. A subsidiariedade ordena as competências entre Estado e sociedade. Desse modo, o Estado atua como um igual, não como um ente superior ao setor privado

**PROJETO BLUE BEAM:** Blue Beam (Raio Azul, em inglês), é uma teoria controversa e vista tanto como conspiratória como tresloucada. Na faceta da conspiração, se defende que a ‘Nova Ordem Mundial’ irá utilizar uma avançada tecnologia de hologramas, a fim de criar falsos alertas de invasões alienígenas ou de um despertar religioso de grandeza mundial. O alvo disso, seria o de garantir a submissão das massas. Na faceta teórica, dizem que tal Projeto é alimentado pela obra LEWIN, Leonard C. *The Report from Iron Mountain* (Livro este que retrata o conteúdo, do homônimo documento, intitulado “O Relatório da Iron Mountain”. Disponível em: <https://www.oarquivo.com.br/temas-polemicos/verdades-inconvenientes/3770-o-relat%C3%B3rio-iron-mountain.html>, Dial Press, 1967). A obra de Lewin, contudo, é um livro dos mais favoritos entre os teóricos da conspiração. Nele inclui-se a alegação de que teria sido escrito por um Grupo de Estudos Especiais de quinze homens, cujas identidades permaneceriam secretas, e que não se destinaria a ser tornado público. Nele, se detalham as análises de um painel governamental, que conclui que a guerra, ou um substituto confiável para a guerra (tal como uma Pandemia de COVID-19, ou mesmo uma invasão extraterrestre [Como se vê no vídeo do ufólogo Steven Macon Greer: [https://youtu.be/\\_hMCpoiFm5M](https://youtu.be/_hMCpoiFm5M)] se quisermos atualizar o conceito), é necessário para que os governos mantenham o poder. A obra voltou à tona, durante a Pandemia de COVID-19, trazendo consigo hipóteses de invasão extraterrestre e orquestrações conspiratórias, tais como o Projeto Blue-Beam. Sendo sabidamente a guerra um fator de união dos países, em um hipotético futuro sem guerras, quais ameaças poderiam ter o poder de unir o Planeta em uma ideia comum? As respostas para essa pergunta deram origem às alternativas listadas no Relatório. O que faz do **Iron Mountain** polêmico, é a incrível coincidência de que os itens da lista aconteceram, ao longo das últimas décadas, ou foram apresentados pela mídia e pela opinião pública (líderes mundiais), como fatos, ameaças reais, ou motivadoras de profundas transformações sociais. Na faceta tresloucada, o Projeto Blue Beam previa a projeção holográfica de seres ou objetos para a população, tais como as imagens de Jesus, de ovnis, de Buda, de Maomé. O Projeto Blue Beam, segundo afirmam os seus ‘estudiosos’, tem assento também da **NASA** (Agência Espacial norte-americana), e seria implantado seguindo quatro passos diferentes, sendo que o essencial destes passos, seria o da criação de uma **Religião New Age**, com o Anti-Cristo à sua frente. Devemos nos lembrar que a religião New Age é o próprio fundamento para um novo governo mundial e, sem esta religião, a ditadura da ‘Nova Ordem Mundial’ é completamente impossível. Neste sentido ainda, também é visto como uma arma secreta de alteração da mente, baseada em algo, chamado de tecnologia da portadora subliminar, ou ‘Silent Sound Spread Spectrum’ [o **SSSS**] (também chamada de **S-Quad**, ou Squad’, no jargão militar). Tal tecnologia, por sua vez, foi desenvolvida para uso militar, pelo Dr. Oliver Lowery, de Norcross, Georgia, e está descrita na US Patent #5,159,703 — ‘Silent Subliminal Presentation System’, disponível para uso comercial, desde 1992.

**QUID:** É um laboratório de comunicação e mobilização para causas diversas, com foco no desenvolvimento de ações e campanhas baseadas em dados e na compreensão profunda de nichos de audiência, cultura digital contemporânea e conjuntura política (<https://www.quid.id/>). Trata-se de uma organização dedicada a construir e apoiar iniciativas que engajem pessoas em torno de causas sociais e políticas, por meio de atividades de comunicação e mobilização. Se ocupa em fazer isso com estratégias baseadas em dados e em uma compreensão profunda

de nichos de audiência, cultura digital contemporânea e conjuntura política, atuando em defesa de ideais democráticos e humanitários.

**RETRANCA:** Termo genérico para designar cada unidade de texto em jornal. Mais especificamente, designa o código (em letras e números) com que se localiza um texto nos diagramas de qualquer página de uma edição.

**RACISMO REVERSO:** Este tema vem acompanhado da memória ou do nascimento de grupamentos ativistas. Assim, o **ANTIFAS**, sem liderança central organizada, é formado entre 1920-1930, na Itália e Alemanha, como frente de combate ao Nazismo e Fascismo. Nos EUA, o movimento se fortaleceu com a eleição de Trump. No Brasil, após a eleição de Bolsonaro e, embora não tenham ligação direta, seus atos se vincularam aos manifestos de enfrentamento dos **Black Blocks**. De algum modo, esses asseclas trazem à tona os **Black Panthers** (O Partido dos Panteras Negras), originalmente denominado Partido Pantera Negra para Autodefesa. Esta, uma organização urbana socialista revolucionária, fundada por Bobby Seale e Huey Newton, em outubro de 1966, na Califórnia – EUA. Em seu bojo (no Antifas) circulam indivíduos, geralmente de esquerda, e costumam ostentar uma bandeira de cor vermelha – que representa o Socialismo – e preta – que representa o **Anarquismo**. Seus membros geralmente são anticapitalistas, quase sempre apartidários, combatem a **Lgbtfobia**, o machismo, racismo, combatem o neofascismo e outros movimentos supremacistas. Veja o livro sobre extrema direita: *A Europa hipnotizada: a escalada da extrema-direita*, de Milton Blay. Ver também, o livro de Demétrio Magnoli, *Uma gota de sangue* – história do pensamento racial.

**REDUCTIO AD ABSURDUM:** Artifício retórico, que consiste num tipo de argumento lógico, no qual alguém assume uma ou mais hipóteses e, a partir destas, deriva uma consequência absurda ou ridícula e, então, conclui que a suposição original deve estar errada. O argumento se vale do princípio da não-contradição e do princípio do terceiro excluído.

**REDUCTIO AD HITLERUM:** O argumento ad Hitlerum, é um termo cunhado pelo filósofo Leo Strauss, em 1951. É uma falácia lógica informal, que consiste em tentar refutar a opinião do seu adversário comparando-o com a opinião que seria alegadamente defendida por Adolfo Hitler, ou pelo partido nazi alemão. E é a partir de frases assim, que o engano se constrói: “Hitler foi um nacionalista e patriota, e, portanto, o nacionalismo e o patriotismo são formas de fascismo”.

**RUCKUS SOCIETY:** A Ruckus Society é uma organização sem fins lucrativos, que patrocina treinamento, estratégia e consultoria de compartilhamento de habilidades e ação direta não violenta para ativistas e organizadores de comunidades impactadas e de linha de frente, que trabalham com justiça social, direitos humanos, direitos dos migrantes, direitos dos trabalhadores e justiça ambiental. Foi fundada por Mike Roselle e Twilly Canno. No Brasil, há várias congêneres desta ideia, a exemplo da **Escola de Ativismo** (<https://escoladeativismo.org.br/>).

**RULE OF LAW:** Expressão cunhada a partir dos fenômenos anglicanos de origem do Direito (**João Sem Terra**, ano de 1.215), que indica aos governantes o dever de obediência ao princípio da legalidade. Isto tem aparecido nos noticiários, especialmente quando se dá ênfase à polarização política, em que surgem sugestões de que este ou aquele governante ou membros de seus respectivos governos têm tendência autoritária e que, portanto, estariam

contrariando o princípio do 'Rule of Law', ou, em última análise, segundo o viés que se queira dar às matérias, que este ou aquele governo, por isso, teria propensões fascistas.

**SELF MADE MAN:** Esta é uma frase clássica, cunhada em 02 de fevereiro de 1842, por Henry Clay, no Senado dos Estados Unidos, para descrever indivíduos, cujo sucesso está dentro de si mesmos. Benjamin Franklin, segundo este princípio, um dos fundadores dos Estados Unidos, foi descrito como o maior exemplo do self-made man.

**SELF-SERVING BIAS:** Expressão conhecida, também, por aportuguesamentos como **Viés da autoconveniência**, e **Viés autosservidor** ou **Viés de autosserviço**, exprime, em qualquer uma destas variantes, a tendenciosidade ou egotismo dos indivíduos, de atribuir aos seus sucessos a fatores internos, como inteligência, esforço etc., enquanto atribuem seus fracassos, a fatores externos, como o azar ou à incompetência alheia (Ver verbete **MOTIVATION ASSIMETRY BIAS**).

**SEMIPRESIDENCIALISMO:** Semipresidencialismo, ou sistema executivo dual, é um sistema de governo em que o presidente partilha o poder executivo com um primeiro-ministro e um conselho de ministros (gabinete), sendo os dois últimos, os responsáveis perante o poder legislativo do Estado.

**SENZALA IDEOLÓGICA:** O espectro político que deveria contemplar conteúdos de centro, de direita, de esquerda e até mesmo seus extremos, atualmente jaz confinado num limbo obscuro, cinzento e incompreensível, destituído de feição, que, além de não contribuir para o fortalecimento intelectual de ninguém, ainda lança gerações inteiras ao reduto de uma abstrata 'senzala ideológica', condenando a todos nós à prisão perpétua na miséria e ignorância, sem regime de progressão de pena, sem possibilidade recurso a instâncias superiores – por que a superioridade foi condenada como parte do 'mal' que nos rodeia e, portanto, extintas. Ao largo disso, a apropriação das negritudes e outras minorias por parte da esquerda, a pretexto do empoderamento destas mesmas minorias, faz exatamente o contrário do que promete. Isto é, fomenta o vitimismo, o ressentimento, a revanche racial, o racismo reverso e o cerceamento do livre pensamento. Enquanto isso, a velha esquerda, a esquerda raiz, meio que 'tira um sarro' das pautas da nova esquerda. A antiga esquerda se construiu sobre pautas, que hoje, podem ser consideradas até anacrônicas, mas não menos válidas e robustas, tais como a luta de classes, a condição de subsistência dos mais pobres, as necessidades de emancipação (financeira, intelectual e funcional) do trabalhador. A Fundação Bill Gates tem se preocupado com pautas como a igualdade de gênero, o aborto e o escurecimento do sol. Do seu lado, a nova esquerda moderna, universitária, se utiliza de personagens imaturos, inconsistentes ou senis, como Marcelo Freixo, Diogo Mainardi, Átila Iamarino, Greta Tumberg, Joe Biden, Alexandria Ocasio-Cortez, Ilhan Omar, Saul Alinsky, Felipe Neto, Fiuc, Luciano Huck, Guilherme Boulos, fazendo destes e outros mais, personagens-propaganda de pautas como a de totalitarismos políticos imaginários, genocídios improváveis. Para melhores entendimentos do tema, ver o pensamento de um grande intelectual de esquerda: Jacob Garennder, e seu livro *O Escravismo Colonial*. Ver também, o livro *Os Erros Fatais do Socialismo*, de Friedrich A. Hayek.

**SILENCE DAY:** Por volta do dia 15/01/2021, foi organizado, nos EUA, uma grande passeata contra a censura prévia praticada pelas Big Techs (Twitter, Facebook, Google, Youtube, Amazon, Apple, Microsoft, Wikipedia – que, por sinal, figuram entre os maiores doadores à campanha Democrata nos EUA). Estas empresas têm, sistematicamente, praticado atos de censura, **desmonetização** e banimento de usuários, segundo os critérios que elas mesmas estabelecem. Há, também, as **Big Farmers** (grandes empresas do agronegócio, tais como a JBS brasileira, que têm financiado, de modo obscuro, campanhas de difamação). A principal motivação para a realização do ‘Silence Day’, foi a expulsão de Trump do Twitter, evento este que se fez acompanhar pelo ‘cancelamento seletivo’ de diversos usuários das redes, notoriamente vinculados aos **Conservadores**, aos **Republicanos** e ao ideário de **Direita**.

**SÍNDROME FOMO:** Sigla para a expressão do inglês ‘Fear of missing out’ (medo de ficar de fora), é uma patologia psíquica em que o acometido tem medo de ser ‘cancelado’, de ficar tecnologicamente ‘obsoleto’, gerando ansiedade extrema em usuários de redes sociais, na medida em que as pessoas não conseguem acompanhar o ritmo frenético de atualizações de posts, perfis e de status de quem seguem, criando na cabeça de tais usuários a ilusão de que ficarão desatualizados desta vida digital.

**SIT-IN & TREE-SITS:** A primeira, é uma modalidade do repertório das ‘ocupações’, que consiste num modelo de ‘protesto sentado’. É uma forma de protesto não violento, em que se marca presença, ao ocupar lugar ou sentar-se no chão de um lugar, em geral, num espaço público. A segunda, consiste em sentar-se em árvores, como uma forma de desobediência civil ambientalista, que consiste em o manifestante sentar-se em uma árvore, geralmente em uma pequena plataforma construída para esse propósito, com o intuito de evitar o seu corte e derrubada.

**SLEEPING GIANT:** Agência de checagem da informação, que teve seu início, em novembro de 2016, logo após a vitória de Donald Trump na eleição presidencial dos Estados Unidos. Com o lançamento de uma conta no Twitter, o objetivo da Agência era o de cancelar o recebimento de verbas publicitárias pelo portal Breitbart News, por conta da sua intensa capacidade de produção e propagação de desinformação e de teorias conspiratórias. A campanha funcionou de maneira totalmente anônima, até julho de 2018, quando o publicitário Matt Rivitz confirmou que ele era um dos fundadores do grupo, depois de ser identificado pelo The Daily Caller. O primeiro tweet foi direcionado à empresa de finanças pessoais SoFi. O nome ‘gigantes adormecidos’ (Sleeping Giants), em tradução livre do inglês, é alusivo ao fato de grandes empresas não saberem onde os seus anúncios são publicados via mídia programática por serviços como, por exemplo, o AdSense do Google. O Sleeping Giants original – criado pelo publicitário americano e em operação desde 2016 –, conta com três brasileiros que decidiram criar uma versão tupiniquim do movimento, em 18 de maio de 2020.

**SOCIAL JUSTICE WARRIOR** ou **SJW** (em português: justiceiro social): É um termo utilizado para se referir a pessoas, instituições ou mesmo ações que têm como base visões socialmente progressistas, como a defesa dos direitos humanos, feminismo, secularismo, movimento LGBTQIAPN+, movimento negro, entre outros, tornado popular, a partir de movimentos como o do Gamergate.

**SOFTPOWER** ou **GUERRA CULTURAL**: Da sutil influência cultural, política, econômica e bélica, da União Soviética à da China, nos EUA, é disso que, em suma, trata o verbete Softpower. A interpenetração sociocultural, a presença subliminar do outro em nossa cultura. A ruptura com os valores nacionais em detrimento à valorização da cultura estrangeira. Sobre o tema, veja o livro de Albert Jay Nock, *Our Enemy, the State* ([Nós, o inimigo do Estado], de 1935). E, também, o livro *American Betrayal*, de Diana West. Em português: 'A Traição Americana', publicado pela Vide Editorial. Há, ainda, o Artigo "Soft China: O Caráter Evolutivo da Estratégia de Charme Chinesa", de Paulo Duarte, 2012 (<https://www.scielo.br/pdf/cint/v34n2/a05v34n2.pdf>).

**SOM DO SILÊNCIO**: O Som do Silêncio é tecnologia que funciona pela transmissão de sons indetectáveis pelo ouvido, mas que são implantados no córtex auditivo do cérebro. É o que existe de mais moderno no controle mental universal. Essa nova tecnologia de controle da mente pode, na verdade, fazer você tomar uma atitude que normalmente não tomaria.

**TEATRO DAS TESOURAS**: Em 1923, aconteceu a denominada 'Crise das Tesouras'. Esta, por sua vez, foi a primeira crise econômica da URSS, após a implantação da **NEP** (Nova Política Econômica). Essa crise recebeu esse nome, porque num dos informes econômicos dado às reuniões do Partido, apresentado por Trotski, ele mostrou um gráfico em forma de tesoura. Nesse gráfico, duas retas cruzavam-se, uma declinante (representando a trajetória dos preços agrícolas), e outra ascendente (dos preços dos produtos manufaturados). Esta nova situação provocou, no seio do partido, debates e conflitos que deram lugar a novos agrupamentos da oposição, dando origem a uma 'Oposição de Esquerda', dentro da própria Esquerda. Desde então, atribui-se a Lênin a expressão "estratégia das tesouras", que nada mais é do que haver dois partidos de mesmo matiz ideológico disputando determinado posto político.

**TERRAPLANISMO**: Dentre outras coisas, esta palavra nasceu meio que como argumento questionador quanto a famosa imagem da Terra, divulgada pela NASA, denominada de **Mármore Azul**, visto que não seria ela uma representação fiel do nosso planeta. Daí, o fato de haver vários indícios de manipulações de imagens, às quais temos sido submetidos ao longo de décadas, é que acreditam, os terraplanistas, que a Terra não é um globo, mas, sim, um planisfério. Assim, alegam os crentes dessa proposta, que contribuem para a revelação da planície da Terra, instituições como a **Maçonaria**, os **Iluminati**, os **Jesuítas**, as falsas ou manipuladas imagens de satélites, e mesmo o **Tratado da Antártica** que, ao impedir o trânsito de turistas e de pessoal que não cientistas, contribuiria para que a grande massa não tomasse conhecimento da verdade de que a Antártica não está nos pólos de um Planeta redondo ou oval, mas sim, serve de moldura para um planisfério. Respalda a construção de adesão a este conceito, dentre outras informações, o mapa azimutal (mais tipos de representação do Planeta são a cilíndrica e a cônica), além dos estudos e argumentos proporcionados pela **Ciência Lilarial** (ciência das ondas moduladoras entrelaçadas, constituída por sete pilares: magnetismo, densidade, pressão, luz, onda moduladora positiva, onda moduladora negativa, ondas moduladoras neutras – tempo zero ou tempo do não tempo), recorrendo ainda ao efeito de refração que, além de lhes oferecer certo embasamento quanto à absorção ótica da luz e das imagens pelo olho humano, também dão subsídios

que sustentam os difusores do conceito de **Terra Convexa** (mais abaixo). A projeção cartográfica azimutal é aquela que se obtém sobre um plano tangente a um ponto qualquer da superfície terrestre, a qual ocupa o centro da projeção (modelo de mapa este usado como emblema do logo da **ONU** – o que, para os seguidores do conceito terraplanista, é um dos sinais de que as autoridades mundiais sabem perfeitamente do que eles estão falando). Dentre os adeptos do Terraplanismo, estariam astros do basquete, como Kyrie Irving e Shaquille O’Neal, o rapper americano B.o.B, o Professor Siddhartha Lemos (um dos fundadores da página: <https://www.facebook.com/aterraaplana/> e dono do canal: <https://www.youtube.com/channel/UC3mPqVcle7WR40Xo7VGgLCw/videos> – com mais de 30.000 inscritos, em 19/01/2021), o Prof. Dr. Afonso Emídio de Vasconcelos Lopes, dono do canal ‘Ciência de Verdade’: <https://www.youtube.com/channel/UCDoPulvx88nh69fS5VJCNWg>; a jornalista Patrícia Steere (criadora do podcast ‘Flat Earth and Other Hot Potatoes’ – “Terra Plana e Outras Batatas Quentes”; o estadunidense Mark Sargent (tido como principal defensor do terraplanismo, autor do livro *Flat Earth Clues: The Sky's The Limit*, e protagonista do documentário NetFlix, “Behind the Curve”); e o Jota Martins – criador do canal ‘Sem Hipocrisia’ – <https://www.youtube.com/channel/UCcOnWiTa4GAfRBuZ2WjVR3g> (Ver vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=XH1ITfdsrM>). Este termo, o terraplanismo, contudo, voltou a ganhar as mídias no Brasil, desde que a eleição de Bolsonaro, trouxe consigo a redescoberta do filósofo Olavo de Carvalho e de muitas de suas ideias (Ver matéria sobre Terraplanismo, com alguns argumentos de Olavo: <https://www.metropoles.com/brasil/olavo-de-carvalho-nao-ha-nada-que-refute-que-a-terra-e-plana>; ver o próprio Olavo falando sobre o Terraplanismo em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1133838337570217984>; e, especialmente, também em: <https://youtu.be/miO1HK0X2HM>). Semelhantemente aos terraplanistas, há os argumentos científicos daqueles que acreditam na ideia da Terra Convexa (<https://youtu.be/rBE1VbjxPCU>). Pesquisadores do Dakila Pesquisas – <https://dakila.com.br/> – (em 2018 – Urandir Fernandes de Oliveira, presidente do Dakila), divulgaram resultados de um grande estudo, realizado com lasers, em que, segundo eles, constata-se a convexidade do Planeta, e, também, a existência de mais um continente (<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/terra-plana-grupo-que-desacredita-a-ciencia-ganha-adeptos-em-brasil>). Entretanto, contrapõe-se a tudo isso, além do empirismo das viagens espaciais, os experimentos matriciais dos filósofos Erastótenes – 276 a 194 a.C – (<https://youtu.be/G8cbIWMv0ri>), a partir do que se pôde averiguar a evidência de que a Terra, de fato, é redonda; e do astrônomo grego, Hiparco de Niceia – 190 a 120 a.C – (<https://www.suapesquisa.com/astrologia/hiparco.htm>). Ex-terraplanistas também abandonaram a ideia do Terraplanismo, da **Terra convexa** e da **Teoria do Domo** (<https://www.hypeness.com.br/2020/06/ex-terraplanistas-explicam-os-motivos-de-terem-abandonado-a-estapafurdia-teoria/>). Ou seja, esta discussão, aparentemente absurda, pode ainda ir muito longe.

**UK UNCUT:** UK Uncut foi uma rede de grupos de protesto, com sede no Reino Unido, criada em outubro de 2010, para protestar contra os cortes nos serviços públicos e a evasão fiscal no Reino Unido. Várias fontes descreveram o grupo como de Esquerda, quanto à sua orientação política.

**VACHINA:** Neologismo jocoso, criado para o vocábulo ‘vacina’, que passou a frequentar o noticiário, sobretudo, nos veiculados pelas mídias digitais. Ver a ‘Serum Institute of India (SII)’, que, além de parcialmente financiada pela Fundação de Bill e Melinda Gates, também é um dos principais fornecedores da Organização Mundial da Saúde (**OMS**).

**WANDA GROUP** ou **DALIAN WANDA**: Conglomerado multimídia chinês, fundado em 1988, por Wang Jianlin, com sede em Pequim, opera empreendimentos imobiliários, redes de lojas, hotéis de luxo e a maior cadeia de cinemas do mundo. O Dalian Wanda foi criado a partir da aquisição da gigante americana AMC Theaters, por 2,6 bilhões de dólares, em 2012.

**WEATHER UNDERGROUND ORGANIZATION (WUO)**: Organização extremista americana, mais conhecida como Weather Underground. De extrema-esquerda, foi fundada no campus de Ann Arbor, da Universidade de Michigan (1969-1977). Originalmente chamado Weatherman, o grupo se tornou conhecido como The Weathermen. A Weatherman, inicialmente, em 1969, era uma facção política do movimento **Students for a Democratic Society (SDS)**, cujas principais lideranças foram Bill Ayers e Bernardine Dohrn. Segundo o comitê do Senado que investigou suas atividades, o objetivo do **Weatherman Underground** era criar um partido clandestino e revolucionário para derrubar o governo dos Estados Unidos.

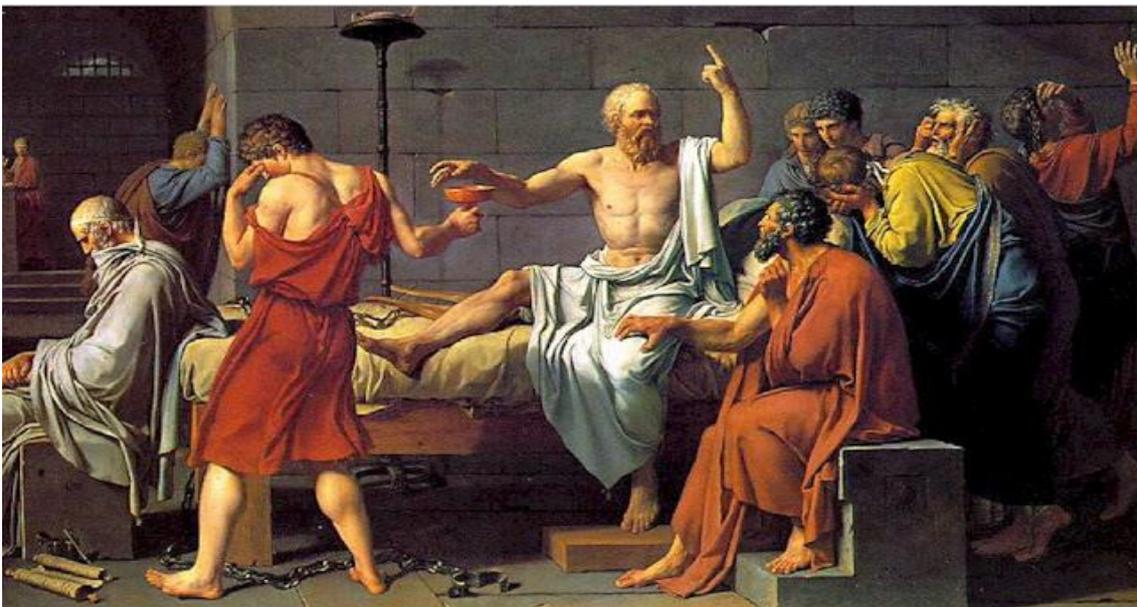
**WERGILD**: Termo ancestral lícito das atuais ilícitas **propinas** e **rachadinha** da corrupção. Também designado como Wergeld, ou Weregild, (e, no inglês antigo: 'man payment'), era um postulado que, na antiga Lei germânica, descrevia o valor da indenização a ser paga por uma pessoa que cometesse um crime à parte lesada ou, em caso de morte, à sua família. Em certos casos, parte do wergild era paga ao rei e ao senhor, visto se estes tendo perdido, respectivamente, um súdito ou um vassalo. O wergild era inicialmente informal, mas mais tarde foi regulamentado por Lei. É interessante lembrar que esse conceito, apesar de arcaico, se visto sob o viés da contemporaneidade do século XXI, representou um grande avanço, dentro de uma sociedade que ainda praticava (e, em alguns lugares, ainda se pratica), a reparação dos danos na mesma medida em que eles tenham sido cometidos (olho por olho, dente por dente). Pode-se dizer que o wergild tem vindo à tona, nos dias atuais, transfigurado pela ideia da propina, da rachadinha, da corrupção que, em última análise, sugerem que entre seus 'adeptos' (da propina, da rachadinha, da corrupção), se ofereça algum tipo de "compensação" para quaisquer das partes envolvidas, num dado intercurso social, quando uma delas julgar necessário algum tipo de "remuneração" pelo 'favor' prestado a outrem.

## A cicuta nossa de cada dia nos dai hoje

A imagem abaixo retrata o momento final da vida do Filósofo da Antiguidade Grega, Sócrates (469-399 a.C.). Ele foi condenado ao suicídio, pois se acreditava que ele perturbava a ordem vigente, corrompia as mentes e, em certa medida, tirava a beleza dos espaços públicos da Grécia com sua presença.

Sócrates, além de hábil pensador e eloquente litigante, era baixinho, gordo, calvo, narigudo, beberrão, pé rapado, esquisito. Logo, viu-se que era bem mais simples retirá-lo do cenário, do que entender, tolerar ou aprender o que ele haveria ainda de ensinar sobre 'paisagismo' aos Homens de todos os tempos.

Porém, antes de nos deixar, antes de beber seu cálice de cicuta, ele disse: “Já é hora de partir, eu para morrer e vocês, para viver. Quem vai para melhor sorte?”. Hoje, já temos a resposta:



(Link da imagem: <http://issocompensa.com/academia/socrates-a-cicuta-e-a-filosofia-na-praca>)

Esse evento, ressalvadas as devidas proporções, nos parece muito recheado de premissas semelhantes às aplicadas como justificativa para o expurgo judaico, durante a II Grande Guerra: “Esses narizes medonhos! Essas barbas piolhentas! Essas sujas e esgarçadas orelhas! Esses pés chatos! Essas roupas asquerosas e ensebadas! Veja como mexem suas mãos. Como pechinçam. Supostamente são homens” (*O Cogumelo Venenoso*: HIEMER, 1938, p. 13).

Tal prática pode também ter sido reverberada no Documentário de Tucker Carlson, de 2021, intitulado “Patriot Purge” (em português: O expurgo dos

patriotas), donde se demonstra como o Governo Biden passou a utilizar os acontecimentos de invasão ao Capitólio, em 06/01/2021, com a saída de Trump, da Casa Branca, para enquadrar, não só Donald Trump, mas também todos os que ali estiveram, como terroristas.

Essa conduta pode ter alcançado o Brasil, visto que foi paulatinamente acompanhando o Presidente Jair Messias, durante o seu governo, um cortejo de detração moral, política e pessoal. Por intermédio de forte campanha de caracterização depreciativa que lhe foi sendo imposta, que, no recorte de nosso livro, começa com as 216 palavras, depois foi se fortalece com as 53 que a elas juntamos, culmina com o *Manual Anti-Bolsonaro*, nos termos que já expusemos.

Utilizando tais subterfúgios, se convenceu a muitos, de que ele era um pária, um inadequado, um louco, um ditador, um ser abominável e até asqueroso. Assim, Bolsonaro, ao final de seu mandato, foi praticamente expurgado do Palácio do Planalto e, talvez e temporariamente, também da cena política nacional.

E, por conta dessa nossa cicuta nossa de cada dia, é que, no instante de fechamento do livro, fiz uma reflexão, uma espécie de ‘mea culpa, me maxima culpa’, sobre o fato de que, neste texto, eu ter resgatado como se fora um prócer, um arauto da comunicação, um dos sujeitos mais abomináveis que já pisou a face da Terra: Paul Joseph Goebbels. Mas, mesmo sabendo disso, por qual razão o fiz? Não teria sido mais politicamente correto negá-lo? Por causa disso, não haveria, também para mim, ao menos uma rele gota de cicuta a tomar?

Fi-lo, ao menos, por dois motivos. O primeiro, é o de que, por anos, lendo livros, participando de aulas, Congressos, em várias universidades, lendo vários autores, percebi que os recursos comunicativos criados por Goebbels, simplesmente, ou foram ignorados, ou, quando adotados, foram dados por autoria desconhecida ou seu pensamento comunicacional tido como anônimo.

A segunda razão, se não expressa exatamente o que sinto e penso, fica bem perto da semântica do que lemos a seguir: “Escrevo o que escrevo porque acho ser o certo. Tenho, sei disso, um estilo um tanto amistoso no trato da língua, mas um pouco hostil nos argumentos. Não escrevo para ganhar adeptos. Quem discorda tende a se sentir agredido; quem concorda se vê um tanto vingado, e os moderados se assustam um pouco [...]” (AZEVEDO, 2008, p. 176).

## Há uma guilhotina para cada um de nós – entre na fila

Desde antes da saída de Bolsonaro da presidência, passou-se a cogitar em persegui-lo, em prendê-lo, numa vendeta não oficialmente declarada, mas evidentemente em plena execução, os atos não se restringiriam à pessoa do Presidente, mas inevitavelmente, deveriam alcançar os seus familiares, os seus seguidores, políticos e jornalistas conservadores ou de Direita, empresas de comunicação, empresários:

Link da Foto: <https://istoe.com.br/arquiteto-da-tragedia/>

### OS 40 INDICIADOS

Nomes apontados como responsáveis por crimes na pandemia \*



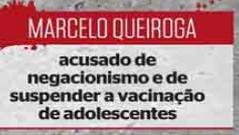
**EDUARDO PAZUELLO**  
difundiu o kit-Covid



**LUCIANO HANG**  
acusado de integrar o gabinete paralelo e difundir o kit-Covid



**CORONEL ÉLCIO FRANCO**  
acusado de comandar esquema criminoso de compra de vacinas



**MARCELO QUEIROGA**  
acusado de negacionismo e de suspender a vacinação de adolescentes



**RICARDO BARROS**  
apontado por participar de esquema de corrupção no processo de compra da Covaxin



**FÁBIO WAJNGARTEN**  
é acusado de mentir sobre quem orientou Bolsonaro na compra de vacinas



**ONYX LORENZONI**  
falsificação de documentos



**WAGNER ROSÁRIO**  
prevaricação em denúncias de corrupção

### TAMBÉM DEVEM SER DENUNCIADOS

|  |  |  |  |   |
|--|--|--|--|---|
| <b>Ernesto Araújo</b><br>ex-chanceler, acusado de atacar a China, fornecedora de vacinas                                   | <b>Coronel Marcelo Blanco da Costa</b><br>participou de suposto esquema de corrupção com vacinas                           | <b>Carlos e Eduardo Bolsonaro</b><br>os filhos do presidente atuaram na rede de fake news durante a pandemia | <b>Mauro Ribeiro</b><br>presidente do CFM, acusado de prevaricação, fake news e omissão na pandemia                    | <b>Carlos Wizard</b><br>integrante do gabinete paralelo                           |
| <b>Marcomny Faria</b><br>apontado como lobista da Precisa Medicamentos   | <b>Luiz Paulo Domingueti Pereira</b><br>vendedor de vacinas pela Davatti, suposta intermediária do laboratório AstraZeneca | <b>José Ricardo Santana</b><br>apontado como lobista da Precisa Medicamentos                                 | <b>Hélio Angotti Neto</b><br>ex-servidor, acusado de incentivar uso da cloroquina                                      |   |
| <b>Regina Célia Silva Oliveira</b><br>fiscal do contrato de compra da vacina Covaxin, é acusada de proteger Ricardo Barros | <b>Arthur Weintraub</b><br>gabinete paralelo   | <b>Mayra Pinheiro</b><br>integrante do gabinete paralelo   | <b>Coronel Helcio Bruno de Almeida</b><br>apontado como elo da Davatti com o Ministério da Saúde                       |   |
| <b>Pedro Benedito Batista Júnior</b><br>diretor da Prevent Senior, é acusado de estimular o uso do kit-Covid               | <b>Danilo Trento</b><br>acusado de participar do esquema fraudulento de compra da vacina Covaxin                           | <b>Paolo Zanotto</b><br>gabinete paralelo  | <b>Antônio Jordão</b><br>integrante do gabinete paralelo   | <b>Roberto Ferreira Dias</b><br>acusado de pedir propina para compra de vacinas   |
| <b>Francisco Maximiano</b><br>dono da Precisa Medicamentos, intermediária da compra da vacina Covaxin                      | <b>Nise Yamaguchi</b><br>acusada de ser integrante do gabinete paralelo, que incentivou remédios sem eficácia comprovada   | <b>Emanuela Medrades</b><br>diretora da Precisa Medicamentos, intermediária no processo de compra da Covaxin | <b>Carlos Wizard</b><br>gabinete paralelo  |   |
| <b>Coronel Marcelo Bento Pires</b><br>acusado de participar em negociações paralelas de vacinas                            | <b>Otávio Fakhoury</b><br>difusão de fake news   | <b>Emanuel Gatori</b><br>sócio da Belcher Farmacêutica, que representava o laboratório CanSino no Brasil     | <b>Cristiano Carvalho</b><br>representante da Davati, acusado de participar de suposto esquema de pagamento de propina | <b>Roberto Pereira Ramos Júnior</b><br>presidente do FIB Bank, do esquema Covaxin |
|  | <b>Luciano Dias Azevedo</b><br>mudança na bula da cloroquina   | <b>José Alves Filho</b><br>representante da Vitamedic, fabricante de remédios                                | <b>Osmar Terra</b><br>integrante do gabinete paralelo  |   |

\* Estão na versão atual do relatório final, mas pode haver mudanças pontuais

A hipótese de inépcia política durante a Pandemia de COVID-19, como a que se faz acima, unida à de rejeição interpessoal relacionada a Bolsonaro, aparentemente foi se orientando para a confirmação de seus próprios postulados, na medida em que vimos, ao longo dos últimos quatro anos (2019-2022), uma maciça disseminação de certas palavras e expressões jocosas, discriminatórias ou incriminadoras associadas a Bolsonaro, aos membros do governo, aos seus familiares e aos eleitores ou aos seguidores de suas ideias.

Logo, se conclui que, já nos primeiros momentos do mandato, o Presidente Bolsonaro não teve paz para governar, visto que contava com o andamento orquestrado de um nível de detração de sua reputação pessoal e dos integrantes do seu governo, não só bem difundido, como altamente ofensivo, tendo como suporte o meio linguístico e como vela propulsora, as *Big Techs* e a velha mídia. A capa da Revista *Isto É* (talvez, de 15/10/2021), ao lado, e.g, comparando Bolsonaro a Hitler, foi alvo de repúdio, de processo judicial, mas mantida, em nome de uma liberdade de expressão que, para outros, foi negada, reprimida, punida.



Este foi apenas mais um dos inúmeros capítulos, em que vimos um dos principais postulados da extrema-esquerda, o 'nós contra eles', sendo colocados em prática. No livro *Rules for radicals: a practical primer for realistic radicals* [Regras para Radicais], 1ª Edição, de 1946, seu autor, Saul Alinsky (1909-1972), enumeram-se 13 regras para um radical desafiar o sistema. Nesta capa da *Isto É*, está patente o uso da 5ª Regra.

Veja quais são as 13 regras: 1ª: Poder não é apenas o que você tem, mas o que o inimigo pensa que você tem. 2ª: Nunca vá além da experiência de seu grupo. 3ª: Sempre que possível, vá além da experiência do inimigo. Aqui você quer causar confusão, medo e retirada. 4ª: Faça o inimigo viver de acordo com seu próprio livro de regras. E essa quarta regra carrega dentro de si a quinta regra. 5ª: Exponha seu inimigo ao ridículo – eis a arma mais poderosa do homem. 6ª: Uma boa tática, é aquela de que o seu grupo gosta. 7ª: A sétima regra avisa que a tática que se arrasta tempo demais torna-se uma chatice. 8ª: Mantenha a

pressão. 9ª: A ameaça é normalmente mais aterrorizante do que a própria ação em si. 10ª: A principal premissa para a tática é o desenvolvimento de operações que irão manter uma pressão constante sobre a oposição. 11ª: Se você fizer uma acusação gravíssima, irá despedaçar a oposição. 12ª regra: O preço de um ataque bem-sucedido é uma alternativa construtiva. 13ª: Escolha o alvo, congele-o, personalize-o e polarize-o (ALINSKY, 1946, aqui, edição de 1971).

A oposição, o Consórcio de Veículos de Imprensa, sem querer, caíram numa armadilha histórica e teórica. A 5ª regra de Alinsky, praticamente revela nela estar embutido o pensamento de outro radical, o Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924), o Lênin: “Acuse-os do que você faz, chame-os do que você é”. Ou seja, se a regra consiste em fazer o adversário executar o que tem no manual de condutas que você mesmo fez e segue, logo, se você for acusar alguém de fascista, de genocida, isto, de acordo com a regra, tem que ser uma coisa que você, *a priori*, já seja ou faça. Portanto, “Acuse-os do que você faz, chame-os do que você é”, foi a arapuca de palavras dentro da qual a Isto É, sem querer, caiu.

As poucas palavras e expressões mencionadas no começo do livro (53 itens), catalisam a essência de todo o contexto depreciativo ao bolsonarismo. Estas, as encontramos em circulação nos telejornais, na internet, nos Anais dos tribunais, ou mesmo nas ruas, nas reuniões familiares, apesar de conterem elementos construídos socioculturalmente ao longo de todo o mandato de Bolsonaro, ou mesmo antes disso, posto que remontam, como vimos, a ao menos, três momentos bem interconectados.

Um, o do ano de 2018 (com o movimento #elenão). O segundo, passa pelo primeiro pedido de *Impeachment*, feito por Jocélio da Rocha, em 01/02/2019 e, depois, pelos outros que ao primeiro pedido se juntaram. E, finalmente, chega-se, sem muita dificuldade, a uma estética da discórdia e da rejeição, já bem estruturada, tornando praticamente natural e razoável, que uma lista de 216 palavras ofensivas a quem quer que fosse, passasse, de súbito, ser recepcionada pelo público como aceitável e expressão de algum tipo de verdade.

Foi assim, portanto, que, ainda no começo do mandato de Bolsonaro (2019), organizou-se uma lista ainda maior que a nossa (a que contém 53 tópicos), somando-se a estas, outras 216 palavras (conjunto predominantemente composto só de adjetivos). Estas, por sua vez, foram compiladas, segundo o

interesse de alguém ou de um grupo (não consegui apurar exatamente quem inicialmente as organizou, salvo, quem as postou ou a elas digitalmente se referiu).

Quanto a esta lista, a jornalista Márcia Martins também assinou embaixo da postagem de Cunha (2019), dando a ela a convicção de seu aval de veracidade, convertida e praticante que já era, da seita da mesmice Anti-Bolsonaro. Convém assinalar que fez isto, somente um mês depois de seu suposto primeiro autor já ter realizado esta mesma proeza, o Sr. Luiz Cláudio Cunha, o qual, ao que tudo indica, não podemos afirmar, foi quem deu à luz à tal lista dos 216 adjetivos, em julho de 2019 (MARTINS, 2019).

Parece ser argumento de consenso, que o próprio Presidente Jair Messias deu de presente para a oposição, as letras do roteiro de uma narrativa que se convenceu e que se fez convencer, de que Bolsonaro foi quem gestou, ainda que sem querer, o nascimento do #elenão, e que se fez o responsável indireto pela seleção das 216 palavras que viriam a qualificá-lo e, em última análise, que teria sido uma espécie de 'mentor intelectual' de uma autobiografia repugnante, habilmente disseminada pela grande mídia do Consórcio de Veículos de Imprensa e, assim, atuado como um apócrifo *ghost writer* (escritor fantasma, oculto) dos pedidos de impeachment interpostos contra si mesmo e, conseqüentemente, 'autor intelectual' do *Manual Anti-Bolsonaro*.

No tocante a esta observação, convém resgatar a ideia de Saussure, que preconiza que "Nada entra na língua, sem ter sido antes experimentado na fala, e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo" (SAUSSURE, 2006, p. 196). Por isso, talvez, é que Goebbels tenha obtido tanto êxito em suas estratégias de comunicação, visto que acreditava que "uma mentira dita mil vezes, se transforma em verdade".

Ou seja, confirma-se a hipótese dada no início, de que os fenômenos comunicacionais recentes no Brasil, não seguem a rota natural: paradigma → sintagma. Ela caminha em direção inversa, fazendo com que as ideias, mil vezes repetidas, ditem a formação de significados mentais: sintagma → paradigma.

De um lado, durante o processamento dos dados coletados para o nosso livro, notamos algumas ocorrências interessantes sobre esta lista de 216 itens. Uma

delas, é a de que todos os que fizeram menção a ela, à tal classificação, são militantes da esquerda política.

Por outro lado, nem de longe, nem uma lista, a de 216 palavras, tampouco a outra versão, a de 53 itens, deram conta de dar a devida atenção ao volume, à quantidade e à qualidade das palavras, de conceitos, de frases e de estudiosos que, graças aos fenômenos políticos, sociais e culturais ocorridos durante o governo Bolsonaro, ainda que não diretamente vinculados à pessoa do Presidente ou aos membros de seu governo, passaram a integrar o montante de conteúdos aos quais o brasileiro médio passou a ter acesso.

Isto se deu, por meio da mídia, por intermédio dos comentaristas políticos, pelo contato direto ou midiático com os parlamentares da situação e da oposição, por meio do acesso midiático aos atos do STF, do TSE, formando um acervo que cooperou, de modo ímpar, para o enriquecimento do repertório intelectual ao qual o cidadão brasileiro passou a conhecer e dono dele se reconhecer.

Neste sentido, portanto, é que o objetivo deste livro foi alcançado, ao ofertar ao leitor, uma listagem mais ampla, intercalando às 216 palavras, as outras 53 palavras e expressões, e assim, a estas 269 palavras ou expressões, pudemos juntar outro conjunto, um de 105 palavras e expressões, compilados durante os 04 anos de Bolsonaro Presidente, que trazem ao leitor, uma leitura conceitualmente mais robusta do que foi este período de governo bolsonarista.

Nesta compilação final, portanto, vimos itens lexicais, expressões linguísticas e referência a pensadores que, ao longo dos 04 anos de mandato de Bolsonaro, frequentaram uma parte do jornalismo brasileiro que não se integrou ou não se sujeitou ao viés de confirmação imposto pelo chamado Consórcio de Mídia. O Consórcio de Veículos de Imprensa foi e ainda é uma parceria estabelecida, em 08 de junho de 2020, entre os veículos de imprensa brasileiros O Estado de S. Paulo, Portal G1, O Globo, Extra e Folha de S. Paulo.

Ao lado do papel execrável que este Consórcio passou a exercer no terreno da produção e difusão da informação, juntou-se um indesejável ativismo judicial (via STF e TSE), instaurando no país, segundo sua a vontade de alguns Ministros do Supremo e do TSE, um Semi-Presidencialismo como Regime Político, o qual passou a ser auditado pela Juristocracia, protagonizada pelos mesmos

idealizadores desse novo Regime de Governo, dessa nova estética de Democracia sem povo.

Quanto ao quantitativo dos vocábulos e expressões aqui reunidos, agora já podendo fazer a soma:  $216+53+105 = 374$ , vemos que este evento aqui proposto não contempla a ideia de algum tipo de retrocesso, mas vai além desse mérito. Isto é, a mente que se abre para o que é novo, dizia Albert Einstein, jamais volta ao tamanho de origem. A partir da leitura do que aqui apresentamos, não nos será mais aceitável, regredirmos às 216 desqualificações, tampouco, ficarmos adstritos aos arroubos das 53 alcunhas. Elas até poderão continuar frequentando o imaginário político por muito tempo, porém, terão a segui-las, a sombra de outros 105 vocábulos e expressões que estiveram, sempre ao seu lado, ainda que ocultas pelo enviesamento da produção e difusão da informação.

Portanto, se unirmos Einstein aos princípios das palavras geradoras de Paulo Freire, vemos que estas, as geradoras, se constituem, invariavelmente, mais de vocábulos emocionais que racionais. E, segundo expunha o próprio Freire, esta espontaneidade linguística deve ser genuína e emanar da essência comunicacional de um povo, de um arcabouço intelectual ou de um repertório profissional. E é exatamente deste contexto freireano que os itens compilados nesta obra derivam. E é neste sentido que a inversão vetorial do paradigma linguístico saussureano se consolida.

Assim, nosso papel, é apenas o de sugerir que o leitor faça, por si só, o cotejamento entre o rol das 216 palavras utilizadas para caracterizar o governo Bolsonaro (no começo de 2019), colocando-as ao lado das outras 53 ocorrências que apresentamos, as quais a grande mídia notoriamente militante e enviesada acrescentou diariamente, ao longo de seu governo. E que a estas, se juntem as 105 sugestões que descrevemos no texto, totalizando, agora, os 374 verbetes bolsonarista. Assim, agradáveis ou não, eles todos ocorreram durante o mesmo mandato de Bolsonaro, e também estiveram, ainda que sem muito destaque, estampando as manchetes nossas de cada dia.

Como síntese dos resultados obtidos, vemos que, ao longo dos 04 anos do governo Bolsonaro, reunir tais palavras e expressões não o inocentaram e a ninguém do seu governo, ou de sua família, ou de seus amigos, ou de seus seguidores, ou de seus apoiadores, mas, certamente, podem permitir ao leitor

instituir um viés de análise e de comparação bem mais adensado e honesto do que sem esta nossa compilação se poderia fazer.

Nelson Rodrigues, jornalista, romancista, dramaturgo eficaz, cunhou uma das expressões linguísticas mais controversas e xistas sobre a realidade e o imaginário da juventude: “A juventude, é uma doença que se cura com o tempo”.

A juventude, ao longo da História, pode assumir, tanto o protagonismo quanto que paradoxalmente ser usada como massa de manobra, virando fantoches manipulados pelos partidos políticos, pelos organismos multilaterais nacionais e internacionais, tais como o IBAMA ou a ONU, pelas ideologias locais ou estrangeiras, tornando o jovem, prisioneiro e vítima de si mesmo (POERNER, 2004).

Se não concordamos totalmente com Nelson Rodrigues quanto à sua síntese, fica igualmente difícil refutá-lo, quando vemos com qual alegria e impetuosidade, a juventude adere ou se deixa conduzir, às mais diversas pautas políticas, mesmo que sem saber exatamente a razão. Foi assim, com os integrantes da Juventude Hitlerista, durante o Nazismo. Tem sido assim, com a juventude Lulopetista. E é provável que tenha sido também assim, para o bem e para o mal, com os meninos e meninas dos Colégios Cívico-Militares da Era Bolsonaro:



(Link da foto: <https://aquietrabalho.com/wp-content/uploads/2021/07/jair-bolsonaro-escolas-militares.jpg>)

É óbvio que não é assim que se chega a uma conclusão deste tipo. Seria um reducionismo apressado de nossa parte, afirmar que a juventude, per se, é responsável pelos resultados que se conseguem fomentar a partir da condução de institutos socioculturais que contem com a sua presença e força.

O que estamos dizendo é que, a juventude, em função de uma natural imaturidade, da pouca vivência e experiência em relação aos fatos e fenômenos do mundo, pode, não só voluntariamente aderir a determinadas causas, como também pode ser induzida a fazer esta ou aquela adesão, por meio de seus familiares, amigos, por lideranças jovens e até maduras dos mais diversos segmentos da cultura, da política, da economia, por celebridades da moda, do esporte, das redes sociais, do mercado financeiro.

Convém ressaltar, conforme teoriza Assumção (2012) que, enquanto isto acontece, em todas as sociedades, e não apenas na nossa, no Brasil, vemos que o senso de responsabilidade da juventude é apagado, impregnado que está pelo perfil do homem-massa. Em tal concepção, o jovem se entende pertencente a um grupo (os Hitleristas, os Lulopetistas, os Bolsonaroistas), e se percebe como tão somente uma ínfima engrenagem de uma imensa máquina em movimento, no que, então, o jovem vislumbra que alguém há de ser, enfim, o responsável por ele.

Assim, o jovem pode, então, espernear, até ser plenamente atendido, em todas as suas necessidades, mesmo que as soluções tenham de cair do céu. E é aí que está o centro do problema. Há políticos que prometem exatamente isso, entregar ao jovem e ao mundo, uma solução mágica para todas as mazelas sociais e humanas, condição que faz da juventude, a mais perfeita máquina de mover as ilusões e os iludidos para a beira de um abismo (ASSUMÇÃO, 2012).

Também, a título de esclarecimento final, temos que todas as palavras, expressões e conceitos dispostos ao leitor neste livro, foram captados, triados e desenvolvidos, a partir de audições atentas dos conteúdos difundidos pelos telejornais exibidos diariamente por veículos de mídia, emissoras de TV, Rádio, Streaming, como Band News, Jornal Gazeta do Povo, Joven PAN News, CNN Brasil e Internacional, FOX News, Rede Globo, Record TV, O Estado de S. Paulo, Portal G1, O Globo, Extra e Folha de S. Paulo etc.

Houve coleta de dados, em sites independentes, tais como os de Augusto Nunes, do Brasil Paralelo, de Caio Copolla, dos Estudos Nacionais, de Paulo Figueiredo Filho, do Sapientiam Autem Non Vincit Malitia (A Malícia não Supera a Sabedoria), do Politize, da TV Fórum, do Rodrigo Constantino, do Tudo Consta, da Revista Oeste, dentre outros.

Para a confecção desta escrita, tivemos acesso às obras de inúmeros autores (veja as Referências, ao final). A maioria de seus escritos não abordam o tema da linguagem ou da linguística stricto sensu, tampouco discutem a formação e a etimologia de nossas palavras e o uso de nossas expressões linguísticas.

Contudo, foi a partir de seus estudos sobre Arte, Política, Cultura, Economia, Filosofia, História, é que a compreensão dos fenômenos sociais, linguísticos e culturais, propriamente ditos, puderam ser mais bem notados e interpretados.

Dentre eles, figuram nomes como o de Ben Shapiro, Clóvis de Barros Filho, Frédéric Bastiat, Guilherme Fiúza, Jean-Jacques Rousseau, Jordan B. Peterson, José Luiz Fiorin, Luiz Philippe de Orléans e Bragança, Olavo de Carvalho, Paulo Mercadante, Rodrigo Constantino e outros mais.

Dentre os que tratam especificamente dos fenômenos sociolinguísticos, vemos Florence Carboni & Mária Maestri, Jean Dubois, José Luiz Fiorin, Louis-Jean Calvet, Marcos Bagno, Mário Eduardo Martelotta, Marshall B. Rosenberg, Massaud Moisés, Terry Eagleton, pontualmente lidos.

É possível afirmar, em última análise, que as redes sociais têm formatado, por meio de critérios de mercado ou de interesses ideológicos pouco iluminados de seus mantenedores, uma inédita “métrica de censura” e, assim, se constituído como uma espécie de tribunal geral da sociedade.

Em suma, vemos que esse tribunal cibernético tem gerado cancelamentos e estimulado terrenos de polarização sociocultural e política, se transformando numa ditadura digital, cuja bolha, composta por seus públicos, anunciantes, jornalistas e audiência, fica preenchida somente com aqueles que concordam com as afirmações que fazem quanto aos temas que lhes interessam.

Finalmente, nesse contexto, colocam-se frente a frente, membros das Agências de Chegagem, como os do Sleeping Giants e de seu correlato antagônico, o Awake Giants, tentando, em lados opostos uns dos outros, dar identidade e voz

para os militantes do cancelamento que, quase sempre, se valem do anonimato e aplaudem a censura que não recai sobre si.

Desejamos, enfim, aos que até aqui chegaram, uma boa e surpreendente reflexão sobre a leitura realizada, principalmente quando se derem conta de que todo o conteúdo com o qual entraram em contato, esteve o tempo todo disperso na grande mídia, mas que, diante do viés de torcida militante adotado por grande parte dos veículos de informação e das redes sociais, fizeram com que os melhores conteúdos sempre ficassem escondidos ou que tivessem o caminho de acesso dificultado para uma grande parte da população – o que é uma pena!

Tal contingente de excluídos, infelizmente, para eles, se faz representar pelo número de 60.345.99 eleitores que votaram em Lula. Estes, sem exatamente saberem a razão ou os fundamentos linguísticos e precisos que formataram o caminho mental de sua intenção em votar, percorreram uma estrada semântica que os levaram até à sua postagem do voto nas urnas. Antes, durante e até depois deste ato, tampouco se dedicam a conhecer ou a entender as consequências disso para o nosso futuro. Afinal, para eles, ‘o amor venceu’.

Nos parece que a síntese derradeira para este livro, se encaixa em dois gigantes da intelectualidade humana.

O primeiro dos dois, nos vem por meio de um pensamento atribuível a George Orwell: “A linguagem política – e com algumas variações, isto aplica-se a todos os partidos políticos, dos conservadores aos anarquistas – foi concebida para fazer as mentiras parecerem verdades e o assassínio respeitável, e para dar uma aparência de solidez ao puro vento”. Este trecho perambula sonâmbulo e profanado pela internet, mas, ao que a recorrência indica, foi extraído de algum ponto do livro *A Política e a Língua Inglesa*, de 1946.

O segundo, o Filósofo Sócrates, o que teria deixado como legado um universo de conhecimentos, mas que, ao menos uma de suas belíssimas frases, além de úteis para o usufruto da humanidade, também podemos emprega-la aqui, ao final de nosso livro: “A maneira mais fácil e mais segura de vivermos honradamente, consiste em sermos, na realidade, o que parecemos ser”.



Neste sentido, fica fácil a cada um de nós, buscarmos ao nosso redor, quem vive assim, sem maquiagem, sem filtro, sem véu de alegoria alguma. E, no atual momento da História brasileira, é igualmente necessário, sabermos

quem deseja substituir o império da Lei, pela Lei de um Império. Noutros termos, a realidade pôde até nos parecer grosseira, mas, ainda assim, ela haveria de ser melhor do que um suculento e inexistente pote de picanha no final do arco-íris.

## Referências

- ALINSKY, Saul D. Rules for radicals: A practical primer for realistic radicals. [Regras para Radicais]. Sine Loc: Ed. Vintage Books, 1971.
- AZEVEDO, Reinaldo. O País dos Petralhas. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BAGNO, Marcos. A Língua de Eulália – novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2012.
- BARBOSA, Bene. Sobre Armas, Leis e Loucos. Campinas – SP: Vide Editorial, 2012.
- BASTIAT, Frédéric. A Lei – por que esquerda não funciona? – as bases do pensamento liberal. Barueri /SP: Faro Editorial, 2016.
- BARROS FILHO, Clóvis de & POMPEU, Julio. Somos Todos Canalhas. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2019.
- BOCK-CÔTÉ, Mathieu. O Império do Politicamente Correto. São Paulo: É Realizações, 2021.
- CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística – uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARBONI, Florence & MAESTRI, Mária. A Linguagem Escravizada – língua, história, poder e luta de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CARVALHO, Olavo de. O imbecil coletivo. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1996.
- CARVALHO, Olavo de. Por que a Direita Sumiu. Diário do Comércio, 02/03/2012. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/tag/guerra-cultural/>. Acesso em 08/01/2023, às 18h55min.
- CHOMSKY, Noam & HERMAN, Edward S. Manufacturing Consent – The Political Economy of the Mass Media. London: The Bodley Head, 2008.
- CONSTANTINO, Rodrigo. Pensadores da Liberdade. São Paulo: Faro Editorial, 2021.
- COUTINHO, João Pereira. As ideias conservadoras explicadas e revolucionários e reacionários. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- CUNHA, Luiz Cláudio. 216 palavras para a imprensa definir com precisão Bolsonaro e seu governo, por Luiz Cláudio Cunha. O Jornal de Todos os Brasis – GGN, Redação, 31/07/2019, às 06h56min. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/artigos/216-palavras-para-a-imprensa-definir-com-precisao-bolsonaro-e-seu-governo-por-luiz-claudio-cunha/>. Acesso em: 08/01/2023, às 15h17min.
- DUBOIS, Jean et al. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1998.
- EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura – uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- FELLET, João. Carlos Bolsonaro: quem é o 'filho 02', o polêmico gestor das redes sociais de Bolsonaro. Da BBC News Brasil em São Paulo, 14/05/2019.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48114042>. Acesso em: 12/01/2023, às 00h19min.

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à Linguística - I. Objetos Teóricos. São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à Linguística - II. Princípios de Análise. São Paulo: Contexto, 2012.

FIUZA, Guilherme. Fake Brazil – a epidemia de falsas verdades. São Paulo: Faro Editorial, 2020.

FREITAS, Vladimir Passos. A relação da música de Adoniran Barbosa com o Direito. CONJUR, Segunda Leitura, 30/07/2017. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2017-jul-30/segunda-leitura-relacao-musica-adoniran-barbosa-direito>. Acesso em: 11/01/2023, às 21h36min.

GAZETA DO POVO. Como a manipulação da linguagem distorce a opinião pública. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=iuJPt\\_nJnPQ](https://www.youtube.com/watch?v=iuJPt_nJnPQ). Acesso em: 22/01/2023, às 01h49min.

GOEBBELS, Joseph. Diário – últimas anotações – 1945. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

H AidAR, Daniel. A saga de Lula contra 32 juizes em busca de salvação (ou ruína) nas urnas. EL PAÍS, 14/07/2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/politica/1499980905\\_950545.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/politica/1499980905_950545.html). Acesso em 22/01/2023, às 11h38min.

HIEMER, Ernst. O Cogumelo Venenoso. Nürnberg: Stürmer-Verlag, 1938.

KIRK, Russell. Breve Manual de Conservadorismo. São Paulo: Trinitas, 2021.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Márcia. Festival de besteiras que assola o Bolsonaro. Coletiva.net, 28/08/2019, 11h31min. Disponível em: <https://coletiva.net/colunas/festival-de-besteiras-que-assola-o-bolsonaro,318168.jhtml>. Acesso em: 08/01/2023, às 16h08min.

MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 1999.

MERCADANTE, Paulo. A Consciência Conservadora no Brasil. Rio de Janeiro: Saga Editorial, 1965.

PESSOA, Marcelo. A PRESENÇA DAS NOVAS GERAÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO: UM ENFOQUE NA GERAÇÃO Y. Revista AKEDIA, v. 2, ano II. Disponível em: [https://www.revistaakedia.com.br/files/ugd/314365\\_0f246a8d45694cc7b9140213f955b8e7.pdf](https://www.revistaakedia.com.br/files/ugd/314365_0f246a8d45694cc7b9140213f955b8e7.pdf).

PETERSON, Jordan B. Mapas do Significado: A arquitetura da crença. São Paulo: É Realizações, 2021.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana & BURIGO, Joanna. #Elenão deixou de ser uma simples hashtag: é um movimento feminista e político que pode mudar o Brasil. The Intercept Brasil, 28/09/2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/09/28/elenao-movimento-feminista-politico/>. Acesso em: 11/01/2023, às 23h40min.

POERNER, Arthur José. O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

RONAN, Gabriel. Lula exhibe diploma com erros de português; universidade nega entrega do certificado. ESTADO DE MINAS, Política, 21/08/2017. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/08/21/interna\\_politica.893778/lula-exibe-diploma-com-erros-de-portugues-universidade-nega-entrega.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/08/21/interna_politica.893778/lula-exibe-diploma-com-erros-de-portugues-universidade-nega-entrega.shtml). Acesso em: 11/01/2023, às 21h39min.

ROSENBERG, Marshall B. Comunicação Não-violenta – técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. A Origem da Desigualdade entre os Homens. São Paulo: Penguin Classics Cia. das Letras, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

SHAPIRO, Ben. Lavagem Cerebral – como as universidades doutrina a juventude. São Paulo: Trinitas, 2020.

SOARES, Ingrid. Lula diz que Bolsonaro é 'ignorantão', 'meio chucro' e 'capial'. Correio Braziliense, 22/09/2022, às 22h17min. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/09/5038811-lula-diz-que-bolsonaro-e-ignorantao-meio-chucro-e-capial.html>. Acesso em: 08/01/2023, às 18h38min.

TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. O surgimento do movimento #blacklivesmatter [vidas negras importam]. Lutas Sociais. São Paulo, vol.22 n.40, p.108-123, jan./jun. 2018. Disponível em: <file:///D:/Marcelo/Downloads/46658-Texto%20do%20artigo-134392-1-10-20191228.pdf>. Acesso em: 30/01/2023, às 16h36min.

TOSCANI, Oliviero. A Publicidade é um Cadáver que nos Sorri. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

VILLA, Marco Antônio. MARCO ANTONIO VILLA CHAMA BOLSONARO DE "BURRO" NO JORNAL DA CULTURA DEZ/2021. TV Cultura / Cortes da Língua Oficial, dezembro de 2021. Disponível em: [https://youtu.be/BYXX\\_dogxKU](https://youtu.be/BYXX_dogxKU). Acesso em 08/01/2023, às 18h44min.

VITOR, João. O desafio de um país que trata cultura com descontinuidade política. Fundação Astrojildo Pereira, Lei Rouanet, maio de 2022. Disponível em: <https://www.fundacaoastrojildo.org.br/tag/lei-rouanet/>. Acesso em: 08/01/2023, às 17h05min.